

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

ANNA KARINA GONÇALVES XAVIER

MULHERES JOVENS E PRÁTICA DA DUPLA PROTEÇÃO
EM UMA COMUNIDADE POPULAR DO RECIFE

RECIFE
2011

ANNA KARINA GONÇALVES XAVIER

**MULHERES JOVENS E PRÁTICA DA DUPLA PROTEÇÃO
EM UMA COMUNIDADE POPULAR DO RECIFE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof. Dr^a. Karla Galvão Adrião

RECIFE
2011

Catálogo na fonte

Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

X3m

Xavier, Anna Karina Gonçalves.

Mulheres jovens e prática da dupla proteção em uma comunidade popular do Recife / Anna Karina Gonçalves Xavier. – Recife: O autor, 2011.

120 f.: il. ; 30cm.

Orientadora: Prof. Dr^a. Karla Galvão Adrião

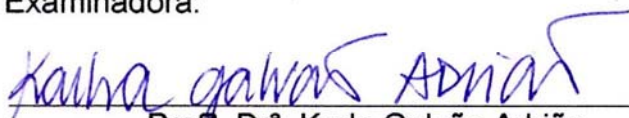
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2011.

Inclui bibliografia e anexos.

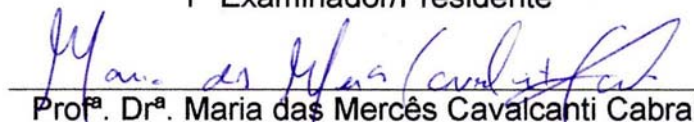
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO DE MESTRADO**

**Mulheres jovens e a prática da dupla proteção em uma
comunidade popular de Recife**

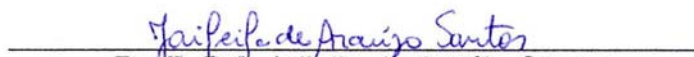
Comissão Examinadora:



Prof^a. Dr^a. Karla Galvão Adrião
1º Examinador/Presidente



Prof^a. Dr^a. Maria das Mercês Cavalcanti Cabral
2º Examinador



Prof^a. Dr^a. Jaileila de Araújo Santos
3º Examinador



Prof^a. Dr^a. Marion Teodósio de Quadros
4º Examinador

Recife, 28 de fevereiro de 2011

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles a todos/as aqueles/as que de alguma forma direta ou diretamente colaboraram para a concretização dessa etapa, difícil, porém maravilhosa que é a vida acadêmica.

Em especial a Professora Dr^a Karla Galvão Adrião, por sua paciência, dedicação, acolhimento e disponibilidade com que trilhou este caminho comigo.

Aos professores e professoras do Mestrado em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, pelas importantes contribuições no desenvolver desta pesquisa.

Aos colegas da turma, pelas trocas e discussões nas aulas. Em especial a Amanda, companheira de seleção e de turma, pelas conversas, conversas, conversas...

A minha mãe Jandira, ao meu pai José Carlos, e meu irmão Roberto pela presença e força com que me dedicaram durante esta caminhada.

A Euclides, meu companheiro, pelo amor, incentivo e dedicação ao longo desses anos e pelo privilegio de poder dividir com você mais um momento tão especial em minha vida

A meu filho Gabriel, pelos seus sorrisos e abraços como também pelo choro e gritos por causa da minha ausência. Sua existência é a razão da minha força para persistir nessa árdua caminhada. A nova criança que daqui há quatro meses vai chegar, mas que me acompanhou no fim dessa jornada.

Aos familiares e amigos que de longe deram força.

A companheira de pesquisa de campo Raíssa, que desde o início estivemos juntas indo a campo na busca de acalmar nossas inquietações como pesquisadoras.

A João e a Alda pela disponibilidade e carinho na resolução dos procedimentos burocráticos na secretaria.

À Professora Isabel Pedrosa, coordenadora do Mestrado em Psicologia, pelo empenho em conseguir viabilizar bolsas de estudo para todos os alunos do curso, incluindo a minha.

Agradeço também a CAPES e a REUNI pela concessão de bolsa de estudos que me possibilitou me dedicar com mais afinco à minha pesquisa

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

O universo escolhido – as mulheres jovens, as práticas de dupla proteção e as relações desiguais de gênero.....	08
--	-----------

PERSPECTIVA TEÓRICO-METODOLÓGICO	16
---	-----------

Metodologias Feministas na Psicologia	18
---	----

Pesquisa de Campo – A pesquisa qualitativa	20
--	----

Sobre as mulheres jovens	21
--------------------------------	----

A comunidade.....	24
-------------------	----

1 PASSEANDO PELO UNIVERSO DAS MENINAS	27
--	-----------

1.1 A Juventude na Contemporaneidade	28
--	----

1.2 As Meninas na Intimidade	31
------------------------------------	----

1.2.1 Luana	32
-------------------	----

1.2.2 Vanessa.....	33
--------------------	----

1.2.3 Taíza	35
-------------------	----

1.2.4 Camila.....	35
-------------------	----

1.2.5 Helena.....	37
-------------------	----

1.2.6 Talita.....	38
-------------------	----

1.3 Família	40
-------------------	----

1.3.1 A Família Pobre e suas Formas de Configuração.....	41
--	----

1.3.2 A Família das Jovens.....	43
---------------------------------	----

1.4 Sociabilidade	48
-------------------------	----

1.4.1 Um Olhar sobre a Comunidade do Ponto de Vista das Jovens	49
--	----

1.4.2 ‘Fogosas, Assanhadas e Arengueiras’ – As Jovens da Comunidade.....	51
--	----

1.4.3 O Posto de Saúde.....	55
-----------------------------	----

1.5 Roteiros Sexuais	59
----------------------------	----

1.5.1 Ela Só Pensa em Namorar	60
-------------------------------------	----

1.5.2 Quando Eu me Apaixonoo... ..	63
------------------------------------	----

1.6 Dupla Proteção – Prevenção e Contracepção	65
---	----

1.6.1 As Jovens, o Preservativo e outros Métodos	66
--	----

1.6.2 As Jovens Fazem Dupla Proteção?.....	69
--	----

2 GÊNERO EM PERSPECTIVA	78
2.1 A Performatividade do Gênero.....	79
2.2 Feminismos(s), Gênero e Psicologia	80
2.3 Novas Possibilidades entre Prevenção e Gênero.....	84
 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
 4 REFERÊNCIAS	104

ANEXOS

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo compreender como é a abordagem das mulheres jovens de uma comunidade popular do Recife-PE com seus parceiros sexuais do sexo masculino sobre questões relacionadas aos métodos de prevenção e contracepção. Métodos esses que levam as práticas de dupla proteção. Por dupla proteção entende-se a proteção contra gravidez não planejada e Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)/AIDS, sendo uma forma de sexo seguro para casais com relacionamentos heterossexuais e requer a concordância de ambos os parceiros (BERER, 2006). Esta pesquisa localiza-se no campo da Psicologia na interface com a saúde coletiva e a antropologia, mais especificamente no campo dos direitos sexuais e direitos reprodutivos. Tem como referencial teórico a categoria gênero, enquanto performatividade que constitui subjetividades entremeadas pelo poder nas relações, e, para tanto debate a partir do lugar dos estudos feministas na interface com a Psicologia. Utiliza-se da perspectiva qualitativa e de uma abordagem Etnográfica como metodologia. A Etnografia privilegia o lugar da observação em processos sociais objetivando identificar e compreender as práticas sociais. A revisão da literatura no Brasil, na última década traz para o debate que as mulheres jovens, especialmente as pertencentes às classes populares, tem dificuldades de praticar a prevenção e contracepção em seus relacionamentos afetivos sexuais. Dentre os variados fatores, destacam-se as relações desiguais de gênero, falta de diálogo em casa sobre o tema, algumas abordagens mal sucedidas pelos profissionais de saúde e falta de acesso aos insumos, entre outros. Esses fenômenos têm proporcionado dificuldades quanto à prática de dupla proteção para as mulheres jovens. Porém, mesmo diante das adversidades as mulheres têm contornado a situação e agido em prol da sua saúde sexual e reprodutiva. A partir desse panorama foram realizadas idas a campo por um período de dois meses consecutivos e posterior escolha de seis mulheres jovens para realização de entrevistas em profundidade com idades entre 17 e 24 anos, considerando a diversidade de seus relacionamentos afetivos sexuais. Para a sistematização das informações construídas com as interlocutoras, foram realizadas: transcrição na íntegra das entrevistas; leituras flutuantes e identificação das categorias. Destacaram-se como categorias: família, sociabilidade, roteiros sexuais e dupla proteção – prevenção e contracepção. A análise das informações traz para reflexão que as mulheres jovens estão realizando práticas de dupla proteção, mesmo que não nomeiem suas ações com este “rótulo”, além de estarem ressignificando as suas relações no tocante as questões de gênero. Percebeu-se também que há estratégias diferentes entre as jovens para a realização da prática de dupla proteção. Não se pode pressupor que haverá um modelo ideal para as estratégias de exercício da dupla proteção, uma vez que devem ser consideradas as subjetividades e os contextos do cotidiano. Os discursos das interlocutoras revelam uma convivência em suas práticas do que pode ser nomeado como “tradicional” quanto às relações de gênero e algumas mudanças no posicionamento das mulheres jovens nos seus relacionamentos afetivos sexuais quando tratam das práticas de dupla proteção.

Palavras-chave: Gênero; Dupla proteção; Mulheres jovens; Direitos sexuais e Direitos reprodutivos.

ABSTRACT

The currently study has the objective to understand how young women from a popular community in Recife-PE are treating questions about prevention and contraceptive methods with their male sexual partners, which leads to double protection. By double protection it is understood protection from not planned pregnancy and sexually transmissible infections (STI)/Aids, and has been a way to safe sex for couples with heterosexual relationships and requires agreement from both partners (BERER, 2006). This research involves Psychology connecting with common health and anthropology, more suitable to sexual and reproductive rights areas. The used reference theory is the gender category while performance that establishes subjective intermingled by power in relations and for so debates at first from the place of feminist studies connected with Psychology. The methodology is from a qualitative perspective and an Ethnographic treatment. The Ethnographic privileges observation in social process to identify and comprehend the social practices. The literature proofreading in Brazil in the last decade brings to the debate that young women especially from common classes have difficulty in prevention and contraception practices in their affective sexual relationships. Among many factors detach unequal gender relations, lack of dialogue in home about the theme, some less succeed treatment by health professionals, lack of access to input among other. These phenomenons have given difficulties to the practice of double protection to young women. However even before adversities women have by passed the situation and act in their sexual and reproductive health behalf. By this panorama it was made field research for two months all along and posterior choose of six young women for making interviews in depth with ages between 17 and 24 years considering the diversity of their affective sexual relationships. To systematize the information gathered with interviewees was made: full interviews transcription, floating reading and categories identification. The categories detach are: family, sociability, sexual topics and double protection – prevention and contraception. The information analysis brings to the mind that young women are making double protection practices even they do not call their actions with this “label”, beyond that they are giving another meaning to their relations about gender questions. It was noticed as well there are different strategies among young women to do the double protection. We can not presuppose that will be an ideal model strategies for double protection once we have to consider the subjective and the everyday context. The interviewees speech reveal a well-know practice that we can call as “traditional” in relation to gender and some changes in behavior from young women in their affective sexual relationships about double protection.

Keywords: gender, double protection, young women, sexual rights and reproductive rights.

INTRODUÇÃO

O UNIVERSO ESCOLHIDO – AS MULHERES JOVENS, AS PRÁTICAS DE DUPLA PROTEÇÃO E AS RELAÇÕES DESIGUAIS DE GÊNERO

Esta dissertação tem como objetivo compreender como as mulheres jovens estão abordando com seus parceiros sexuais questões relacionadas aos métodos de prevenção e contracepção, que levem a práticas de dupla proteção. Por esta entende-se a proteção contra gravidez não planejada e Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)/AIDS, sendo uma forma de sexo seguro para casais com relacionamentos heterossexuais e requer a concordância de ambos os parceiros (BERER, 2006).

Esta pesquisa está inserida em uma rede de ações de pesquisa denominadas "Mulheres jovens e dupla proteção em diferentes circuitos de socialidade: um estudo comparativo entre Recife e Caruaru - PE" coordenadas pela Prof^a. Dra. Marion Teodósio de Quadros e com assistência da Prof^a. Dra. Karla Galvão Adrião, que contam com um grupo de trabalho que vem pesquisando questões que dialogam com as que trago nesta dissertação. A importância desse diálogo pode ampliar o debate aqui travado, tendo em vista que fortalece os dados e as análises de ambas as partes. A elas vou me remeter nas análises e considerações finais.

O interesse da autora neste tema surgiu por estar implicada nas questões da saúde da mulher e dos direitos reprodutivos e direitos sexuais como uma das bandeiras de luta do movimento feminista. A implicação parte do lugar de mulher no mundo e que por isso vivencio experiências (SCOTT, 1999) que não são compartilhadas por todos/as. Segundo Joan Scott (1999) as experiências são vivenciadas a partir do lugar que se ocupa no mundo, isto é, se ocupa o lugar de mulher, negra, branca, pobre, classe média. E que são únicas, não sendo vivenciadas por todos/as.

O termo direito reprodutivo diz respeito sobre o direito das mulheres de controlar sua própria capacidade reprodutiva. Já os direitos sexuais acompanham os direitos humanos, sendo o segundo reconhecido pelas leis internacionais. Ambos incluem o direito de todas as pessoas sem exceção e banem todas as formas de coerção, discriminação, violência, preconceito devendo seus direitos ser protegidos e respeitados por todos.

Neste tema que circula mais fortemente entre a antropologia e a saúde pública, a intenção é a de trazer as reflexões da psicologia com o propósito de fazer uma leitura do lugar que hoje ocupo nesta seara. Inserem também as preocupações na perspectiva da ciência pós-estruturalista. Por esta entendem-se as ciências que rejeitam a objetividade, a neutralidade, o essencialismo e se aderem a reflexividade como posicionamento diante de seus interlocutores/as.

Com isso busco tornar visível o lugar que hoje a mulher de comunidade ocupa na saúde pública e como isso afeta na sua relação com as práticas de contracepção e prevenção das IST/AIDS.

Sobre o conceito de juventude que utilizo entende-se por ela como uma manifestação que acontece diferentemente de acordo com o momento em que passa a sociedade. Ela é marcada pela diversidade e ao mesmo tempo é dinâmica, muda de acordo com as transformações sociais que acontecem na história. Atualmente acredita-se que existem várias juventudes. “Na realidade, não há tanto uma juventude e sim jovens, enquanto sujeitos que a experimentam e sentem segundo determinado contexto sociocultural onde se insere” (DAYRELL e REIS, 2007 p. 4).

Ao iniciar esta pesquisa a inquietação ficou cada vez maior a partir da primeira visita à comunidade, pois começa-se a imaginar quem seriam essas mulheres, quais as implicações que essa comunidade traz para suas vidas, como elas se relacionam com os homens, o que elas pensam sobre gravidez e sobre IST/AIDS, qual a relação delas com o posto de saúde, o que elas fazem para se prevenir. Todas essas perguntas rodeavam quando das visitas à comunidade e começava-se a andar pelas ruas, olhar para as mulheres questionando-se também o lugar de pesquisadora e a sua relação com elas, suas interlocutoras, pensando se elas dariam as respostas pesquisadas.

Pensar sobre estas perguntas atravessava o estudo e demarcava lugares, contextos, que não se sabia ao certo onde levariam. Mas foi pensando as questões feministas, que dizem das implicações da mulher na pesquisa científica que começou-se a indagar sobre a não neutralidade, a não imparcialidade, e que a pesquisadora não estava invisível ali. Então pergunta-se, o que une a pesquisadora a essas mulheres?

A partir daí uma “intimidade” com a comunidade e com as mulheres jovens foi se entrelaçando, toda comunicação se tornou mais fluida. Sentar numa escadaria e conversar sobre sexo, tesão e rapazes bonitos com as mulheres jovens aproximava a pesquisadora delas e remetia à sua própria história de vida, pois muitas vezes encontrava em seus relatos questões vivenciadas na juventude. Fato que faz referir mais uma vez Joan Scott (1999) quando a mesma trata da própria experiência como parte da relação pesquisadora-pesquisada. Além dela, também me remeto a Donna Haraway (1995) quando a mesma trata do posicionamento da pesquisadora e do quanto se situa em questões de pesquisa a partir de própria história de vida e da relação que se construiu com as interlocutoras.

O encontro com as questões feministas se deu a partir do meu trabalho como psicóloga no Centro de Referência Clarice Lispector, que atende mulheres em situação de violência e sexista, no município de Recife. Quando cheguei lá pouco sabia das Teorias de Gênero e feministas, sabia mais de psicoterapia breve com todas suas teorias advindas da ciência moderna. Mas foi nas conversas com as colegas de trabalho que percebi que existia um universo desconhecido para mim. Então lancei mão da internet para conhecer todos os conceitos que as teorias de gênero nos trazem. Conheci Judith Butler, Joan Scott e Donna Haraway. Não foi fácil minha leitura solitária, ler sem discutir com alguém dava a conotação pra mim de uma leitura no vazio. Pensei que chegaria o dia de ler novamente, desta vez

embasada por uma interlocução mais apropriada, esse dia chegou quando entrei no mestrado em psicologia na Universidade Federal de Pernambuco, em março de 2009.

Mas acredito que nada acontece por acaso, pois fui trabalhar num centro criado por mulheres ligadas ao movimento feminista em Pernambuco, sem compartilhar de suas ideias e sem nomear-me como feminista. Em minha inserção na pesquisa de mestrado percebi como ser mulher, numa perspectiva desigual e marcadamente preconceituosa me incomodava. Como ser atribuída, ainda hoje em nossa sociedade, marcas discursivas de “fraca, submissa, passível, frágil, delicada” me deixava frustrada. O quanto estes lugares discursivos impunham práticas performativas de gênero que terminam por continuar colocando as mulheres em posições de desigualdade (BUTLER, 2003; NOGUEIRA, 2008). Ao conversar com as mulheres jovens da pesquisa percebi que esse incômodo já existia desde os meus quinze anos, que detestava ser “isso e nada mais”. Eu era feminista e não sabia. Disseram e eu acreditei, até certo momento, que todas as feministas eram feias, gordas, lésbicas, abandonadas por homens.

Autoras como Lady Selma Albernaz e Karla Adrião (2010) discutiram sobre algumas das implicações que essas noções “negativas” trazem ao campo dos direitos das mulheres, além de refletirem sobre o impacto dos avanços do feminismo na sociedade em geral e o que as pessoas no cotidiano pensam sobre esse assunto. Encontraram algo muito semelhante e ao que eu própria vivenciei em minha experiência particular. Essa reflexão levou-me a pensar sobre o que as jovens com as quais eu conversei demoradamente neste trabalho também pensavam sobre essas questões. E percebi o quanto o feminismo e os estudos feministas continuam atuais e necessários na sociedade contemporânea e no campo de estudos da Psicologia.

A minha entrada no Centro de Referência Clarice Lispector não chegou a me levar a militância¹, pois já me considerava “velha” para isso. Porém percebi que estudando, pesquisando e debatendo sobre o tema seria também uma forma de militância (PEDRO, 2005), e que essa combinava com o que eu pretendia com minha dissertação. Quando entrei no mestrado, percebi que dentre os temas que me interessaram, direitos reprodutivos e direitos sexuais, na interface com o debate sobre o conceito de dupla proteção foram os que mais me

¹ O significado de militância nesta pesquisa que utilizo será como sinônimo de atuar politicamente em algum movimento social organizado

mobilizaram. Principalmente porque esses, como outros tantos debates no campo dos estudos feministas trazem questões sobre o direito de decidir. Este foi e ainda é um termo que acompanha as ações feministas militantes e na academia, e advém da marca feminista de devolver à mulher o direito de escolher e decidir sobre seu corpo e sua subjetividade, sem imposições do Estado e de outras instituições familiares (AQUINO e ADRIÃO, 2006) E qual a importância disto para o campo da Psicologia?

A dupla proteção não diz respeito apenas à questão da contracepção e da prevenção a gravidez não planejada, Isto é, aos direitos reprodutivos. Este conceito também abarca a prevenção contra AIDS e IST, doenças que podem ser contraídas na relação sexual, ou seja, se há um livre exercício dos direitos sexuais, as mulheres podem negociar mais abertamente ambas as prevenções e por isso, quero estudar a dupla proteção.

Evidenciar a existência de muitos problemas na relação entre saúde pública, práticas de dupla proteção e mulheres jovens constituiu parte importante do meu objetivo. A bibliografia é bem extensa sobre estes temas, principalmente na antropologia. A psicologia criticada pelas reflexões feministas tem um longo caminho a percorrer. Mas é na reconstrução de uma nova psicologia, rebatizada pelo pós-estruturalismo e pelo pós-modernismo que desejo estar, através desta dissertação.

Para isso inicialmente a literatura me levou ao campo da psicologia feminista a partir de Conceição Nogueira (2001a) que trabalha sob a perspectiva do construcionismo social². Consciente, da minha busca, imbriquei-me no trabalho de campo³ e me questionei quais implicações de temas como a dupla proteção podem ter para a psicologia como apontei em parágrafo anterior.

O conceito de dupla proteção leva a práticas e ações humanas que exigem reflexões sobre sujeitos no mundo e essa questão é do interesse da psicologia. A necessidade de questionar crescia na medida em que adentrava nas leituras e no contato com o campo, no

² O construcionismo social é uma orientação teórica em que se baseiam as abordagens que apresentam alternativas radicais e críticas às disciplinas das ciências sociais e humanidade, assim com à psicologia e à psicologia social no sentido de criticar a ciência moderna. (NOGUEIRA, 2001a).

³ Os percursos metodológicos serão explicados mais adiante.

qual precisava articular os conceitos. Por fim, continuo atenta ao fato de que meu olhar de observadora é tomado a partir das minhas próprias reflexões do mundo e do lugar que ocupo, sendo possível ser atravessado por enviesamentos (HARAWAY, 1995).

Os trabalhos sobre dupla proteção ocupam especificamente mais a atenção de quem trabalha com planejamento familiar do que quem pesquisa na área das IST/AIDS. Os pesquisadores desta área estão mais preocupados com o tratamento e a pesquisa clínica relacionada ao HIV ou com análise das práticas sexuais, do que com o uso de proteção no contexto das relações sexuais, dando pouca atenção, se alguma, à dupla proteção (BERER, 2006).

Em meu trabalho tento articular a prática da dupla proteção com as relações de gênero⁴ e os direitos reprodutivos. O termo direito reprodutivo diz respeito ao direito das mulheres de controlar sua própria capacidade reprodutiva. E apenas em 1968, em Teerã, finalmente reconheceu-se o direito da pessoa a decidir sobre sua reprodução (TONELI, 2004).

Para tratar dessa questão divido esta dissertação em um capítulo teórico-metodológico que pauta a construção dessa pesquisa e dois capítulos de análise. A fundamentação teórica está descrita acompanhando a análise, ou seja, não construí um capítulo específico para a fundamentação teórica, pois me propus a articulá-lo com a análise.

Os percursos adotados nesta dissertação tentam responder a seguinte questão: Quais os discursos utilizados pelas jovens para negociação da prática de prevenção em suas relações sexuais? Para responder esta pergunta me orientei seguindo o objetivo geral: Compreender como as jovens estão abordando com seus parceiros sexuais questões relacionadas aos métodos de prevenção e contracepção, que levem a práticas de dupla proteção. Os objetivos específicos são:

- Identificar se há e quais são os discursos das mulheres jovens que levam a prática de dupla proteção;
- Analisar os entraves nos discursos das jovens que dificultam uma negociação favorável a prática de métodos de prevenção e contraceptivos;

⁴ As relações de gênero entendida como permeadas pelas relações de desigualdades e de poder (SCOTT, 1989)

- Identificar se as jovens percebem discursos que apontem uma desigualdade de gênero nos seus envolvimento afetivos.
- Explorar discursos de submissão quando a negociação não leva a nenhuma forma de prevenção.

Para analisar os objetivos descritos acima foi necessário construir categorias que compusessem o corpo da análise. Então elegi cinco categorias: família, sociabilidade, roteiros sexuais, dupla proteção, com duas subcategorias: contracepção e prevenção; relações de gênero. Sendo que esta última categoria aparece entrelaçada com as outras.

As primeiras categorias serão trabalhadas mais detalhadamente no primeiro capítulo da análise Passeando pelo universo das meninas e a categoria relações de gênero no segundo capítulo, gênero em perspectiva.

Escolhi a Etnografia como método porque mais me aproximou da realidade do cotidiano das jovens e da comunidade. O motivo de ter escolhido a Etnografia ao invés dos métodos tradicionais da psicologia foi por acreditar que em uma leitura pós-estruturalista da realidade as áreas do conhecimento se imbricam, não havendo mais necessidade de isolamento das áreas constituindo conhecimentos específicos particularizados de cada ciência.

A partir desta ideia vivenciei uma experiência de seis meses na comunidade, de novembro de 2009 a maio de 2010. E nesse período realizei observação e fiz entrevistas.

A perspectiva feminista exige uma intensa imersão no campo de pesquisa para compreensão das tensões existentes. Esse momento foi importante para identificar as igualdades e desigualdades nas experiências vividas pelas mulheres jovens.

A vivência na comunidade na companhia das jovens se apresentou como um momento de possibilidades. Ou seja, passando as tardes lá com elas pude dialogar sobre temas como direitos reprodutivos, direitos sexuais e dupla proteção, não necessariamente usando esses termos, mas os que elas me apresentavam, como gravidez, pílula, camisinha, AIDS, doenças e como esses assuntos circulam na comunidade.

No percurso da pesquisa de campo os encontros com as jovens não foram separados por assuntos, nem por temas para serem conversados, mas sim sobre o que surgia naquele dia após perguntas do cotidiano.

Todo o percurso realizado era anotado no meu Diário de Campo, muitas das informações relacionavam-se com o objetivo da dissertação e fortaleciam os tópicos importantes na relação entre dupla proteção, direitos reprodutivos, direitos sexuais e gênero. A estas informações junto com as entrevistas me detive na intenção de encontrar essa relação.

Também realizei visitas à Unidade de Saúde da Família (USF) da comunidade estudada e entrevistei as enfermeiras que são responsáveis pela realização do atendimento de planejamento familiar do posto local. Essas visitas foram transcritas e utilizadas como complementares em diálogo com o Diário de Campo.

Através desse percurso metodológico aliado aos estudos sobre gênero, metodologias feministas, dupla proteção, direitos reprodutivos e direitos sexuais foi possível compor esta pesquisa.

PERSPECTIVA TEÓRICO-METODOLÓGICA

A minha inserção no campo se deu a partir da perspectiva metodológica Etnografia. Dois métodos de pesquisa foram utilizados: a observação da comunidade através das conversas cotidianas, construção do diário de campo e as entrevistas em profundidade.

A pesquisa circula em três áreas do conhecimento: a Antropologia, a Psicologia e a Saúde Coletiva. Dessa forma o trabalho de campo encontra-se imerso nessas três áreas e, ao levar isto em consideração à perspectiva etnográfica foi a mais atraente. Principalmente porque esta perspectiva coloca a questão da familiaridade (VELHO, 1981) para o/a pesquisador/a.

A familiaridade é uma questão para os/as pesquisadores/as das ciências humanas, uma vez que lhes é mostrado/a que a imparcialidade e a objetividade não estão “cem por cento” presentes nas investigações e que os envolvimento acontecem inevitavelmente e que não significa uma imperfeição nas análises.

O método antropológico define-se por uma perspectiva onde a proximidade com o objeto de estudo requer aproximação “in loco” com aspectos da cultura e do cotidiano de uma comunidade. Estes podem ser explicitados através da observação e proximidade com o campo estudado.

Roberto da Matta (1974) discute a ideia de que o pesquisador na inserção na comunidade a ser estudada, deve transformar o exótico em familiar, assim como o familiar em exótico. Muitos pesquisadores, etnólogos se lançaram em sociedades distantes na busca de aspectos familiares naquilo que parecia exótico. E o contrário também foi feito. Um exemplo interessante é o do filósofo francês Bruno Latour e Steve Woolgar(1997) em seu livro “A vida de laboratório”. O autor entrou em um laboratório americano de biologia para realizar sua etnografia daquela comunidade científica que parecia ser tão familiar, e mostrou quantos contextos externos ao laboratório interferem nos resultados daquelas pesquisas incluindo aí a bolsa de valores.

Gilberto Velho (1981) em seu livro “Observando o familiar”, afirma que a pesquisa sobre o que é familiar pode envolver dificuldades diferentes da que envolve a pesquisa sobre

o exótico. A vida cotidiana pode trazer complexidades diferentes em relação a grupos ou sociedades distantes e /ou afastadas. Mas o desafio em pesquisar a vida cotidiana de uma sociedade urbana pode impulsionar o/a pesquisador/a ao conhecimento sobre sua própria realidade trazendo à tona o aparente óbvio e o que é dado como natural.

Roberto Cardoso de Oliveira (1998), em seu livro “O trabalho do antropólogo”, no primeiro capítulo traz à luz três etapas do processo de pesquisa etnográfica que ele revela como “ver, ouvir, escrever”. O autor explica que a observação e a entrevista fazem parte do “ato de ouvir” sendo este encarado como um processo cognitivo, onde os esclarecimentos para o que está sendo investigado são fornecidos pelos integrantes da comunidade, de forma tal que um “modelo nativo” é percebido a partir do ato de saber ouvir, em uma interação dialógica. Para ele, o “ato de olhar” deve se dar através da teoria disponível e que ultrapasse a mera curiosidade diante do “exótico”. E, por último, o “ato de escrever” enfatiza a autonomia do pesquisador, em relação à interpretação de dados em um processo onde a autoria é conjunta. Tanto o pesquisador quanto o campo se unem no ato de escrever, numa articulação entre trabalho de campo e construção do texto (GEERTZ, 1988). Há, portanto, nessas três etapas as vozes de todos os interlocutores que constituem o cenário etnográfico.

É a partir dessa perspectiva que se traço o caminho desta pesquisa. Acreditando principalmente que a imersão do pesquisador/a no trabalho de campo, visão tão custosa a psicologia, poderia me trazer à luz dos fatos cotidianos da comunidade pesquisada, principalmente quando se trata de um assunto como sexualidade que não só exige intimidade como também afinidades para que o tema seja confiantemente compartilhado com alguém que se conhece há tão pouco tempo.

A partir de agora entro no campo das metodologias feministas para situar a influência destas na psicologia. Na intenção de mostrar que parto deste lugar ainda marginal na psicologia para compor este trabalho.

Metodologias feministas na psicologia

As perspectivas feministas contribuíram enormemente para a instauração do movimento crítico nas ciências sociais, sugerindo um modo de pesquisa que instigasse os/as pesquisadores/as a questionar as suas formulações do conhecimento.

De acordo com a expansão de vários movimentos feministas, estes foram ganhando expressão no meio acadêmico, muitas perguntas ligadas a definição apropriada da ciência, com a adequação dos aportes teóricos, com os valores do empirismo tradicional e com os métodos psicológicos mais utilizados, foram se colocando de maneira inevitável.

A verificação de que a ciência psicológica havia sido alicerçada com base em elementos andrôcentricos, classistas, etnocêntricos e heterossexistas, consequentemente elitistas, fez com que fossem propostas revisões na forma como a investigação é conceptualizada, conduzida e pensada (NEVES, 2005).

O crescimento de metodologias feministas na psicologia veio preencher um espaço de ausência na inclusão das questões das mulheres e da igualdade na ciência. As metodologias feministas estão descritas na literatura, de uma forma geral, como instrumentos ou estratégias de mudança social que refletem diferentes perspectivas e teorias feministas, mas todas elas têm como base o mesmo princípio que é a igualdade entre os sexos (RAMAZANOGLU & HOLLAND, 2002).

Do ponto de vista feminista, é necessário haver uma análise reflexiva da investigação científica e social. Esta traz a idéia de que o conhecimento é moldado por quadros de referência sócio-políticos. Dessa forma, a reflexividade deve almejar analisar o impacto que esses quadros de referência têm na produção dos discursos científicos, tanto na comunidade científica, como na cultura popular (NEVES, 2005).

A reflexividade, ao constituir-se como exercício e instrumento de reflexão crítica, deve estar patente em vários níveis: primeiro, na identificação do exercício de poder, das relações de poder e dos seus efeitos no processo de investigação; segundo, na análise da teoria particular do poder que permite uma conceitualização particular das relações de poder escondidas ou não; terceiro, no reconhecimento dos julgamentos éticos que enquadram a investigação e definem os limites dos valores partilhados e dos interesses políticos; por último

na responsabilidade do conhecimento produzido (NEVES, 2005). A reflexividade é uma tentativa de tornar explícitas as relações de poder e os exercícios de poder durante a investigação, englobando as intenções de perceber quais as contingências do conhecimento e como está situado o/a pesquisador/a e como foi composta a investigação.

Segundo Donna Haraway (1995), as feministas produzem uma verdade particular e limitada, devendo ao fazer a investigação responder três questões: primeiro, a da responsabilidade; segundo, a do posicionamento e terceiro, a da parcialidade. Para isso os/as pesquisadores/as devem referir quem patrocina a investigação, quem será o beneficiado/a pelos resultados alcançados, quem é a pesquisador/a, como sua carreira e os objetivos se batem e quais são as políticas, os valores e as crenças do/a pesquisador/a.

As metodologias feministas são comprometidas com valores e ideologias, por isso são também intervencionistas, não deixam de estar ao serviço da mudança social. Dessa forma pode-se dizer que as metodologias feministas são reflexivas na forma como implicam o reconhecimento da influência dos fatores sociais, históricos, culturais e políticos na construção do conhecimento. Essas metodologias negam a neutralidade e a objetividade, mas o reconhecimento do envolvimento dos/as pesquisador/a na produção da ciência e dos seus discursos (NEVES e NOGUEIRA, 2005; NARVAZ e KOLLER, 2006).

De agora em diante neste capítulo busco expor a perspectiva teórico-metodológica escolhida por mim e posteriormente quem são minhas informantes a partir dos relatos que me foram apresentados.

Pesquisa De Campo - A Pesquisa Qualitativa

A Etnografia perspectiva teórico-metodológica presente nesta pesquisa é por natureza essencialmente qualitativa. A pesquisa qualitativa compreende a coleta dos dados como espaço para as relações entre atores sociais. O motivo que orienta para a sua utilização é que ela possibilita uma compreensão profunda e detalhada acerca dos discursos presentes nos contextos sociais específicos. De uma forma genérica sua definição pode ser dita como uma

“atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes. Nesse nível a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para o mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem.” (Denzin e Lincoln, 2006, p.17).

Para Mary Jane Spink (1999), a pesquisa produz sentidos e é perpassada pela interanimação de muitas vozes, isto são vozes não só dos/as pesquisadores/as e pesquisados/as, mas também, vozes dos autores que dão o sustento teórico da pesquisa, dos colegas, e outros. Todavia, ela ressalta que a interação mais importante é a que se estabelece entre o pesquisador e o pesquisado, pois, sem a colaboração dos/as informantes da pesquisa não existiriam as informações necessárias à produção de conhecimentos sobre as práticas sociais. Essa interação vai mais além do momento da entrevista, dessa forma, os/as informantes e o/a pesquisador/a encontram-se inter-relacionados do início da pesquisa até sua publicação.

De acordo com a noção da pesquisa qualitativa que adoto (DENZIN e LINCOLN, 2006) o próprio ato de investigar deve ser considerado como uma prática social e sujeita a reflexividade. Deve-se assumir a existência da não neutralidade e que a pesquisa é enviesada pelas experiências dos pesquisadores.

Orientando-se numa ética dialógica - pautada na competência interacional que é condição de possibilidade da vida em comunidade, sendo uma competência ética que vai além da moral prescritiva – a presente pesquisa considerou os preceitos éticos (plena informação,

livre consentimento e análise de riscos e benefícios) e os cuidados éticos (consentimentos informados, proteção do anonimato e resguardo do uso abusivo do poder na relação entre pesquisador e participantes).

Nesta pesquisa não é intenção da pesquisadora buscar verdades sobre a realidade, mas compreender as práticas sociais. Dessa forma todo dado interpretativo dessa pesquisa é considerado parcial, situado e específico aos contextos, sem pretensão de ser considerado como universal.

Esta intenção poderá ser acompanhada a partir dos capítulos de análise que seguem adiante no capítulo Passeando pelo universo das meninas e mostra a heterogeneidade com relação às jovens, a dupla proteção e suas formas de praticá-las dentro de um contexto que inclui família, sociabilidade e que vão se entrelaçar na trama dos roteiros sexuais.

As jovens pesquisadas constituem um grupo heterogêneo no qual suas práticas em relação a dupla proteção não seguem um modelo único mas cada uma estabelece uma atitude em busca da saúde sexual e reprodutiva.

Sobre As Mulheres Jovens

Para falar das mulheres jovens apresento um quadro sócio-demográfico com dados sobre idade, escolaridade, raça/cor, religião, se algumas delas são virgem, número de parceiros que já teve, estado civil, número de filhos, quantas vezes já foi à unidade de saúde da família em busca de informações sobre planejamento familiar, sua ocupação e poder aquisitivo.

Depois de concluída as explicações sobre o quadro sócio-demográfico faço um resumo da biografia de cada uma delas com informações coletadas durante a pesquisa de campo. A descrição da comunidade foi realizada com informações recolhidas das interlocutoras e através das impressões pessoais durante as visitas.

Quadro 1: Dados das entrevistadas

Nomes Dados	Vanessa	Luana	Taiza	Camila	Helena	Talita
IDADE	24	17	18	19	24	22
GRAU DE INSTR.	Fundam.	Médio	Fundam.	Médio	Médio	Fundam.
RAÇA/COR	Negra	Parda	Negra	Parda	Parda	Negra
RELIGIÃO	S/definição	Católica	Católica	Católica	Católica	Evangélica
VIRGEM	Não	Não	Não	Não	Não	Não
Nº DE PARCEIROS	8	1 ou 2	1	S/definição	1	1
ESTADO CIVIL	União estável	Solteira	Solteira	União estável	Casada	Casada
NÚMERO DE FILHOS	3	-	-	1	1	1
OCUPAÇÃO	Do lar	Estudante	Estudante	Do lar	Do lar	Do lar
IDAS AO POSTO DE SAÚDE	Nenhum	Uma	Nenhuma	Indefinido	Indefinido	Indefinido
PODER AQUISIT.	Baixo	Baixo	Baixo	Baixo	Baixo	Baixo

O Quadro 1 mostra que foram entrevistadas seis jovens de 17 a 24 anos. Sendo que duas delas já concluíram o ensino médio, e uma esta cursando o último ano do ensino médio. Entre elas não há nenhuma jovem branca, sendo três negras e três pardas.

Sobre religião quatro delas se definem como católicas, sendo uma delas evangélica e outra se definição. No qual a família vem tentando levá-la para as igrejas neopentecostais.

O grupo de mulheres é heterogêneo, mas não há virgens no grupo das jovens pesquisadas. Das seis jovens pesquisadas duas são solteiras, Luana e Taíza, e moram na casa dos pais. Duas são casadas, Helena e Talita, e vivem em suas casas com o marido e filhos.

Vanessa mora com o companheiro na casa da sogra. Camila mora com a mãe e a filha e seu companheiro mora em outra casa com o pai.

Com relação ao número de parceiros uma delas afirmou ter tido oito parceiros sexuais. Outra jovem declarou que teve entre um ou dois parceiros sexuais, pois ela considera a intimidade mesmo sem haver penetração como sendo relação sexual. Outra jovem não soube definir o número de parceiros sexuais, pois ela referiu-se a uma época da vida em que frequentava o ‘*espetinho*’ e lá bebia bastante, ficando com alguns rapazes e tendo relações sexuais com eles. Enquanto três das jovens pesquisadas relataram ter tido apenas um parceiro sexual.

Sobre filhos, três das jovens pesquisadas tiveram filhos. Vanessa tem três filhos de pais diferentes, Luana e Taíza não têm filhos. E Camila, Helena e Talita têm cada uma um filho/a. Entre as que têm filhos nenhuma delas deseja engravidar novamente. Sendo que Vanessa não referiu como vai evitar a gravidez, Camila faz uso do DIU, Helena usa pílula anticoncepcional e Talita faz uso de injeção trimestral. Entre as solteiras, elas evitam filhos usando pílula, no caso de Luana; e camisinha, no caso de Taíza.

Em relação à ida a unidade de saúde da família para buscar informações sobre planejamento familiar, duas das jovens revelaram nunca ter ido, mas frequentam o posto por outros motivos. Uma das jovens foi à unidade de saúde da família, na intenção de buscar informação sobre saúde reprodutiva. E três delas relataram um número indefinido, sendo que o início da visita no posto aconteceu a partir do nascimento do primeiro filho. As idas ao posto foram facilitadas pelas visitas das agentes de saúde comunitária (ACS) em cada residência para a marcação de consulta com o profissional de saúde responsável pelo planejamento familiar.

Sobre a ocupação das jovens pesquisadas quatro são donas de casa e duas são estudantes. Sendo que as jovens estudantes são as que são solteiras e moram com os pais.

O poder aquisitivo delas é baixo. Considerando o tipo de trabalho que o/a chefe da casa tem, na casa de Luana e Taíza tanto a mãe como o pai trabalham, podendo ter um poder

aquisitivo melhor do que entre as outras jovens em que apenas um membro da família trabalha.

A Comunidade

A comunidade fica situada na zona norte da cidade do Recife, localiza-se dentro de outro bairro maior e com mais estrutura, tipo: amplo comércio, mercado público, supermercado, escolas do estado e do município, bancos.

Ao seu redor encontram-se outras comunidades denominadas como ‘Altos’ ou ‘Córregos’, designando comunidades localizadas em locais altos e baixos, respectivamente.

Para ter acesso à comunidade é preciso subir ladeiras e mesmo dentro dela percorrem-se ladeiras íngremes e escadarias. A rua principal é asfaltada e larga por onde circula a linha de ônibus que leva o nome da comunidade. Outra forma de transporte é o ‘moto-taxi’ que transporta os moradores entre as áreas baixas e altas do bairro.

Na comunidade nem todas as ruas tem saneamento básico. Em algumas delas entre a rua e a calçada há uma vala por onde escorre a água utilizada pelos moradores. Há também ausência de recolhimento de lixo pela prefeitura em quase todas as ruas. Só na rua principal circula o caminhão de lixo. Onde os moradores precisam se deslocar até lá para deixar seu lixo.

Na comunidade suas casas são de alvenaria, não há presença de casas de barro, nem de taipa. Em muitas fachadas das casas observa-se cerâmica e portão de alumínio. Algumas delas, mais raras, possuem primeiro andar.

Não há comércio na comunidade, em algumas casas os moradores, abriram vendinha ou fiteiro, onde comercializam refrigerantes, pipocas, salgados e balas. O centro comercial que serve à comunidade fica dentro do bairro onde está situada a comunidade. Lá pode ser encontrado mercado público, supermercado, lojas de móveis, lojas de roupas e lojas de utensílios domésticos. Próximo a feira as pessoas depositam resto de lixo do mercado público, que atraem animais como porcos, cachorros, galinhas e pássaros.

É uma comunidade silenciosa, do tipo que não há pessoas circulando nas ruas. Houve momentos de completo vazio durante a pesquisa de campo. A justificativa para isso foi dada por uma das jovens que participou da pesquisa. Uma das jovens entrevistadas disse que as pessoas trabalham e as crianças estão ou na escola ou dentro de casa. E que também o fato de terem computador e internet em casa tirou as pessoas das ruas.

Outra jovem declarou que o momento de ver os moradores circulando nas ruas é a hora de deixar e buscar as crianças nas escolas, onde principalmente no final da tarde as mães param pra conversar nas calçadas.

Nesse horário de fim de tarde aproximadamente a partir da quatro horas vêm-se jovens nas ruas, sentados nas calçadas. O motivo de ser especificamente esse horário é por causa de não estar '*sol quente*'. Anterior a esse horário é comum que as pessoas estejam dormindo.

Alguns pontos da comunidade têm uma vista privilegiada, é possível ver morros, outras comunidades e a BR 101.

A comunidade tem uma liderança muito forte e articulada. A líder trabalha numa ONG que atua lá há muito tempo. A história da ONG começa com uma mulher que cria "Liga dos moradores do Alto do Paraíso" na qual era presidida por ela mesma.

A Liga era mista e tinha homens e mulheres. Até que a presidente quis fundar um espaço só para mulheres e criou outro espaço, cujo nome é o mesmo até hoje, Clube de Donas, lugar em que funciona como uma organização filantrópica, esse espaço cresceu tanto que a Liga praticamente desapareceu, mas ainda existe e só aparece em época de campanha eleitoral.

Esta ONG é conhecida como 'O Projeto'. É uma casa de dois andares, onde a frente dá pra uma rua e os fundos para outra. A frente está sempre fechada por cadeado e atrás a entrada é livre.

No térreo existe um terraço, um salão onde acontecem as aulas de dança, teatro e percussão, uma cozinha, uma sala da administração, banheiros, uma sala de armazenamento de materiais da instituição e uma sala que dá acesso aos fundos da casa e rua de trás. No

primeiro andar existem duas salas de aula, uma sala de informática, um banheiro, uma sala de reunião e duas salas utilizadas pela diretoria.

A ONG existe há 28 anos e trabalha na comunidade atuando com crianças, adolescentes e mulheres. A resposta do trabalho da ONG deu a comunidade um status de ser uma comunidade politizada, com características de classe média, crítica e que sabe como buscar informações.

A seguir serão apresentados os capítulos de análises que estão de acordo com as informações coletadas sobre as jovens e a comunidade.

Esta dissertação está dividida em um capítulo introdutório que apresenta a pesquisa mostrando o meu percurso e meus questionamentos sobre o campo de pesquisa, como também o caminho metodológico que segui para a construção dessa pesquisa. O segundo capítulo trata da análise de dois objetivos específicos deste trabalho, descritos abaixo, no qual analiso as categorias com as quais construí e trabalhei, mostro a heterogeneidade das jovens e as formas de prevenção da contracepção e das IST/AIDS no qual questiono a prática da dupla proteção que dentro de um contexto que inclui família e sociabilidade vão se entrelaçar na trama dos roteiros sexuais. O terceiro capítulo analiso outros dois objetivos específicos dialogando principalmente com o conceito de gênero de Judith Butler (2003). Procurei identificar se as mulheres jovens percebem os discursos que apontem para uma desigualdade de gênero nos seus envolvimento afetivos quando pretendem praticar a prevenção da dupla proteção e em seguida se elas relatam tentativas de práticas de prevenção com seus parceiros.

E nas considerações finais faço um resumo dos capítulos de análise junto com as minhas conclusões dialogando com o referencial teórico utilizado, abordando os pontos principais de cada capítulo.

1 PASSEANDO PELO UNIVERSO DAS MENINAS

Para este capítulo, procurarei analisar e discutir quais são as estratégias que as mulheres jovens utilizam nas relações com seus parceiros afetivo-sexuais, que levem a uma prática de dupla proteção. Em segundo lugar analisei os entraves nos discursos das jovens que dificultam a negociação favorável a prática de dupla proteção.

Para as análises e discussões dos dados, inicialmente construí um quadro com os eixos da entrevista, são eles: opiniões sobre a comunidade, amizades e características das jovens, história familiar, educação familiar, primeira atração, primeiro beijo, primeiro namorado, namoros seguintes, primeira relação sexual, envolvimento sexual com quem não namorou e métodos anticoncepcionais. A partir das respostas em cada eixo fui buscando as mais significativas, junto a isso também foram utilizados dados do diário de campo para preenchimento do quadro. Em seguida fiz um segundo quadro no qual, a partir da leitura do primeiro, encontrei cinco categorias, que são agrupamentos dos eixos da entrevistas: sociabilidade, família, gênero, roteiros sexuais e dupla proteção, esta última com duas subcategorias, prevenção e contracepção. Nesse segundo quadro, fui refinando as respostas das jovens até que cada categoria tivesse uma ou duas respostas significativas. Ao lado de cada resposta eu esboçava uma pequena análise. É a partir desse segundo quadro que basearei as análises e discussões deste trabalho.

Para cada categoria, busquei identificar o que as jovens têm em comum e o que as diferenciam, enquanto pertencentes à mesma comunidade. Em relação à categoria gênero ela estará presente dentro das outras categorias uma vez que as questões de gênero estarão permeando a análise. Nesse caminho, pretendo refletir sobre como as jovens estão abordando com seus parceiros sexuais as questões relacionadas à dupla proteção.

Neste trabalho trago o referencial teórico-epistemológico, baseado numa abordagem feminista pós-estruturalista (BUTLER, 2003 e HARAWAY, 1998; 2009). As informações são tratadas à luz dos estudos de gênero e feministas que utilizam o discurso como formador de subjetividades (BUTLER, 2003).

No entanto para uma melhor compreensão da minha análise em cada categoria é necessário entender como estão sendo vistas questões relativas a práticas sexuais, contracepção e prevenção na juventude e na contemporaneidade para então partir para uma compreensão das mulheres jovens. Para auxiliar este percurso será utilizado um quadro sócio-demográfico para situar as jovens e também a biografia delas e informações sobre a comunidade em que vivem.

1.1 A Juventude na Contemporaneidade

Atualmente, a visão do caminho entre a infância e a vida adulta foi ganhando novos horizontes na nossa sociedade. Um novo cenário social e familiar foi criado a partir das mudanças no estatuto infantil, conhecido como ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), ocasionando o redimensionamento da autoridade parental, as novas normas educativas e as transformações nas relações entre as gerações.

Foi no início do século XX que o termo juventude começou a ser categorizada, é uma categoria social recentemente construída. A juventude se manifesta diferentemente de acordo com o momento em que passa a sociedade. Ela é marcada pela diversidade e ao mesmo tempo é dinâmica, muda de acordo com as transformações sociais que acontecem na história.

Atualmente acredita-se que existem várias juventudes. “Na realidade, não há tanto uma juventude e sim jovens, enquanto sujeitos que a experimentam e sentem segundo determinado contexto sociocultural onde se insere” (DAYRELL e REIS, 2007 p. 4).

Juarez Dayrell e Juliana Batista (2007) afirmam que essa condição juvenil vai depender de onde esses jovens estão inseridos na sociedade. E essa condição se manifesta em várias dimensões, na qual destaca cinco características que essa condição se manifesta que são: o trabalho; as culturas juvenis; a sociabilidade; espaço e tempo e a transição para a vida adulta.

Frente a essa nova perspectiva, acontecimento como uma gravidez, ao invés de considerá-la dentro dos padrões tradicionais como um problema e inserção na vida adulta, ela é considerada como um fato contingente ao processo de autonomização juvenil, significando que a aprendizagem e construção da autonomia pessoal implica em desdobramentos não previstos, como a gravidez, terminando por reordenar a trajetória juvenil e familiar (BRANDÃO e HEILBORN, 2006).

Uma nova realidade também está presente na nossa cultura como, a extensão da escolarização, dificuldades de inserção e permanência no mercado de trabalho revelam uma dependência dos jovens com relação aos pais (BRANDÃO e HEILBORN, 2006).

Entretanto, essa dependência familiar não é impeditiva para o exercício da autonomia nessa fase da vida, e a sexualidade tem grande relevância. É necessário compreender as regras sociais que organizam o processo de construção da autonomia juvenil na contemporaneidade para engendrar outro olhar aos “problemas sociais” da juventude. É importante fazer a diferença entre dois conceitos no processo de individualização, a autonomia, entendida como autodeterminação pessoal e a independência, compreendida como autossuficiência econômica (BRANDÃO e HEILBORN, 2006).

É na esfera da sexualidade que a juventude experimenta formas de autonomia parental. É dentro da vivência da sexualidade nessa fase da vida que se vai gradativamente adquirindo liberdade e autonomia mesmo convivendo com os pais.

Segundo Elaine Brandão e Maria Luiza Heilborn (2006), a aprendizagem da sexualidade estrutura um território próprio, onde os jovens podem afirmar uma “identidade de

gênero”. Esse exercício relacional com seu/a parceiro/a, no qual a lógica de gênero tem papel decisivo, requer o domínio das regras de negociação a dois, tanto num relacionamento fixo como num ocasional. A gravidez ou HIV/IST podem ocorrer nesse percurso porque a interiorização das normas contraceptivas e de prevenção e seu subsequente controle podem não estar completamente dominadas pelos/as jovens. O que não significa que quando chegar a idade adulta serão experts na questão do planejamento familiar e na realização do sexo seguro.

No caso dos/das jovens o aprendizado e o domínio da contracepção e da proteção HIV/IST acontece gradualmente com a iniciação sexual. O uso de métodos contraceptivos e de prevenção ocorre sob determinadas condições, como no caso do preservativo, estar disponível para usá-lo naquele momento e tê-lo a disposição, determinação/resistência no jogo que se instala entre parceiros para o convencimento para uma relação desprotegida (BRANDÃO e HEILBORN, 2006).

O surgimento da contracepção médica (pílula, DIU), a medicalização da sexualidade e da reprodução lançou um conjunto de prescrições às mulheres, sugerindo determinado comportamento reprodutivo. Mas, as mulheres ainda enfrentam constrangimentos para cumprirem essas normas, principalmente por causa da hierarquia de gênero. O exercício da sexualidade e a decisão reprodutiva podem ser compartilhados entre o casal, mas a gerência da contracepção continua a ser responsabilidade da mulher, sendo ainda submetido à capacidade de autodeterminação e de negociação com o parceiro.

Resultados de uma pesquisa⁵ demonstram que 70% dos entrevistados (adolescentes) utilizaram contraceptivo na primeira relação sexual. Os/as jovens estão mais atentos a contracepção e prevenção nas primeiras relações sexuais, pela expectativa gerada, do que pela continuidade dos intercursos sexuais. Os métodos contraceptivos ou de proteção contra HIV/IST variam se os encontros sexuais ocorrem com parceiros fixos ou ocasionais.

A escolha de um método está inscrita num processo de aprendizagem e tomada de decisões no qual ter informações sobre métodos não é decisivo. Segundo Berquó citada em

⁵ AQUINO, EML, HEILBORN ML, KNAUTH D, BOZON M, ALMEIDA MC, ARAÚJO J, et al . Adolescência e reprodução no Brasil: a heterogeneidade dos perfis sociais. **Cad. Saúde Pública** 2003; 19 Suppl 2:S377-88.

Brandão e Heilborn (2006), ter conhecimento *a priori* não leva a uma mudança no comportamento. Pois há uma intensa divulgação de tais informações tanto pela mídia, escolas, serviços de saúde, ONGs. Espera-se que haja uma assimilação automática pelos jovens de uma postura de prevenção, principalmente entre os escolarizados. Conjetura-se que o acesso a informação modifique de imediato as práticas sexuais dos/das jovens, instalando-se um comportamento de prevenção que eliminaria os riscos. A forma como os/as jovens lidam e a introdução dos métodos é lenta, é necessária discussão entre os parceiros, autoconfiança, apoio social. Estar determinado/a e disciplinado/a com relação à escolha e adesão a um método dificilmente é compatível com o domínio dos primeiros passos sexuais.

A adesão a uma postura de prevenção está relacionada ao exercício sexual do/a jovem ser compartilhado pela família. Quando a vida sexual dos filhos/as não é discutida na família, a gestão da prevenção sem a parceria dos pais torna-se mais difícil. Porém, o fato dos pais terem conhecimento e recomendarem a prevenção não significa que isto seja feito.

Para Brandão e Heilborn (2006), o controle da contracepção é uma experiência subjetiva, que se apreende com o tempo, na vivência dos relacionamentos afetivos-sexuais, permeados pelas “assimetrias de gênero”. As decisões não são unilaterais, embora prioritariamente tomadas pelas mulheres.

Entre as jovens pesquisadas observei que o controle da contracepção fica sob a responsabilidade delas, não há participação do companheiro na tomada de decisão sobre qual método será escolhido pelo casal, como também durante o planejamento familiar o parceiro sexual não é convidado para ir junto com a jovem a Unidade de Saúde da Família para ambos terem informações sobre métodos e qual seria a melhor escolha combinando com a rotina e contexto do casal. Tal situação será compreendida a partir do tópico que trata das informações sobre a ida das mulheres jovens a unidade de saúde.

1.2 As Meninas na Intimidade

Sobre as jovens pesquisadas a biografia contará sobre como elas se revelaram no transcorrer da pesquisa, sobre como elas contaram sobre suas vidas e como aconteceram seus relacionamentos afetivo-sexuais.

1.2.1 Luana

Sobre Luana é possível dizer que é uma jovem magra, cabelos curtos, pele parda. Tem 17 anos. É a melhor amiga de Taíza. Nos finais de semana costuma trabalhar num salão, para ter seu próprio dinheiro.

Ela já frequentou grupo de protagonismo juvenil na comunidade e de todas as jovens, é a mais crítica. Referiu que lá teve algumas noções de políticas públicas, gênero, e outros temas.

A relação que Luana tem com a comunidade, é uma relação na qual ela busca um distanciamento e se colocar diferente de todos/as. Ela fala que tem muita fofoca, e que os mais fofoqueiros são os homens, o pai é o maior de todos, ganhou até um título como o mais fofoqueiro.

Ela fala das pessoas da comunidade, como pessoas com boa e má índole, fala também da linguagem deles, e que muitas deles/as não respeitam os outros. Ela não gosta da comunidade, e não gosta de ir em alguns bares que lá existe. Sua diversão é a academia que frequenta junto com Taíza em outra comunidade e lá também mantêm sua rede de amizades.

Luana fala dos/as jovens de lá como um grupo em que os/as que querem algo na vida e que estudam, trabalham, e os/as que são desinteressados/as. De modo geral, ela coloca os rapazes como os mais desinteressados, eles ficam pelas ruas sem fazer nada, só mexendo com as meninas.

Luana teve seu primeiro beijo, aos 10 anos, disse que esse beijo só aconteceu por pressão do menino e da turma, pois ela não se interessava por ele. Interessou-se pela primeira vez por um menino aos 12 anos, disse que ele a respeitava muito e era muito carinhoso.

Ela é uma jovem que quando fala dos relacionamentos, parece que ela domina a situação, brinca e joga com os rapazes, além de demonstrar ser desprendida de grandes sentimentos por eles, e que se não for do jeito que ela quer, ela não perde tempo e termina o relacionamento.

No seu primeiro namoro ela afirma não ter sido apaixonada pelo rapaz, mas ele por ela. Ela dá um tom de brincadeira ao falar que fica com outros rapazes enquanto namora alguém, e com seu primeiro namorado ela diz que foi assim.

Luana apresenta-se como uma jovem que tem muita curiosidade sexual, quer saber tudo sobre o assunto. Ao mesmo tempo ela demonstra ser bem experiente, através dos seus relatos quando fica com um rapaz. Seus sarros são pesados e muitas vezes só não há penetração.

Luana é uma jovem determinada e gosta de criar estratégias para driblar obstáculos. Uma delas foi ir ao posto de saúde para obter informações sobre planejamento familiar, acompanhada da irmã, mas ao chegar ao consultório revelou que a paciente era ela.

No momento da pesquisa de campo ela vinha se relacionando com um rapaz que já tinha sido seu namorado, mas que agora estava casado e com uma filha. Ela dizia que gostava dele, mas falava isso com tom desprendido de sentimento, ela criava várias estratégias para ficar⁶ com ele por causa da dificuldade dele ser casado.

1.2.2 Vanessa

Vanessa é uma jovem negra, seu rosto tem traços finos, cabelo alisado abaixo do ombro, frequentemente preso por uma piranha, tem 22 anos.

Meu contato com ela foi através da agente de saúde comunitária da comunidade. Em nossos encontros sempre está usando top e shortinho, deixando a barriga esticada pela gravidez a mostra.

Na sua infância foi mais acompanhada pelo padrasto do que pela mãe que trabalhava de empregada doméstica. Ela não fala muito da mãe e não conhece o pai. Sempre brincou pela rua junto com a irmã que ela refere ser mais danada.

⁶ Segundo Scott, Quadros e Longui (2009) o ficar corresponde a não ter compromisso. Através do ficar pode-se “conhecer uma pessoa, haver uma simpatia mútua e trocas de carícias, nas quais o elemento mais importante é o beijo ou aquele que vai levando pra relação, ou seja, o casal acabou de se conhecer ou já se conhece, está ficando pela primeira vez ou já ficou uma/algumas vezes e mantém uma relação sexual’.p.151.

O primeiro beijo de Vanessa foi aos 11 anos, mas só começou a namorar com 13 anos, e seus encontros com o rapaz foram em casa, sua primeira relação sexual foi aos 15 anos na qual engravidou e perdeu o filho. Aos 16 anos foi morar com o namorado e teve um filho dessa união, esse relacionamento durou 4 anos.

Ela declara que depois que terminou esse relacionamento começou a sair para gafeira, nessa época ficava com vários rapazes e usava camisinha com eles, porém afirmou que só com os ficantes, nunca com os namorados e nem com o marido. ¶ Já tomou injeção uma vez, quando vivia com o pai do primeiro filho. Afirma que se esquece de tomar comprimido e que por isso engravidou da filha. Ela tem dois filhos. O mais velho mora com o pai, com quem morou por quatro anos, desde os 16 anos.

Para sobreviver ela costumava ir à feira de afogados para vender amendoim ou mp3 ou cd, também já fez faxina em casa de família.

Afirmou que lá mesmo em afogados gastava o dinheiro que recebia com bebidas e cigarros, nesse mesmo lugar se envolvia com homens para conseguir algum dinheiro prometendo relações sexuais que não cumpria, deixou de frequentar a feira de afogados por medo de ‘*apanhar*’, por causa dessa ‘*malandragem*’. Ela sempre refere que namorou muito, e com vários ao mesmo tempo. Atualmente mora com o companheiro há um ano, está grávida de 8 meses dele. Tem muito ciúmes dele e já chegou a bater nele algumas vezes.

Considera-se velha, por causa da vida que leva, de dona de casa, preocupando-se apenas com a família. Por causa da gravidez de alto risco moram na casa da sogra. Pois antes morava só.

1.2.3 Taíza

Taíza é uma jovem de 18 anos, negra, solteira, não tem filhos, mora com os pais e o irmão. Está estudando o ensino fundamental. Gosta de frequentar academia na comunidade vizinha e lá mantêm sua rede de amizades, ao invés da própria comunidade.

Quando ela fala da comunidade, fala sempre saudosa, de uma época que para ela foi boa, principalmente da época em que a ‘*turma*’ ficava nas escadarias e hoje são mais velhos, trabalham, estudam, alguns casaram e não se encontram mais.

Taíza sempre morou no Alto do Paraíso, sua mãe e pai trabalham e geralmente ela está sozinha em casa. Ela refere a uma infância muito boa, de muitas brincadeiras na rua e brincadeira de marido e mulher no qual as crianças experimentavam seu primeiro beijo.

Na infância ela sempre brincava com os amigos do Alto do Paraíso, atualmente ela refere que seus amigos são de outra comunidade e que não quer proximidade com ninguém de lá, refere muita fofoca e alguns grupos de meninas e meninos que não gostam dela e da sua melhor amiga, criticando-as quando elas passam por eles.

Sua primeira atração foi por um rapaz que ela conheceu numa festinha e nesse dia trocaram ‘*selinho*’. Ela refere que nunca o esqueceu, e que passaram muito tempo sem se ver, e sem se falar, mas que sempre se lembrava dele. Se encontraram depois de muito tempo e marcaram encontro, nesse mesmo dia eles foram para um motel e ela só não teve sua primeira relação nesse dia porque o telefone dele tocou e era a namorada dele. Marcaram o segundo encontro e nesse encontro ela teve sua primeira relação. Ela refere que no próximo encontro que tiverem vai pedir para ir a algum lugar, não quer ir direto ao motel. Não quer que seus encontros com ele, de quem gosta tanto, sejam apenas para ir ao motel.

1.2.4 Camila

Camila é uma jovem de 19 anos, mãe de uma filha de nove meses, mora com a mãe, que trabalha fora de casa como costureira. O pai vive em outra comunidade, e a última vez que ela o viu tinha 15 anos. Têm três irmãs, uma vive com o companheiro, e as outras duas

vivem numa casa atrás delas. Seu companheiro não mora com ela, mas na casa do pai. Camila concluiu o ensino médio, não trabalha. Passa o dia em casa com a filha.

Ela fala da sua infância como um período muito bom. Brincava só com as irmãs e dentro de casa. Referiu ter brincado de boneca até os 10 anos de idade. Chegando até a brincar escondida, porque se achava grande para brincar de boneca.

Camila refere uma infância e adolescência como uma fase que ficava muito em casa, e só ia para a escola. Começou a brincar com meninos um pouco mais tarde, pois só brincava com as irmãs. Atualmente ela não se dá com as irmãs.

Ela declara que na adolescência alguns homens não a deixavam em paz. Dizia que chamava atenção deles pelo fato de ser “grandona”. Um deles se aproximou mais que os outros chegando ao envolvimento sexual. Ela afirma que depois ele foi deixando de procurá-la, e ela concluiu que ele só queria ‘sexo’. Isso a deixou ‘*revoltada*’ e disse que não queria, mas envolvimento com ninguém. Começou a sair muito, só ficava na rua.

Também foi a época que começou a beber e chegar tarde em casa. Nessas saídas, ficava com alguns rapazes e chegava a ter relações sexuais. Ela afirma que geralmente usava camisinha, porque tinha muito medo de engravidar e contrair doenças. Mas relatou que teve também sem camisinha, e foi por conta da bebida que isso aconteceu.

Seu atual companheiro, é um rapaz que segundo Camila, gostava muito dela e queria muito namorar com ela. Nessa época ela vivia uma fase que só queria sair e beber. Chegou a combinar com ele de dizerem para a mãe dela que estavam namorando só para ela poder sair. Ela afirma que depois ele disse que não queria essa situação e também não queria mais nada com ela, pois ela saia muito, bebia e ficava com outros rapazes. A partir daí, ela disse que parou de sair, e só bebia com ele, que também bebe muito.

Eles costumam frequentar um espetinho famoso, na comunidade, muitas vezes a mãe vai junto e já chegou a levar a filha no carrinho, porque não tinha com quem deixar.

De todas as jovens, ela é quem verbaliza o medo de contrair IST, chamando de doenças. Refere tomar cuidados, e tem muito medo de engravidar outra vez. Ela procurou formas junto à saúde pública para usar o DIU. E apesar do medo de contrair doenças, falou

que mata o companheiro se ele passar alguma coisa para ela, não usa mais a camisinha. E diz que é por conta do DIU que não usa mais o preservativo.

1.2.5 Helena

Helena é uma jovem de 24 anos, tem a pele parda, sua estatura é alta, nem é gorda nem magra, seus cabelos são pintados de cor mais clara que seu tom natural. Atualmente mora com o marido e a filha de três anos. É vizinha da sogra que vez por outra assiste à novela da tarde em sua casa. Helena terminou o ensino médio e está procurando emprego, seu tempo é dedicado entre a casa e a filha.

Sobre as amizades na comunidade, ela revela não ter contato com as jovens do Alto de Refúgio, tem poucas amigas por lá e para se encontrarem uma vai à casa da outra. Ela tem uma amiga em Barra de Jangada que também frequenta a casa dela ou se encontram na casa da mãe de Helena.

Helena passou boa parte da adolescência sendo evangélica, convivendo prioritariamente com pessoas da igreja, conheceu seu primeiro namorado, que também é evangélico, ficou cinco anos com ele e acabaram por causa da pressão da ex-sogra que não aprovava o namoro pelo fato dela não ser de família evangélica. Seu segundo namorado é seu atual marido, começaram a se relacionar um mês depois do fim do primeiro relacionamento. Ele foi o primeiro rapaz com quem ela teve relações sexuais.

Na época do namoro ela nunca se preveniu contra gravidez ou ISTs, engravidou um ano depois de iniciada as relações e casou com quatro meses de gestação. Ela revela que seu relacionamento com o marido não é bom, pois ela descobriu algumas traições dele e isso enfraqueceu a relação a ponto de diminuírem consideravelmente as relações sexuais. Ela pensa em se separar, mas para isso quer arrumar um emprego e se mudar da casa.

Ela pertence à comunidade e seu marido também. Declarou que quando era jovem evangélica não conversava sobre sexo em lugar nenhum e nem com ninguém, nem em casa com a mãe. Tinha vergonha de conversar inclusive com amigas que na época faziam parte da igreja.

1.2.6 Talita

É uma jovem negra, seu rosto possui traços finos, cabelos compridos quase na cintura, cacheados. Sua estatura é baixa, pode ser considerada uma pessoa gordinha, casada, mora com o marido há quase quatro anos, é evangélica, dona de casa, tem um filho de três anos, declarou que desde adolescência quis engravidar aos 20 anos e realizou esse sonho ao ter o filho com essa idade.

Nasceu no Alto da Trilha, perto da bica, é outra comunidade em Nova Descoberta. Têm três irmãs e três irmãos. Sua mãe a orientava para que se cuidasse, pois quando tivesse relações não corresse o risco de engravidar, mas isso para ela não era uma preocupação, pois se casaria virgem.

Atualmente tem 23 anos. É uma pessoa tímida, calada, de poucas palavras, suas respostas são diretas, objetivas, e curtas, sem rodeios. Ela declara que não gosta de estudar, principalmente matemática, quando era mais jovem não gostava de ir para a escola, ia contra sua vontade porque a mãe obrigava.

Não deseja trabalhar, afirma que quando trabalha e toma conta de casa, a vida fica *é* muito corrida e não quer isso pra ela. Talita afirmou que se relaciona mais com as pessoas que moram no mesmo terreno. Como não era dá comunidade não conhece muita gente. Esse terreno é ocupado por casas de parentes. O proprietário do terreno é seu sogro e mora lá também.

Ela só teve dois namorados. O primeiro namoro aconteceu por que suas amigas já tinham tido a experiência de namorar e ela não, por causa disso era chamada de ‘cafona’ e ‘brega’ por elas. Quando um rapaz se interessou por ela, e estava disposto a pedi-la em namoro para sua mãe, ela não perdeu a chance. Mas revelou que gostaria que sua mãe não permitisse o namoro, pois não gostava dele. Mas ele teve a permissão para namorá-la e passaram uns dias namorando até que ela terminou o namoro justificando que não gostava dele. Com isso ela quis provar as suas amigas que não era ‘brega’ nem ‘cafona’.

Com o segundo namorado ela se casou, se conheceram na igreja, ele também é evangélico. Ela referiu que quando o viu pela primeira vez trocaram olhares, sentiu tremores

nas pernas e ficou muito nervosa. No início não sabia o que estava acontecendo até que percebeu que estava interessada nele. No mesmo dia em que se conheceram ele se ofereceu junto à amiga dela para acompanhá-las até em casa e isso se repetiu várias vezes até que começassem o namoro.

Não havia intimidades entre o casal além do beijo demorado. Ela comentou que na noite de núpcias não se concluiu a relação sexual por que sentia dor. Só depois de três dias que se deu por completo revelando que foi muito bom.

As histórias dessas meninas em muito se assemelham, mas também as particularizam. Quando se trata da relação com a família, com a comunidade, com a unidade de saúde da família e das relações (em sua maioria, de desigualdade) de gênero suas histórias se aproximam. Entretanto diferem quanto ao modo como se relacionam com seus parceiros, os vínculos que estabelecem com eles, as expectativas que depositam neles.

É no âmbito das particularidades que é possível perceber a riqueza de suas histórias e com isso compreender como as mulheres jovens estão lidando com a sexualidade. Como elas estão construindo caminhos diferentes (ou não) das mulheres que fazem ou fizeram parte de sua família de antepassados, mesmo que ainda não seja nada fácil esse caminho, como discutirei adiante.

Uma das formas de ajudar a compreender como elas lidam com a sexualidade é pela forma como a família abre espaço para discussão e como se constituem estas mulheres subjetivamente enquanto sujeitos nessas relações.

Conhecer que lugar a família ocupa na vida das jovens poderá ajudar a compreender como elas relacionam sua vida sexual, práticas de dupla proteção e a moral familiar. Buscou-se dar voz as mulheres jovens, destacando como elas desenvolvem estratégias de ação em seus relatos sobre vivências da sexualidade e da reprodução. Esse assunto será abordado a seguir.

1.3 Família

Neste trabalho o conceito de família, é pensado a partir da vida familiar, o que inclui “entorno espaço-temporal: espacial, quanto à família, vizinhança, amigos, atividades” (RABINOVICH, 2005, p.207-208), a rede de relacionamento em que se insere a família.

A família das jovens não foi objeto de estudo desse trabalho, porém em um dos eixos da pesquisa houve questionamentos sobre a história e educação familiar, e a partir disso, meu objetivo é entender qual o lugar da família na vida da jovem como instituição que regulariza a sexualidade das jovens resultando por interferir na prática de dupla proteção.

Sobre o conceito de família não é possível uma definição mediante transformações tão rápidas em relação ao grupo familiar. A Constituição Brasileira propõem uma definição, como uma união estável entre o homem e a mulher e por qualquer um dos pais e seus descendentes (RABINOVICH, 2005). Essa definição adota uma multiplicidade de modelos de família e de padrões de conduta, reafirmando que por família entende-se o lugar das regras e convenções sociais, e também o lugar onde se revela uma gama de valores e de relações humanas.

Segundo Cynthia Sarti (2003, p.21), falar de família implica apontar variadas mudanças e padrões difusos de relacionamentos, tornando-se cada vez mais difícil definir seus limites. Uma das explicações para tal situação é que atualmente vive-se numa época em que “a mais naturalizada de todas as esferas sociais, a família, além de sofrer importantes abalos internos tem sido alvo de marcantes interferências externas”.

Tais acontecimentos dificultam a sustentação de uma ideologia que associa a família à natureza, quando fica evidenciado que os fatos ligados a ela ultrapassam respostas biológicas universais das necessidades humanas, mas conformam variadas respostas sociais e culturais, disponíveis a homens e mulheres em contextos históricos específicos.

Essas respostas estão ligadas às ações de forças sociais, fruto de movimentos sociais como, o movimento feminista e os movimentos em favor dos direitos da criança e do adolescente. Tais forças resultaram em alteração no estatuto legal da família.

Diante de tantas mudanças a família persiste sendo objeto de intensas idealizações, as mudanças que houveram abalaram o modelo idealizado de família que se torna difícil sustentar a idéia de um modelo “adequado”. “Não se sabe mais, de antemão, o que é adequado ou inadequado relativamente à família. No que se refere às relações conjugais, quem são os parceiros? Que família criaram? Como delimitar a família se as relações entre pais e filhos cada vez menos se resumem ao núcleo conjugal? Como se dão as relações entre irmãos, filhos de casamentos, divórcios, recasamentos de casais em situações tão diferenciadas? Enfim, a família contemporânea comporta uma enorme elasticidade” (SARTI, 2003, p. 25).

Para concluir a idéia de família, parto da idéia junto com Sarti (2003), que o conceito de família está baseada num discurso sobre si própria operando como um discurso oficial. Sendo culturalmente instituído, ele admite uma especificidade: cada família desenvolve sua própria narrativa, compreendido como uma formação discursiva em que se anunciam o significado e a explicação dos fatos vividos, com base nas informações objetiva e subjetivamente inteligíveis aos indivíduos na cultura em que vivem.

1.3.1 As Famílias Pobres e suas Formas de Configuração

Uma das características das famílias pobres é sua “configuração em rede” (SARTI, 2003), contrastando com a noção de que ela se forma em núcleo. Desfazendo qualquer alusão entre família e unidade doméstica (casa), definição que leva a considerar a rede de relações pela qual se movem os integrantes da família e que fornece os recursos tanto materiais e afetivos com que esperam.

No imaginário simbólico dos pobres há uma separação de autoridades entre o homem e a mulher na família, satisfazendo à distinção que fazem entre casa e família. No qual a casa é identificada com a mulher e a família com o homem. Casa/família e mulher/homem constituem um par complementar hierárquico.

Scott (1990) *apud* Sarti (2003) observou em famílias pobres no Recife que o homem simboliza a autoridade, e exerce a mediação da família com o mundo externo. Quanto à mulher cabe outro tipo de autoridade, manter a união do grupo familiar. A mulher cuida de todos e organiza para que tudo esteja em seu lugar.

Os vínculos entre familiares pertencentes às camadas populares não se desfazem com o casamento, pois as obrigações continuam existindo em relação aos parentes, principalmente pela inconstância das uniões conjugais.

A frequência de tantas rupturas conjugais pode ser explicada pela vulnerabilidade da família pobre, principalmente quando se trata de tantas promessas não cumpridas. Fruto da forma como se engendram as relações de gênero, o homem percebe-se fracassado e a mulher ver indo embora suas esperanças de ter alguma coisa como fruto do projeto do casamento.

No caso da família pobre a mulher tem sua relação com o mundo externo intermediada pelo homem vulnerabilizando-a nesta relação que por sua vez reproduz e ratifica as diferenciações de gênero. O homem também torna-se vulnerável quando seu papel de trabalhador/provedor está a mercê de condições externas cujo controle lhe escapa. No caso da família pobre estes fatos tornam-se mais graves pela exposição à instabilidade do mercado de trabalho que absorve esta população.

Quando a mulher assume a responsabilidade econômica do lar modifica as relações de autoridade por ela acabar assumindo o papel do homem como “chefe da família” (SCOTT, 2002). O homem acaba sendo desmoralizado pela perda do papel de provedor, isto também significa uma perda para a família que buscará compensar através da substituição da figura masculina de autoridade por outros homens da rede familiar.

Não é problema para a mulher cumprir o papel de provedora, porque já está acostumada a trabalhar. O problema está em manter o respeito que é confiado pela presença masculina, pois mesmo provendo seus lares, elas podem continuar instituindo um “chefe” masculino.

Nesse contexto, entre os pobres urbanos ressurgem a figura do “irmão de mãe”. Principalmente quando o pai da mulher já não possui condições de lhe dar apoio, o irmão reaparece como a provável figura masculina para ocupar o lugar da autoridade masculina, intermediando a relação da mulher com o mundo externo e com isso afiançando a respeitabilidade de seus consanguíneos.

A autoridade masculina não está apenas fundamentada no controle dos recursos internos do grupo doméstico, mas no seu papel de intermediar a família e o mundo externo, sua função é dar respeitabilidade e moral a família.

Entre todas as relações familiares é entre pais e filhos que se instala o vínculo mais forte, no qual há um significado de obrigações morais. Na perspectiva dos pais, os filhos são fundamentais para dar sentido ao casamento para não ser uma “árvore seca” (SARTI, 2003, p. 31). Em relação aos filhos têm-se a expectativa da retribuição dos cuidados como compromisso moral.

A noção de família para os pobres se configura pela rede de obrigações. Sua delimitação não está vinculada à pertença a um grupo genealógico. Para eles família é uma rede de obrigações e fazem parte dela aqueles com quem se pode “confiar” (SARTI, p.33).

Segundo Woortmann (1997) apud Sarti (2003), a relação entre pais e filhos forma o único grupo em que as obrigações não se escolhem, são frutos do vínculo que se formou. As outras relações podem ser escolhidas, ficando sujeitas do modo como serão constituídas as obrigações mútuas dentro da rede de sociabilidade.

O grupo familiar das jovens caracteriza-se pelo pertencimento a uma família composta pelo pai, mãe, irmãos, sogra, sogro, cunhadas, cunhado e primos. E também algumas jovens já apresentam uma família de procriação, tendo a jovem como esposa, com seu marido e filho (SCOTT, 2009), aumentando a rede de sociabilidade e de obrigações mútuas.

A seguir descrevo a família das jovens para a partir do que foi colocado acima entendermos qual o lugar da família na vida das jovens e como são influenciadas pela ordem moral familiar que abriga a ordem moral da comunidade.

1.3.2 A Família das Jovens

No caso de Luana e Taíza pertencem a um grupo familiar que insere no ambiente doméstico os pais e um irmão. Luana tem um irmão mais novo e Taíza um irmão mais velho. No caso das duas o pai já havia constituído uma família anteriormente e tido filhos desse

relacionamento. Alguns irmãos/as moram em outra comunidade. Só uma irmã de Taíza é vizinha dela.

Os pais de ambas trabalham, e elas costumam depois da aula passar à tarde sozinhas em casa, cuidando dos afazeres domésticos. Luana nos finais de semana costuma ir para o salão da irmã em outra comunidade para trabalhar e ter seu próprio dinheiro em *é um trabalho informal*.

Vanessa mora na casa da sogra, com o sogro, cunhada, marido⁷ e filha. No momento da pesquisa de campo encontrava-se grávida de seis meses de um menino fruto da atual união. Sua mãe, padrasto, irmã, irmão e avó moram na mesma comunidade.

Sobre sua relação com a família de origem Vanessa, 22 anos, união estável afirma:

Rapaz, minha mãe não teve tempo de dar educação não. Pra falar a verdade ela trabalhava muito, trabalhou muito. A gente mal via ela. Quem cuidava mais da gente era meu padrasto, e cuidava muito bem, ele educou muito bem também, a gente que foi sapeca mesmo, que fez coisa errada, mas pela educação não, pela educação posso dizer não. Não pela minha mãe, que minha mãe foi 24 horas no trabalho, a hora que ela saía a gente tava dormindo e a hora que ela chegava meu padrasto já tinha dado café e botado na cama, mal via ela, via ela assim final de semana.

A afirmação de Vanessa revela o controle exercido pelo padrasto na educação dela e da irmã, o quanto era “cuidada” por ele e entendo que dessa forma o padrasto exercia a função de manter a moral e a respeitabilidade familiar, no qual o controle social da comunidade era exercido através do padrasto com relação à Vanessa quando ainda era uma criança.

Para melhorar a visibilidade que ela tem na comunidade Vanessa prioriza a família, “Me afastei de tudinho. Porque aqui se for pra ser amizade, se for puta, tem que ser puta, se for dona de casa, tem que ser dona de casa. Então é melhor minha família do que minhas amizades.”

Entendo que atualmente a família ocupa um lugar de prioridade na vida de Vanessa. Ao afirmar que se afastou das amizades entendo como o grupo a que pertencia apresentava

⁷ As jovens constituíram uma segunda família, fruto de uma gravidez, mas que não houve casamento civil, no caso Vanessa e Camila, chamam seus companheiros de maridos. Foi necessário perguntar durante a pesquisa de campo se houve casamento religioso e/ou civil para entender o sentido dessa nomeação.

valores que hoje ela desconsidera e busca uma nova moral através de sua dedicação a atual família de procriação. Tal fato pode ser corroborado pelos resultados de outras pesquisas (SCOTT, QUADROS e LONGUI, 2009) que trazem informações sobre a importância da família na vida dos/as jovens assim como mencionam a forma idealizada dela como possibilidade de salvação de um mundo rico de “tentações destruidoras, como drogas, prostituição e marginalidade, a família é a instituição que se apresenta como a grande esperança, pois é onde os jovens recebem os primeiros códigos de conduta e onde é feita sua socialização primária” (p.145/146).

Talita e Helena são duas jovens que são casadas civilmente, moram com seus maridos e filho/a. Ambas têm como vizinhos a família de seu marido. No caso de Talita a família mora no mesmo terreno sendo cada um nas suas casas. São vizinhos/as dela: cunhadas, cunhado, seus respectivos sobrinhos e sogro. Já Helena tem como vizinha a sogra e o cunhado, que não moram no mesmo terreno, mas tem acesso por um pequeno portão no fundo do quintal.

Talita e seu marido são evangélicos, assim como outros parentes vizinhos. Seu marido trabalha durante o dia como zelador e ela cuida da casa e do filho. Talita referiu não ter amizades e tem pouca aproximação com os/as parentes. Costuma conversar com a vizinha do terreno ao lado quando ambas estão lavando ou estendendo roupa.

A rede de sociabilidade dessas jovens no seu cotidiano conta com a família do marido. Mesmo Talita afirmando não haver muita aproximação é com eles que elas contam nas horas difíceis, assim como também com a família da mãe mesmo estando distante da comunidade⁸.

Talita revelou durante a pesquisa que depois que sua irmã mais jovem engravidou, sua mãe conversava sobre saúde reprodutiva, focando o uso da camisinha. Mas ela própria não gostava desses diálogos, por vergonha e pelo fato de acreditar que só teria relações sexuais depois do casamento. Ela é uma jovem que se declara bastante reservada e que oferece pouca abertura para diálogos sobre saúde reprodutiva principalmente com pessoas na qual precisa ter “respeito”, ou seja, pessoas mais velhas que ela. Assim como já fazia parte dos planos dela

⁸ Não é objetivo desta pesquisa tratar das questões religiosas, porém alguns pesquisadores vem estudando as influências da religião nas escolhas das jovens . Quem vem discutindo bastante essa questão é Felipe Rios (2009).

casar virgem, então no seu entendimento não havia razões para que a mãe conversasse sobre uso da camisinha, pois suas relações sexuais só aconteceriam quando estivesse casada.

Segundo Judith Butler (2001) e Conceição Nogueira (2008) há uma regulação sobre os corpos femininos proveniente de uma moral existente na comunidade que cria um sentimento de “devedora” na mulher quando ela não consegue corresponder adequadamente a esta moral.

Helena também referiu ter poucas amizades na comunidade. E sua família de origem mora em um bairro distante dela. Atualmente sua relação com o marido não vai bem, por causa da falta de diálogo e pela descoberta de traições por parte dele, levando-a a sugerir a separação. Ela referiu estar à procura de emprego para se mudar com filha e assim se separar.

A lógica do trabalho e renda não é algo que aparece no discurso das jovens pesquisadas. Apenas Helena afirma essa preocupação, motivada pelo desejo de mudança de vida e pela necessidade de criar sua filha sozinha, sem voltar para casa da mãe.

Segundo Scott, Quadros e Longui (2009), em uma pesquisa numa comunidade popular do Recife, o discurso feminino daquela comunidade pesquisada vem indicando transformações nas relações de gênero com relação à divisão sexual do trabalho, pois elas expressam que a ideia da mulher que trabalha fora de casa está sendo bem aceita.

Na comunidade pesquisada, apesar de entre as seis jovens apenas uma trabalhar, que é o caso de Luana, sendo seu trabalho informal, apenas Helena expressa sua necessidade e pressa em arrumar emprego. Mesmo as cinco não trabalhando, as mães das seis mulheres trabalham ou trabalharam durante suas vidas. Informando que nessa comunidade não há problemas em relação à mulher trabalhar fora, elas já estão acostumadas a fazê-lo, mas em nenhum momento isso foi tratado como uma forma de trazer uma moral familiar, pois as mães permaneciam com seus maridos ou outros companheiros.

Camila é uma jovem que mora com a mãe e a filha de nove meses. Sua mãe trabalha fora como costureira e antes de Camila engravidar orientava para que não engravidasse, usando o discurso da dificuldade de criar uma criança. Ela tem três irmãs, duas delas são menores de idade e moram na casa no fundo do terreno. A terceira delas foi morar com o

marido em outra comunidade. A última vez que viu seu pai tinha quinze anos. Seu marido mora na casa do pai dele e todos os dias vai à casa de Camila, algumas vezes dormindo lá.

Camila concluiu o ensino médio e revelou que era uma jovem quieta e só se dedicava aos estudos, até sofrer uma decepção amorosa e começar a sair bastante, beber e se envolver sexualmente sem envolvimento afetivo.

Percebo dois momentos na vida de Camila. O primeiro momento, sendo aquele que ela responde adequadamente a moral familiar e da comunidade. E o segundo momento, como o ponto de virada em relação ao controle que a comunidade exercia sobre sua sexualidade (SCOTT, QUADROS e LONGUI, 2009). Esse ponto de virada não se deu pelas suas saídas acompanhadas das bebedeiras, pois percebo como consequência. Mas pelo fato de agora ela não se importar em responder adequadamente a moral da comunidade.

Observei que todas as jovens moram com a família, sendo Luana, Taíza, Camila, com sua família de origem e Helena, Talita e Vanessa com sua família de procriação.

Todas elas receberam informação sobre saúde reprodutiva, através da figura da mãe⁹. Mesmo que essa informação não tenha sido realizada através de uma conversa aberta, mas com tom de controle sobre a sexualidade das jovens. Considero uma tentativa de dupla proteção¹⁰, pois o discurso das mães não se reduzia ao uso de anticoncepcional, mas ao uso de camisinha, quando referiam aos cuidados que deveriam ter na relação sexual. Como exemplo o caso de Talita relatado acima cuja mãe quis conversar sobre uso da camisinha após a irmã ter engravidado e a jovem não gostou da mãe ter iniciado a conversa.

Porém Camila foi a única que disse ter um diálogo aberto sobre saúde reprodutiva com a mãe, avisando quando ia ao ginecologista, e o que ia fazer lá. O que a difere das outras, pois Luana, Taíza, as únicas solteiras e que moram na casa dos pais, não tem essa oportunidade junto a sua família. Helena e Vanessa, atualmente casadas não a tiveram quando ainda eram solteiras e moravam com seus pais.

⁹ Outras pesquisas também mostram uma maior presença da mãe como pessoa que orienta, tira dúvidas, traz informações sobre saúde sexual e reprodutiva. (BORGES et alli, 2006; AQUINO, 2003; GELUDA et alli, 2006; TEIXEIRA, 2006; VIEIRA, 2001; VILLELA, 2006).

¹⁰ Sobre Dupla proteção discutirei mais detidamente em item posterior.

No caso de Talita mesmo a mãe tentando conversar e ela se esquivando do diálogo quando ainda era solteira, ela não referiu que essas conversas com a sua mãe sobre saúde reprodutiva voltaram depois de casada.

Percebo que a família ocupa um papel importante na vida das jovens, mas que nem todas têm a oportunidade de dialogar sobre sua sexualidade com a família, tendo que omitir sobre o início da vida sexual. Essa falta de apoio em casa dificulta sua ida à unidade de saúde da família para buscar atendimento sobre planejamento familiar e saúde sexual.

De um modo geral a família interfere no modo como as jovens se relacionam com os rapazes, com a comunidade e com as amigas. Principalmente no modo de ficar ou namorar. Percebo que as jovens destacam a família como tendo importância na vida delas e que a família consegue controlar a sexualidade delas até o momento em que não há conflitos entre os desejos delas e a manutenção da moral familiar. Sendo a partir do momento em que surgem conflitos e a satisfação dos desejos torna-se mais importante e mais forte do que permanecer sob o controle sexual da família, é que essas jovens rompem esse contrato, mas não explicitamente, isto é, mantendo escondida sua iniciação sexual assim como a manutenção desta. Vindo a se tornar explícita através de uma gravidez ou de uma união estável entre o casal.

Esse controle é exercido não só pelo grupo familiar mais também por toda rede de sociabilidade e vão influenciar não sua decisão. As mulheres jovens encontram-se inseridas dentro de um circuito integrado (HARAWAY, 2009) que organiza um modo conjunto de pensar e discutir sobre elas e a família, salvando sempre as diferenças pessoais que vão interferir na duração do controle da sexualidade. Este assunto será tratado a seguir.

1.4 Sociabilidade

Para tratar desta categoria utilizo o termo sociabilidade buscando entender como as mulheres jovens estabelecem a relação dos espaços e o desenvolvimento de subjetividades e quais as fronteiras entre o corpo pessoal e corpo político que Haraway (2009), vai chamar de rede ideológica.

O motivo pelo qual estou usando esta categoria concentra-se na ideia de que hoje não é mais possível imaginar a vida das mulheres de uma forma dicotômica, dividida entre o público e o privado. Mas numa rede de relações entre casa, mercado, local de trabalho assalariado, estado, escola, hospital-clínica e igreja, que vai se constituir num “circuito integrado” (HARAWAY, 2009).

No entanto Haraway (2009) acredita que não há lugar para as mulheres nessas redes, há apenas formas de contradição que custam caro às subjetividades das mulheres. Mas que é importante compreender como se constituem essas redes, pois a interpretação das “redes de poder e vida social” poderá construir novas formas de união.

A relação da jovem com a comunidade e com as amigas fizeram parte dos eixos da entrevista. E a relação com a unidade de saúde da família fez parte da pesquisa de modo transversal, através dos questionamentos sobre quais informações elas tinham sobre método contraceptivo, quem passava essas informações na comunidade e que acesso elas tinham.

Foram utilizados esses três itens pelo fato de ter observado na pesquisa de campo a importância do lugar deles na vida dessas jovens. Apesar de usá-los separadamente como estratégia didática acredito que na vida real, não há fronteiras que separem, mas sim uma circulação de sentidos e interpretações.

É a interpretação dessas redes que procurarei realizar ao longo dessa categoria e com ela entender as relações estabelecidas pelas mulheres jovens e que contradições são formadas.

1.4.1 Um Olhar sobre a Comunidade do Ponto de Vista Delas

A maioria das jovens com exceção de Vanessa e Taíza falam que a comunidade é boa para morar, que tem pessoas boas e más, que é uma comunidade tranquila e sem violência. A divergência de Vanessa e Taíza em relação às outras meninas se deu pelo fato das repostas delas terem caminhado para outra direção. No caso de Vanessa, ela se prendeu a geografia local, queixando-se das ladeiras, e das dificuldades de transitar pelo bairro por causa de tantas ladeiras. Também falou da falta de saneamento básico. Pois há ruas com valas para escoar a água utilizada pelas casas.

Aqui não tem lazer. Aqui tem muita ladeira. A gente corre de ladeira. Até nesse resguardo, misericórdia! Até pra chegar em casa, foi uma dificuldade. Muita ladeira. Aqui não tem saneamento básico. Só essa rua aqui, mais o restante que vocês foram não.

No caso de Taíza sua fala se prendeu ao desejo de que a comunidade oferecesse mais oportunidade aos jovens. Pois a única instituição da comunidade que oferta cursos é uma ONG localizada bem no centro e que todos a chamam de projeto. Toda informação que se queira obter sobre a comunidade pode ser conseguida pela ONG. Para ter acesso a comunidade foi necessário marcar pelo telefone um encontro com a presidenta da instituição, para explicar os objetivos da pesquisa, e pedir ajuda para ser apresentada a mulheres jovens da comunidade. Tal fato ratifica a informação da jovem: "... mas a porta mesmo de entrada é o projeto, mas poderia ter mais algo assim... na comunidade que trouxesse é... cursos que no projeto mesmo, não tem muitos cursos."

A semelhança entre as jovens, Luana, Camila, Talita e Helena se dá pelo sentimento da segurança que sentem em circular pela comunidade, sem serem abordadas por algum meliante. Uma das razões para isso é o fato da comunidade não ter ponto de venda de drogas, mas não exclui um número reduzido de usuários de drogas é o caso da fala de Camila: "Ah! Eu gosto do lugar que pode sair e chegar à hora qualquer, não tem violência assim, não tem droga, não tem traficante."

Entre Luana e Helena há uma divergência quando se refere a proximidades e tranquilidade. Luana referiu que a comunidade onde mora não é perto do mercado, e por causa disso, sua rua não é movimentada.

Helena por outro lado, declara que a comunidade é perto da feira, o mesmo que Luana chama de mercado, e que por isso é bom morar lá: "falaria que é um bairro bom de se morar aqui... é bom de se morar entendeu? Perto de feira, de hospital de emergência, tudinho... falaria mal da ladeira." Acredito que a relação proximidade/ tranquilidade estabelecida por elas tem um significado pessoal, o que caracteriza a heterogeneidade das jovens.

Outra característica que reflete a heterogeneidade das jovens está na relação de amizades que elas estabelecem com as outras jovens da comunidade. Mostrando que cada uma das jovens pesquisadas percebem outras jovens de acordo com o contexto que vivem.

1.4.2 ‘Fogosas, Assanhadas e Arengueiras’ – As Jovens da Comunidade

Com relação às amizades com outras jovens da comunidade acentua-se ainda mais as diferenças entre as informantes da pesquisa. Cada uma estabelece uma relação diferente com as jovens locais. Mas o que há de comum entre as respostas é a dicotomia entre as que têm futuro/ as que não têm futuro, as fogosas / certinhas. Essa dicotomia pode ser encontrada em outras pesquisas com relação às jovens, quando os rapazes referem que há meninas pra casar e meninas só pra ficar (SCOTT, QUADROS e LONGUI, 2009). Nesse sentido faço a relação entre as fogosas/só pra ficar as certinhas/ pra casar. Porém essa distinção não é feita exclusivamente pelos rapazes, mas pelas mulheres jovens também e nessa pesquisa são as jovens que em seus relatos fazem essa distinção.

Essa dicotomia faz criar na comunidade dois universos diferentes de mulheres jovens. De modo geral as que não têm futuro são também as fogosas. São aquelas que perderam muitos anos de estudos, estão bem atrasadas em nível de escolaridade ou já não estudam mais e tem dificuldades de arrumar trabalho. E são consideradas fogosas por ficar e namorar muito, ter vários parceiros sexuais consecutivos ou ao mesmo tempo frequentar os espetinhos e ‘gafieiras’.

Essas jovens de um modo geral não fazem parte do universo de amizades das jovens pesquisadas. Com exceção de Vanessa, que relatou durante a pesquisa de campo para construção do diário de campo, que era uma jovem fogosa. Porém atualmente ela tenta apagar essa imagem, pelo afastamento das amigas, tomando a atitude de cuidar mais da família.

Levando em consideração a noção de sujeito utilizada por Butler (1998), observo as jovens como sujeitos que são construídos através de atos de diferenciação, distinguindo-as do exterior que as constitui, no qual para isso é preciso haver um domínio da alteridade já associada ao que é convencionalmente feminino.

Dessa forma as jovens tentam não reproduzir comportamentos que podem prejudicar sua imagem diante da comunidade. Muitas vezes por motivos ligados a valores e moral presentes nos contextos em que vivem precisam dominar a alteridade de comportamentos entre como devem se apresentar socialmente em contrapartida dos próprios anseios e desejos.

Isto é, as mulheres jovens discursam e tem atitudes socialmente contrárias aos seus desejos. Como exemplo o caso de Luana e Taíza que externam para a comunidade e seus pais que são ainda virgens, pois não podem assumir sua vida sexual, mas em contrapartida desejam assumir a vivência da sexualidade.

Durante a pesquisa Vanessa referiu várias vezes sua frequência nas gafieiras, sobre os parceiros que arrumava lá e suas idas ao motel ‘calango’, com os namorados que tinha como conta o relato abaixo:

Então foi perguntado onde se namora e ela respondeu: “que se a jovem for moça é nas escadarias se não for moça e isso for público é na gafieira ou no motel calango” (matinho). Perguntei se ela já tinha frequentado o motel calango, ela disse que várias vezes (protocolo de observação, 20/10/2010).

Na fala de Vanessa fica visível a relação das práticas sexuais das jovens e moral delas na comunidade. Isto é, quando Vanessa fala “*se não for moça e isso for público*”, percebo que é a questão de ser público que leva a jovem a assumir suas práticas sexuais. Ou seja, se sua prática torna-se pública de alguma maneira, sai de seu “controle” e ela se vê forçada a assumir, além de se ver enquadrada em um dos termos supracitados (fogosa, assanhada, arengueira). Em contrapartida, pois se ela não “for moça” e esse fato não for a público, ela mantém reservada sua prática sexual da comunidade.

É possível perceber nos relatos de Luana, Taíza e Camila, que ao referir sobre as meninas da comunidade, elas têm uma atitude de se colocar no lugar das certinhas. Já Helena e Talita têm uma atitude diferente, como será visto mais abaixo. Pois Helena por ser uma jovem com ensino médio completo e está procurando emprego, e se relaciona com outras mulheres também nessa condição, ela relata as jovens do bairro como mais trabalhadoras que os homens e mais responsáveis: “são...a maioria também trabalha, outras estudam, a maioria estão trabalhando ou estudando, umas são até casadas outras não.”

Talita é uma jovem que não foi criada na comunidade, só passando a morar lá depois que casou, e durante a pesquisa referiu não ter amizades na comunidade, só conversa com os/as parentes/as do terreno em que mora e com uma vizinha do lado. Acredito que a influência religiosa, enviesa o olhar dela sobre as jovens da comunidade quando ela afirma que as meninas são mais certinhas e os rapazes é que são namoradeiros, ficam mais e buscam

meninas de outras comunidades: "Assim, pega uma menina aqui, pega outra ali. Porque eu acho que de fora. As meninas de fora. As meninas daqui eu acho que são mais na delas."

Luana pontua as jovens da comunidade como garotas que podem ou não dar certo na vida. E que isso vai depender delas próprias, do modo como conduzirão suas vidas, "bem, tem meninas que, no caso, querem algo da vida, mas têm outras que não. Acho que elas procuram a própria queda delas, no caso."

Do ponto de vista de Taíza as jovens da comunidade são 'assanhadas', 'arengueiras', 'orgulhosas', não gostam de Taíza, mesmo sem ter dado motivo. E julgam com facilidade.

Assanhadas até demais, que não pode ver nada, assim, são muito arengueiras, tipo tu não me conhece ela já tá falando mal de mim, se eu passar falando e rindo...ah! Eu não gosto dessa menina mais...pra eu falar que eu não gosto dessa menina primeiro, eu tenho que conhecer e elas não, elas já vão julgando aparência, por que não fala, por que é obrigado tipo assim,...se eu passar na rua e elas tiverem, eu tenho que falar sem conhecer elas, são assim, são muito orgulhosas nessa parte.

Já Vanessa estabelece uma relação de distanciamento das jovens com quem se relacionava anteriormente, uma vez que não é socialmente aceita a amizade de quem não é puta com quem é puta. Tornando mais difícil para a mulher que tem filho e marido, tendo que preservar a imagem da família.

Desisti vale a pena não. E principalmente pra quem tem filho, é casada, quer viver na paz não dá, tem que ser assim, a amizade. Se elas forem putas, tem que ser também, se elas forem putas e a gente não ser, aí se torna também. Então é melhor ou tá junto, ser ou não ser. Então eu desisti de ter amizade. Minha amizade é minha sogra e minha mãe.

Camila traz uma conotação sexual com relação às jovens, citando-as como fogosas, mas também afirma que tem certinhas em menor número, "acho que aqui tem as fogosas! (risos) mas tem mais fogosas que certinhas."

Diante desses relatos acima descritos, observo a busca das jovens pesquisadas de se posicionarem do lado "certo" da vida. De serem mulheres jovens que não escorregaram na moral imposta pela comunidade. O que indica que as subjetividades dessas jovens vêm sendo

construída por uma política de regulação da sexualidade. Legitimando e excluindo suas atitudes, acabando por reafirmar a relação de poder sobre o corpo feminino.

Segundo Butler (2003) e Scott (1989), a construção política do sujeito procede vinculada a certos objetivos de legitimação e exclusão, percebo tal fato na fala da interlocutora, Vanessa, em relação a como se encontra a construção da sua subjetividade, falando sobre si mesma, naquele momento da sua história: “Agora eu sou dona de casa. Sou puta dentro de quatro paredes”. (risos). A palavra dona de casa é carregada de noções de respeitabilidade e moral diante do que não se encaixa nesse padrão. Dona de casa pode ser até pensado como um ser “puro”, assim como “Maria sem pecado”, se comparado à puta, aquela que transgride, e é desprovida de respeitabilidade e moral, como se a puta não pudesse ser respeitável no seu sentido mais humano. Pensando sobre estes termos dicotômicos, dona de casa e puta, quem seria a excluída? Uma? Outra? Ou ambas?

Pensando as noções jurídicas de poder e estabelecidas como socialmente aceitas, seria a puta, que vive às margens, ainda que com direitos já garantidos legalmente. Mas, e a dona de casa? Ou a solteira? Excluída de exercer a plenitude de sua sexualidade explicitamente ou não, como a mesma desejar, também não estaria sendo excluída de um sistema de saber-poder no qual corpos femininos ainda são demarcadamente moralizados e vigiados socialmente?

Observo, a partir da literatura que embasa meu estudo, que o sujeito é uma questão crucial para a política feminista. Os sujeitos jurídicos (família, escola, igreja) são produzidos por via de exclusão que não aparecem quando a estrutura jurídica da política é estabelecida (BUTLER, 2003). Significa afirmar que os constructos ideológicos e hegemônicos não aparecem quando a estrutura está formada, antes, há uma naturalização dessas operações políticas.

No plano da política feminista pensar sobre gênero¹¹ nos leva à reflexão de que seria este também orientado pelos caracteres moralizantes sociais supracitados, dirigindo e condicionando todo um corpo de conhecimento. Esta afirmação me faz pensar em que medida

¹¹ Para Judith Butler (2003) e Donna Haraway (1995) o conceito de gênero é compreendido como relações de poder entre sujeitos socialmente constituídos, em contextos específicos, sendo marcado por uma transitoriedade, isto é, uma fluidez dessas relações, que Butler (2003), vai chamar de performatividade.

está-se agindo com autonomia intelectual, e em que medida se exerce, reafirmando seu controle.

Segundo Butler (2003), os limites para a análise discursiva do gênero, conjecturam, por antecipação, as probabilidades das formas possíveis e praticáveis do gênero na cultura. O que não quer dizer que outras possibilidades de gênero sejam facultadas, mas que as fronteiras analíticas indicam os limites de uma experiência discursivamente condicionada. Esses limites se situam nos termos de um discurso cultural hegemônico, “baseado em estruturas binárias que se apresentam como a linguagem da racionalidade universal”. (BUTLER, 2003, p.28). Dessa forma, a amarração é introduzida naquilo que a linguagem estabelece como domínio possível do gênero.

Com a unidade de saúde da família a regulação dos seus corpos femininos continua porém sob outra estratégia e uma dessas formas de regulação é a ausência da disponibilidade de todos os meios de contracepções disponíveis no mercado.

1.4.3 O Posto de Saúde

A acessibilidade ao conhecimento de todos os meios de contracepção já é um direito garantido às mulheres através do Programa de Atenção Integral à Saúde da Mulher (PAISM), criado em 1983/84.

As jovens que fazem uso de algum método revelaram que a unidade de saúde da família dispõe de camisinha, pílula anticoncepcional e injeção trimestral.

Jovens como Camila que optou pelo DIU, tem que percorrer um caminho maior para consegui-lo, como ir buscar atendimento em outro local fora da comunidade. As jovens em geral ficam a disposição do que a unidade de saúde da família dispõe.

Essa forma de estar à disposição as sujeita e as excluem do que elas têm de direito, que é poder escolher o que pode entrar no seu corpo e saber o que acontece com ele. Como referido acima acessibilidade e conhecimento já é um direito garantido e esse direito começou com a realização de alguns encontros do movimento de mulheres a partir da década de 70 que procuravam discutir sobre entre outras coisas os direitos reprodutivos (MANDÚ, 2002).

O termo “direitos reprodutivos” surgiu com a criação da Rede Mundial pela Defesa dos Direitos Reprodutivos das Mulheres em 1979, mas desde o início do século XX é possível identificar um movimento de mulheres que procuravam controlar sua própria capacidade reprodutiva. Na I Conferência Mundial de Direitos Humanos de 1968, em Teerã, finalmente reconheceu-se o direito da pessoa a decidir sobre sua reprodução (TONELI, 2004).

Entretanto direitos sexuais acompanham os direitos humanos sendo o segundo reconhecido pelas leis internacionais. Ambos incluem o direito de todas as pessoas sem exceção e banem todas as formas de coerção, discriminação, violência, preconceito devendo seus direitos ser protegidos e respeitados por todos.

Segundo Rosalind Petchesky *in* Parker e Barbosa (1999) a expressão direitos sexuais e direitos reprodutivos entre as feministas que defendem os direitos reprodutivos, tendem a suprimir as relações sexuais, ligando-as as relações matrimoniais/heterossexuais e nas ligadas à procriação. Nos documentos das Conferências Internacional sobre População e Desenvolvimento, realizado no Cairo(1994) e IV Conferência Mundial da Mulher, em Beijing(1995), nada profere sobre a liberdade de orientação sexual ou outras formas de sexualidade, assim os direitos sexuais permanecem dependendo das interpretações conferidas a essas declarações, ou abarcam o sexual no reprodutivo, dando motivos para que permaneçam invisibilizadas as especificidades dos direitos e a situação das lésbicas e mulheres bissexuais, assim como outras minorias sexuais, socialmente especificadas.

A fala descrita abaixo revela uma situação comum naquela comunidade com relação à preocupação maior de cuidar dos direitos reprodutivos da mulher que estão mais ligados as relações matrimoniais/heterossexuais corroborando a colocação de Rosalind Petchesky *in* Parker e Barbosa (1999). A preocupação entre algumas feministas que defendem os direitos reprodutivos e suprimem os direitos sexuais, também está presente na mulher jovem pesquisada e nos profissionais de saúde que as atendem.

Não. Foi logo a injeção. Ela perguntou, disse que tinha preservativo, disse que tinha injeção. Aí eu fui logo para a injeção.” “Não. Só chegava lá... Uma vez eu cheguei lá no mesa que eu ia tomar, disse que não ia ter, aí depois daquela vez aí eu cheguei para ele e disse “Olha, não vai ter injeção não”. Aí

ele disse assim, “Então a gente pega preservativo e usa preservativo”. “Não. Eu só fiquei com medo se ela ficasse lá dentro.” (Talita, 22 anos, casada)

O relato acima descrito demonstra que na ausência do método utilizado pela jovem, mesmo que esse método não tenha sido uma escolha consciente, a ausência dele a leva a outro método não escolhido por ela. O que me faz pensar qual a eficiência do método substituto quando a escolha não foi feita de modo pessoal?

A unidade de saúde da família, conhecida como posto pela comunidade, não é referido pelas jovens quando se é conversado sobre reprodução, foi preciso perguntar como chegou até lá, porque foi, qual foi seu primeiro contato.

Esse fato acontece porque não é comum a presença das jovens no posto de saúde. De um modo geral a frequência se dá depois do nascimento do primeiro filho, que é uma notícia na comunidade e com isso se iniciam as visitas da agente de saúde comunitária para acompanhamento do recém nascido e lhes são perguntadas se queriam que marcasse para um/a profissional de saúde para realização de planejamento familiar.

Esse silenciamento que acontece na comunidade e na família com relação à vida sexual das jovens pode ser pensado através do que Scott, Quadros e Longui (2009) mencionou sobre as jovens serem o capital simbólico da família e da comunidade, por isso o interesse em preservar sua imagem, para não afetar com a moral do lugar onde moram. Esse silenciamento da comunidade sobre a vida sexual dessas jovens é visualizado no circuito integrado (HARAWAY, 2009) comunitário, demarcando uma exclusão das jovens. Este é um dispositivo moral que, concordando com o que afirma Scott, Quadros e Longui (idem) é reforçado na família e em toda a comunidade, numa relação de cumplicidade em torno do silenciamento.

Os fatos aconteceram dessa forma com as jovens mães da pesquisa, Talita, Camila, Helena, Vanessa.

Com as jovens solteiras, a procura pelo/a profissional de saúde se deu de outra forma. Taíza nunca procurou atendimento e faz uso de camisinha. Luana procurou o posto para

atendimento sobre planejamento familiar e saúde sexual, conforme será descrito com mais detalhes no tópico sobre dupla proteção.

Uma das formas de contradição que percebo é principalmente a relação que se dá entre a comunidade e a unidade de saúde da família. Pois a comunidade significa para elas segurança, proteção, acolhimento. É no sentido de acolhimento que não é encontrado quando uma jovem solteira vai ao posto de saúde.

Percebe-se que só uma delas conseguiu escapar a norma e foi buscar informação. As outras tiveram que engravidar para ter acesso à informação. Acredito que seja pelo excesso de responsabilidade diante do planejamento familiar e saúde sexual, que é depositada na mulher jovem quando esta assume ter iniciado ou desejar iniciar sua vida sexual que a afasta da unidade de saúde da família. Fato que não acontece com os rapazes. Eles nem são convidados pelo/a profissional de saúde para dividirem a responsabilidade com sua parceira. (QUADROS, 2008; BARBOSA, MEDRADO E NASCIMENTO, 2005)

Uma vez que as jovens iniciam sua carreira sexual com um rapaz que já se relacionava há algum tempo, mesmo que não seja namorado e outras com o namorado e/ ou marido como pode ser visto pela forma que se dão seus roteiros sexuais, elas assumem a trajetória da responsabilidade pelo planejamento familiar sozinhas.

1.5 Roteiros Sexuais

Neste trabalho foi utilizado o conceito de roteiros sexuais para entender como as jovens se relacionam com os rapazes a partir do momento da paquera, do ficar, do namorar.

Os roteiros se situam do ponto de vista de cada jovem. Isto é, se são jovens que precisam de um processo de conquista por parte do rapaz, ser paquerada pelo rapaz, ser convidada para sair com ele, ser pedida em namoro, e dessa forma responder as tentativas de sedução dele de acordo com o que a comunidade espera dela, uma atitude de resistência e passividade. Ou se ela não espera que um rapaz a paquere e inicia, ela própria, um processo de sedução. Ou ainda, um hibridismo das duas situações.

Porém para o entendimento do conceito de roteiro sexual é necessário o uso de conceitos como cenário e cena sexual, que no meu entendimento se incorporam ao conceito de roteiro sexual.

O cenário sexual diz respeito ao lugar e hora do acontecimento sexual. Se este acontece num motel, no carro, no quarto da casa, na rua escura, etc.. Além disso, diz respeito ao tempo e ao momento do dia, ou seja, se é de manhã, à tarde, à noite, ou de madrugada.

Segundo Paiva (1999), a cena sexual, não se repete, é um acontecimento único, nela estão implicados fatores como tempo, espaço, ritmo, cenário social e também fatores não tão visíveis como roteiros introjetados como sendo próprio da idade e posição social durante o processo de socialização.

O motivo pelo qual estou usando esse conceito é pelo fato de entender que também é possível uma compreensão das práticas contraceptivas e preventivas a partir do contexto de como se dão as práticas afetivas- sexuais.

De acordo com os conceitos de cenário e cena sexual entendo por roteiro sexual como sendo o modo como um/a jovem vai se desenvolvendo as práticas eróticas, os arranjos sexuais e/ou amorosos. Isto é, acredito no modo como desenvolve suas experiências afetivo-sexuais com seus parceiros/as. Nesse sentido o meu objetivo ao descrever os roteiros sexuais das mulheres jovens é de compreender como elas lidam com sua sexualidade, sua reprodução e nesse contexto como se dão as práticas de dupla proteção.

1.5.1 Ela só Pensa em Namorar

Observei que os roteiros sexuais das jovens apresentam algo em comum para determinados aspectos, como primeira relação, primeiro namoro, primeiro beijo. E outros que não se assemelham como, planejar a primeira relação sexual ou acontecer por um ‘vacilo’.

Sobre os pontos em comum ressalto que para Luana e Helena o acontecimento do primeiro beijo se deu por um processo de conquista do rapaz e por ter amigos que incentivaram e ajudaram para que o beijo acontecesse. No caso de Luana o beijo não foi condição para que se iniciasse o namoro. O beijo aconteceu apenas porque ela cedeu aos apelos do rapaz para que ela permitisse ser beijada, mas ela não gostou do beijo afirmando ter sido o ‘pior da vida dela’. No caso de Helena a paquera já vinha ocorrendo e o interesse mútuo foi desenvolvendo, sendo o beijo a abertura para o namoro. Ela afirmou ter sido um ótimo beijo, e que naquela hora não teve mais vontade de parar.

Entre Luana, Helena e Vanessa o aspecto em comum foi a falta de planejamento sobre a primeira relação sexual. Luana afirmou que esse fato pode ter sido planejado pelo rapaz, mais não por ela. No caso de Helena e Vanessa também não planejaram, mais o que as aproximam são seus relatos de que, quando se deram conta a penetração já havia acontecido.

Na entrevista Helena, 24 anos, casada, relata:

Porque foi assim, eu não disse que o sarro da gente era bem pesado, né? Aí um vacilo, quando eu via já tinha entrado, aí ele... entrou amorzinho." só que na hora vinha dois pescador aí a gente se afastou. Aí eu fiquei com medo e não rolou mais não. Aí depois a gente marcou pra ir num motel. Porque lá tem uns três motel. Aí foi quando a gente começou a ter relação mesmo.

Esta jovem teve sua primeira relação sexual com seu namorado, na praia de um bairro onde morava, no roteiro a cena se dá num lugar desejado por muitos/as jovens para ter sua primeira relação sexual. No meu entendimento, o clímax do momento, aliado ao amor e o cenário contribuíram para que a jovem sem que “percebesse” permitisse a penetração. O cenário depois muda, começam a frequentar o motel, provavelmente mobilizados pelo perigo de serem vistos e nesse caso, haverá outros fatores que afetarão a cena sexual.

Para Taíza e Talita em relação ao primeiro namorado, elas afirmam que havia desinteresse em relação à figura do rapaz. Taíza conta que só namorou com ele por incentivo de outras pessoas e que não sentia atração pelo rapaz, esse namoro só durou dois dias. Talita também relata que o primeiro namoro se deu pelo fato dela sentir-se em condição menos favorecida com relação às amigas que já namoravam e a chamava de ‘brega’ por ainda não ter namorado ninguém. Como o rapaz estava interessado nela, chegando a pedi-la em namoro para sua mãe, o namoro se concretizou para que ela provasse as amigas que não era ‘brega’.

Para Camila, Taíza e Talita o acontecimento da primeira relação se deu pelo planejamento delas, mesmo que por motivos variados. No caso de Camila o envolvimento com o rapaz já vinha acontecendo através do fenômeno do ficar e a relação aconteceu por que em uma de suas saídas com ele, previamente ela planejou que naquele dia a relação sexual se concretizaria. Fato semelhante se deu com Taíza que não só escolheu o rapaz desde que o conheceu e se interessou por ele afirmando para sua amiga Luana que sua primeira vez gostaria que fosse com ele, e ao sair com ele anteriormente decidiu que naquela noite aconteceria sua primeira relação sexual.

Com Talita afirmo ter sido planejado, pelo fato dela ter casado virgem por opção, como também pelo fato de ter acontecido por que o rapaz já era seu marido.

Os roteiros sexuais dessas jovens estão inscritos num contexto de paquerar, ficar e/ou namorar. No caso de Luana, Taíza e Camila a relação sexual não se deu num contexto do namoro, mas de paquerar e ficar. E a relação sexual não levou a um namoro a posteriori. E no caso de Luana e Taíza houve outras relações sexuais no processo de ficar. Já Camila não houve outra relação sexual com o mesmo rapaz, pelo fato dele ter deixado de procurá-la e como ela disse ‘ele só queria isso mesmo’.

Entre Luana, Taíza e Camila ambas tem preferência por rapazes de outra comunidade. Afirmando que não se envolvem com os rapazes da sua própria comunidade por falarem demais e por eles não terem futuro, na concepção delas. Acabam por buscar por relacionamentos com rapazes de comunidades vizinhas.

Das seis jovens entrevistadas duas delas apresentam diferenças nos seus roteiros sexuais em relação às outras quatro, são Camila e Vanessa. Ambas iniciaram a vida sexual com rapazes que estavam ficando, no caso de Camila, e namorando no caso de Vanessa. As duas tiveram decepções amorosas com relação aos respectivos rapazes que estavam se relacionando.

Esse fato acaba por ser a justificativa delas para a presença constante em gafieira e espetinho assim como sarros e amassos nas escadarias e no mato, conhecido por '*motel calango*'. Essa decepção também foi justificativa usada por Vanessa para ficar com muitos homens chegando a morar junto sem planejar e gerar filhos, separando logo em seguida.

Camila frequenta muito um espetinho de sua comunidade, mais o que marca mais sua presença lá é a busca pela bebida e ficar com algum rapaz chegando a ter relações com ele ou não já é consequência do ato de beber.

Foi observado que outras pesquisas também trazem dados sobre as escolhas reprodutivas das jovens (AQUINO, 2003; GELUDA et alli, 2006; PAIVA, 2000 *apud* VIEIRA, 2004; TEIXEIRA, 2006). Percebo que com relação às escolhas sexuais e reprodutivas das jovens há desigualdades em relação ao modo que elas praticam a dupla proteção principalmente sob dois aspectos, primeiro o tipo de relação existente entre o casal, se corresponde ao ficar ou namorar, e segundo sobre as relações de gênero. Algumas pesquisas observaram (VIEIRA, 2004; PAIVA, 2003, *apud* GELUDA et alli, 2006) que houve um aumento da frequência do uso da camisinha entre os/as jovens, mas não é um uso frequente e, principalmente nas relações de ficar.

No caso das relações de gênero associadas à ideia de confiança, fidelidade e tempo de relacionamento, vão modificar a escolha das jovens pelo método de contracepção e prevenção. Ou seja, desde o início do relacionamento e quando já transcorrido anos de união a jovem pode deixar de utilizar a camisinha por acreditar que seu parceiro não tem outras parceiras. Entretanto, também encontrei entre as jovens pesquisadas que o tempo pode ser muito fluido na escolha por manter ou não o uso da camisinha. Muitas das jovens com as quais conversei afirmaram que poderiam estabelecer um padrão de confiança que significasse a alteração do uso de um método preventivo, em uma semana, em um mês, em meses, dependendo da relação e do envolvido nela.

Nesse sentido percebo que as mulheres jovens da comunidade não estabelecem um padrão único nas relações como paquerar, ficar e namorar, pois as relações sexuais podem estar presentes em um desses três momentos e que nem sempre há uma ordem nesses momentos onde a paquera pode ser seguida do namoro e ficar nem sempre vai acabar em namoro. Também percebo que o beijo é um marcador para o início da relação sendo muito importante para elas. Pois não ter afeição pelo rapaz pode indicar que o beijo não vai ser bom. As relações sexuais também não estabelecem um padrão podendo ser planejado por umas e para outras não. O planejamento da relação sexual vai depender do modo como ela idealizou esse momento e com quem. Dever-se-ia ser apenas com o marido ou com alguém que se gosta muito independente do tipo de união estabelecida com ele. Pesquisas como a de Aquino *et alli* (2009) que trata da reprodução nos adolescentes e a heterogeneidade dos perfis sociais e de Borges *et alli* (2002) que trata do início da vida sexual na adolescência na cidade de São Paulo encontraram uma maior incidência de início da vida sexual das adolescentes quando estas estavam namorando com os jovens, e entre os adolescentes não havia esse padrão podendo acontecer o início da vida sexual numa relação entre ficantes. Nessa pesquisa encontro tanto as meninas tendo sua primeira relação sexual com seus namorados como com ficantes. O que mostra a heterogeneidade do grupo pesquisado.

O objetivo deste tópico é conhecer o modo como as jovens começam sua vida sexual com os rapazes para entender se há alguma relação entre o modo como iniciam sua vida sexual e as escolhas reprodutivas.

1.5.2 Quando Eu me Apaixono...

O que ainda observo em todas as jovens pesquisadas é que seus relacionamentos sexuais se deram mediante estarem envolvidas afetivamente pelos rapazes. Nenhuma delas relatou o fato desse envolvimento afetivo não estar presente no contexto do relacionamento. Porém o envolvimento afetivo não é condição para terem relações sexuais com algum rapaz. Como exemplo Camila e Vanessa tinham relações sexuais com rapazes que conheciam numa noite no espetinho ou na gafieira e isso nem sempre resultava em outros encontros ou mesmo em namoro.

Vanessa também manteve relações sexuais com rapazes por outros motivos, diferente de Camila. Neste caso aparecem questões como sair pra se divertir e conhecer um homem que

pague cigarro e bebida, enquanto se diverte e isso resultar numa ida ao motel. Como também conseguir algum dinheiro dele. Porém há um envolvimento afetivo nas relações de Vanessa quando relata suas histórias com os rapazes no qual ela morou e teve filho. Contudo tanto Camila como Vanessa fazem distinção entre os homens, no qual os rapazes que conhece na gafeira e espetinho que lhes pagam bebidas e cigarros e tem relações sexuais com eles, não significa que elas vão se apaixonar por eles e querer namorá-los. Elas se relacionam com eles como se fossem “descartáveis”.

De acordo com as normas de gênero, recai sobre as jovens uma responsabilidade quando o assunto é escolher a pessoa certa e o momento certo para a realização do sexo. (PAIVA,1999). No caso dessas jovens percebo que a escolha da pessoa certa relaciona-se mais ao fato de suas escolhas estarem submissas a ordem do desejo, da atração, de curiosidade pelo desconhecido. Até porque para cinco delas com exceção de Talita que optou pela relação sexual após o casamento, a realização da primeira relação sexual se deu mais pela vontade de ceder ao próprio desejo, pois naquele momento do envolvimento questões morais sobre se a pessoa era certa ou não, também entram em jogo, como questões a serem avaliadas quando da decisão de ter ou não a relação sexual.

Porém o processo educativo lhes ensina a fazer amor com alguém que se ama (PAIVA, 1999). E essa prerrogativa parece estar presente. Mas este amor pode ser substituído por uma grande atração. Nos roteiros sexuais das jovens observei que os sentimentos de paixão e/ou atração estão presentes nos seus envolvimento. Desse modo o “entregar-se” dessas jovens ao ato sexual mesmo sem um envolvimento socialmente assumido, como um namoro, justifica-se pela presença desses sentimentos. Porém, para elas já não é mais preciso estar amando e serem amadas para que aconteça o envolvimento sexual.

Na relação entre envolvimento afetivo e práticas de dupla proteção percebo a heterogeneidade do grupo pesquisado. Pois como será descrito abaixo, algumas meninas não se protegem quando estão namorando (AQUINO *et alli*, 2009), mas quando a relação é sem compromisso, como o ficar, outras se protegem nas relações usando camisinha. Mas todas fazem uso de um único método, ou alternando quando necessário.

1.6 Dupla Proteção – Prevenção e Contracepção

Por esta entende-se a proteção contra gravidez não planejada e Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)/Aids, sendo uma forma de sexo seguro para casais com relacionamentos heterossexuais. Além disso, requer a concordância de ambos os parceiros (BERER, 2006).

A dupla proteção serve para pessoas que estiverem envolvidas sexualmente, se estiverem férteis e não desejam a gravidez e se já expuseram a IST/AIDS, durante uma relação desprotegida, seja um com o outro ou com outra pessoa (BERER, 2006)

O motivo do uso da dupla proteção como categoria nasce do fato deste ser um fenômeno que foi perseguido durante toda a pesquisa de campo. Na entrevista em profundidade não havia nenhuma pergunta direta relativa a práticas de dupla proteção, mas quais métodos as jovens utilizavam, como e por quê. A partir desses questionamentos fui buscando entender como a prática da dupla proteção pode estar acontecendo.

Pensar se há prática ou não de dupla proteção entre as jovens pesquisadas envolve falar de vários contextos de pertencimento em suas histórias pessoais e não simplesmente questionar sobre quais métodos estão usando ou pretendem usar.

De modo geral, não é possível afirmar se estas meninas praticam a dupla proteção ou não nos seus envolvimento sexuais, a partir de uma compreensão das suas histórias pessoais no que diz respeito ao modo como se previnem ou não de uma gravidez ou IST, independente do fato de que o uso dos métodos seja eficaz ou não.

As mulheres jovens da pesquisa fazem parte de um grupo heterogêneo, podendo aparecer variadas respostas para o mesmo tema. Mas o que há de comum nessas jovens além do fato de algumas não negociarem o uso da camisinha para além da preocupação com a gravidez não desejada, é de não apresentarem o desejo de continuar usando o preservativo. Dentre alguns motivos pude observar que elas justificam a não negociação do preservativo pelo fato de estarem casadas e seu único parceiro ser o marido, e não pensarem numa possibilidade de traição por parte deste. Nestes casos a confiança é tida como principal prevenção entre as jovens. Este dados também é confirmado nas pesquisas de Kátia Geluda *et alli* (2006) e de Scott, Quadros e Longui (2009). Seja por causa da '*loucura do momento*', e acabar contando com a sorte. Ou por se encontrar numa relação, onde as relações de gênero

estão inscritas numa relação de poder desigual, e como a relação sexual está sendo levada pelo parceiro, isto é, ele é quem está no comando, corroborando pesquisas que afirma que em qualquer tipo de relação entre sujeitos haverá o de poder (Butler, 2003). Nessa pesquisa encontrei que todas as jovens já fizeram uso de camisinha e algumas delas fazem atualmente uso de métodos contraceptivos enquanto outras não.

1.6.1 As Jovens, o Preservativo e outros Métodos

Nesse tópico exploro o uso do preservativo e outros métodos como a pílula, a injeção trimestral e o DIU, porque estas são as formas de prevenção relatadas pelas mulheres jovens pesquisadas, para prevenção de gravidez e/ou IST/AIDS. A descrição abaixo revela como as jovens usam os métodos contraceptivos e como seu uso pode estar relacionado à prática de dupla proteção.

A situação mais comum para fazer uso do preservativo nos roteiros sexuais de Talita e Helena se dá pela falta da injeção e pílula na unidade de saúde da família local. Em uma pesquisa realizada por Russell Scott, Marion Quadros e Márcia Longhi (2009) numa comunidade de Recife com jovens populares, observou que entre as mulheres casadas, há uma alternância entre métodos contraceptivo e preservativos, esse dado também foi encontrado na presente pesquisa.

Para Camila e Vanessa o uso de camisinha se dava com parceiros que não eram seus namorados ou companheiros e não faziam uso de nenhum outro método contraceptivo. Assim como para elas havia a ausência do preservativo quando a parceria era fixa e estável.

Para Taíza a camisinha esteve presente na sua primeira relação sexual, e não faz uso de outros métodos contraceptivos. Para Luana apesar da consciência da importância da camisinha, sua primeira relação sexual foi desprotegida por opção, justificando que além de ser sua primeira vez, teve vergonha de pedir porque ele era mais velho.

Talita e Helena são as únicas jovens que tem parceiros sendo legalmente casadas com eles. As duas casaram com o segundo namorado. Talita casou virgem tem um filho de três anos. Helena teve sua primeira relação sexual com seu marido quando ainda eram namorados, tem uma filha de três anos.

Talita começou o uso de pílula injetável trimestral a partir do nascimento de seu filho. Helena faz uso da pílula diária desde que teve sua filha. Ambas relataram que seu primeiro contato com a camisinha se deu pela falta do método contraceptivo que usavam no posto. E como ambas temem uma segunda gestação optaram pela camisinha nesse período.

Talita relatou durante as visitas em sua casa que não sentia incômodo ao usar camisinha, ao contrário da pesquisa de Scott et alli (2009) onde as jovens relataram o incômodo durante o uso e que seu marido não fazia objeção contrária com relação ao uso do preservativo. Talita confirmou que se ela quisesse usar apenas a camisinha, seu parceiro aceitaria sem problemas. Mas a partir do retorno de oferta da pílula na unidade de saúde da família, ela tomou a iniciativa de retomar a injeção trimestral e abandonar a camisinha.

Helena relatou durante a pesquisa de campo que tinha dificuldades de usar camisinha com o marido desde a época que namoravam, ele dizia que não gostava de usá-la e dessa forma passaram um ano sem se prevenir com nenhum outro método, até que ela engravidou um ano depois de relações desprotegidas, com 19 anos.

Após o casamento ela relatou que houve mudanças no comportamento do marido, principalmente com relação aos diálogos entre o casal. Para ela o fato dele não gostar de usar camisinha, junto à dificuldade de conversar seria um dos motivos pelo qual ela não consegue negociar o uso do preservativo, apesar de dizer que gostaria de usar em todas as relações. O motivo pelo qual Helena usou camisinha com seu marido, se deu pela ausência da pílula na unidade de saúde da família.

Para Camila, mãe de uma filha de nove meses, o uso da camisinha se dava na maioria das suas relações sexuais, principalmente quando o envolvimento sexual acontecia impulsionado pela bebida alcoólica, a partir de encontros em lugares que a comunidade denomina '*espetinho*'. Lugar onde se vendem bebidas alcoólicas, acompanhada de música de estilo brega. Mas relatou que movida pela bebida já deixou de usar a camisinha, o que a deixou muito preocupada, tanto em relação com a gravidez como em relação às ISTs.

Camila vive uma relação estável com seu companheiro. Ela é a única jovem que usa o DIU como método contraceptivo. E não usa camisinha com seu companheiro porque já se

previne de uma gravidez, fato que ela mesma confirmou. Este fenômeno é encontrado também em outras pesquisas (AQUINO et alli, 2009; PAIVA, 2000 apud VIEIRA, 2004).

Camila foi umas das jovens que relatou o medo de adoecer através das IST/AIDS e mesmo não usando camisinha com o companheiro, afirmou pedir para ele usar o preservativo se houver envolvimento extraconjugal, para que ela não contraia nenhuma infecção. Mas em nenhum momento usou o termo dupla proteção ou falou em se proteger/prevenir duplamente. Relatou ter muito cuidado com saúde de um modo geral, não só nas questões ligadas a saúde sexual e saúde reprodutiva, visitando um profissional de saúde sempre que possível.

Vanessa é uma jovem mãe de três filhos. Relatou durante a entrevista que não usa nenhum método contraceptivo, não gosta da injeção trimestral porque não menstrua e isso a faz pensar que está grávida. Também referiu durante a pesquisa de campo que não toma a pílula diária porque esquece. Afirmou que usou camisinha apenas com os homens que não tinha envolvimento afetivo, cuja relação sexual se baseava em trocas de favores. Ela mencionou que com esses homens tinha nojo do contato físico e por isso usava camisinha. Diferentemente quando a relação sexual estava envolvida por afetos, o preservativo não estava presente na cena sexual.

Vanessa também mencionou não se preocupar com IST/ AIDS, mas apresentava repulsa com relação a alguns homens e esse sentimento a fazia se proteger provavelmente das doenças, caracterizando uma atitude de dupla proteção.

Taíza não tem filhos, teve sua primeira relação sexual durante a pesquisa de campo. Ela relatou durante a entrevista que foram dois encontros sexuais e em ambos ela solicitou o uso do preservativo ao parceiro. Na entrevista demonstrou dúvidas quanto ao uso conjunto de camisinha associado a outro método contraceptivo. Referiu que quando tiver um namorado vai usar algum método contraceptivo para se proteger de uma gravidez, mas não sabe se vai usar o preservativo com o namorado, vai depender da confiança na relação. Ao mesmo tempo ela tem medo de não estar com a camisinha disponível no momento da transa e como resultado engravidar, fato que ela mais teme.

Em contrapartida ela relata que não deixaria de usar camisinha, e para isso seu companheiro teria que realizar exames, para gerar confiança nela. Esse fato revela sua

preocupação com IST/AIDS além da gravidez. E apesar de não falar em dupla proteção sua prática revela suas ações de prevenção.

Luana não tem filhos, sua primeira relação sexual também aconteceu durante a pesquisa de campo e foi com um rapaz que já tinha sido seu namorado na adolescência. Durante a pesquisa Luana demonstrou ser uma jovem preocupada com as questões ligadas a saúde sexual e saúde reprodutiva, apesar de não ser verbalizada nesses termos. Mas, era cuidadosa e atenciosa quando se tratava de evitar a gravidez. Tal preocupação a levou a procurar a unidade de saúde da família usando o nome da irmã, casada e com filho, em busca de informações sobre prevenção, momento em que começou a usar pílula anticoncepcional. Porém tal ação não a levou a ter uma atitude preventiva com relação à IST/AIDS na sua primeira transa, onde optou por não usar camisinha justificando que era sua primeira vez, assim como também teve vergonha de pedir para usar pelo fato dele ser mais velho que ela. Outro motivo também foi a segurança de que não engravidaria pois estava tomando a pílula.

1.6.1 As Jovens Fazem Dupla Proteção?

Segundo Marge Berer (2006) o benefício de fazer o sexo seguro como uma regra social, é que a proteção seria aceita para o bem da saúde reprodutiva e vista como algo bom para si mesmo, independente das relações que tiveram no passado e as que têm no presente de cada pessoa. Para ela sexo seguro, sexo protegido, dupla proteção deveria ser ensinados para todos, sendo uma proposta de educação sexual quando ainda se é jovem.

Um dos grandes problemas em se definir a dupla proteção, recai sobre a questão de que a segurança no sexo vai mais além do ato pênis/vagina protegido, pois há outros tipos de contato através da boca ou ânus com sêmen infectado ou fluidos vaginais. E também a vagina ou o pênis em contato oral ou genital com feridas com IST, como herpes simplex, verrugas genitais. Nesses casos uma barreira oral ou anal, seria importante e isso faz a camisinha ser tão imprescindível (BERER, 2006).

Porém a dupla proteção pode ser praticada de muitas maneiras, desde não usar nenhum método, ou usar um, dois, três ou quatro métodos, a abstinência sexual também pode ser praticada se pensada para fins de dupla proteção e pode também ser pela prática do aborto. O aborto não é um método contraceptivo e nem previne contra infecções, mas segundo Berer

(2006), o fato de não levar a gestação adiante evita que a mulher continue grávida. A dupla proteção acontece pela intencionalidade do sujeito em se proteger de infecções ou gravidez não planejada.

A complexidade deste conceito me faz refletir sobre como a dupla proteção pode estar sendo praticada por mulheres jovens numa comunidade de periferia. Qual a relação que elas estabelecem entre planejamento familiar e prevenção contra IST/AIDS? Como as mulheres jovens pensam que estão se prevenindo e será que refletem sobre isso?

Diante desse contexto é possível mostrar várias formas de preocupação com a contracepção, através dos relatos das interlocutoras a seguir:

Usava nada, nem um remédio, nem nada. Porque eu tinha medo de ir pro médico pra mainha não desconfiar e tinha medo de usar camisinha porque diziam que estourava e eu não era experiente em nada, aí eu não usava nada, não me prevenia com nada. Ele botava aí quando pan...tirava.(Vanessa, 22 anos)

Foi... porque quando eu tive minha filha, o médico disse a mim que só poderia colocar o DIU, depois de 3 meses, aí teve o tempo, ela nasceu, teve o tempo do resguardo, aí teve um tempo que minha menstruação não veio, aí teve que tomar remédio pra vir, nesse tempo não tava tendo nem relação, tava com medo mesmo, nem com camisinha, eu não queria não, tinha medo de engravidar.(Camila, 19 anos)

Com o discurso da primeira jovem percebo que a prática do coito interrompido¹² não pode ser considerada como uma atitude de dupla proteção uma vez que a jovem não desejava engravidar, mesmo não tendo sido citado o medo do contato com algum tipo de IST. A segunda informante traz principalmente o medo de uma gravidez, e a abstinência sexual¹³ como um momento passageiro como meio de evitá-la e depois a transição para o DIU. É possível perceber a prática da contracepção dessa jovem através de sua ação de abstinência sexual enquanto se achava em risco de engravidar.

O conceito de dupla proteção traz algo de pertinente ao referir que a prevenção acontece quando há ações de prevenção tanto em relação à infecção como a gravidez, porém nada pode ser dito em relação a essas jovens, sobre sua prática, apenas por elas se referirem

¹² Ação realizada de retirada do pênis da vagina ou ânus, antes da ejaculação (GIRALDO, 2005).

¹³ Modo de não praticar relações sexuais com parceiro/a, seja permanente ou temporário (BERER, 2006).

mais sobre o medo de uma gravidez, uma vez que faz parte do processo educativo, que a responsabilidade de evitar a gravidez seja algo exclusivo do feminino (PAIVA,1999).

No processo educativo das jovens elas são ensinadas a fazer boas escolhas¹⁴ em relação ao seu parceiro, principalmente quando se trata de um melhor parceiro, pois sua escolha acarretará várias conseqüências, como até prejudicar seu futuro. E para que essa escolha dê certo ela precisa controlar sua sexualidade que já sofre o controle da família, grupo social e comunidade, pois sua moral dependerá do sucesso desse controle (SCOTT, *et alli* 2009).

Como elas precisam desenvolver a habilidade de controlar a sexualidade, em função da pressão que a comunidade exerce, para isso elas acabam por não refletir sobre sexo seguro. Esses dados também foram encontrados e discutidos por Vera Paiva em sua pesquisa (PAIVA, 1999). O discurso de Helena reflete bem esse fenômeno: "assim sempre era ele, ele ficava tentando. Me segurei até onde eu pude, né?" (Helena, 24 anos)

A fala dessa jovem evidencia o quanto foi penoso corresponder às expectativas que depositaram nela para que controlasse sua sexualidade. Diante desse contexto a questão da segurança no sexo não se encontra entre suas principais preocupações, pois sua atenção está voltada em dar a resposta que a comunidade exige.

O parágrafo anterior trata da ambivalência vivida pela jovem em relação ao controle da sexualidade ou ceder a seu próprio desejo. Esse contexto traz dificuldades para que as jovens reflitam sobre sexo seguro, pois expressar sobre segurança no sexo não faz parte do universo delas, uma vez que apenas lhes é questionado socialmente sobre o que elas fazem para evitar ter filhos. E nem sempre essa pergunta pode ser feita, vai depender da moral da jovem¹⁵ na comunidade.

¹⁴ As boas escolhas são um termo ético e significa a escolha de um rapaz que tenha um bom conceito na comunidade, principalmente não estar envolvido com a criminalidade e uso de drogas. Ser um rapaz que estude e/ou trabalhe.

¹⁵ A moral da jovem é um termo êmico diz respeito se a ela possui uma boa ou má reputação.

O medo de engravidar é uma constante entre as jovens tanto entre as solteiras como entre as casadas. Entre as jovens solteiras a questão principal é como se prevenir e esconder da família o uso do contraceptivo ao mesmo tempo. Este dado também foi encontrado em outra pesquisa com jovens populares urbanos realizada em Recife (SCOTT, QUADROS e LONGUI, 2009).

Entre as jovens casadas o argumento é a questão financeira e o trabalho que dá cuidar de uma criança. Esses foram os motivos apresentados por Talita e Camila. Já Helena trazia outro argumento como motivo para temer uma gravidez, a de que seu relacionamento não ia bem e que ela já havia sugerido a separação.

Em relação à prevenção, pensando o uso da camisinha para evitar uma IST, as justificativas foram diversas, desde a camisinha está sendo fornecida no posto, a pílula injetável estava em falta e só na ausência desta a camisinha foi utilizada, até não pensar no assunto, ou o marido/ companheiro não gostar de usar o preservativo. Acompanhem os relatos abaixo:

Não. A gente parou, a gente começou a usar a camisinha quando a injeção passou cinco meses sem ter aí no posto.” (Talita, 23 anos).

“não. usei nada, foi tudo na doida ... por sorte eu não engravidei.” (Vanessa, 22 anos)

Helena afirma que a médica indica o uso da camisinha, mas como diz que o marido não gosta ela passa anticoncepcional. (Helena, 24 anos, protocolo de observação, março, 2010).

De acordo com pesquisa realizada em Campinas, São Paulo, cujo objetivo foi o de determinar conhecimentos, atitudes e práticas de prevenção com relação às infecções sexualmente transmissíveis (IST) no que se refere a mulheres atendidas na rede primária de saúde (FERNANDES *et alli*, 2000), as mulheres sabem qual a utilidade da camisinha e, sabem que sua principal função é evitar as IST, informação muitas vezes dada pela mídia. Porém quando utilizam referem a contracepção como justificativa. Dado semelhante foi encontrado na presente pesquisa.

A negociação do uso do preservativo não é algo fácil para as interlocutoras dessa pesquisa. Sendo menos difícil negociar com o parceiro o uso camisinha pela ausência de uma pílula ou injeção, porque, a primeira preocupação é não engravidar, do que simplesmente

dialogar sobre sexo seguro. Dialogar sobre sexo seguro é afirmar implicitamente a existência de uma desconfiança sobre o outro, com abertura para sofrer da mesma desconfiança. Se no início do envolvimento afetivo-sexual não tiver a presença da camisinha, sendo a possibilidade da retirada dela bastante forte com o desenvolvimento da relação, introduzi-la fora do contexto de uma possível gravidez torna-se mais difícil, principalmente se o discurso vier da mulher. Soará muitas vezes como um discurso de falta de confiança, onde muitas vezes a mulher sente dificuldade para iniciar esse diálogo.

Nas relações afetivas, conceitos como fidelidade, estabilidade da relação amorosa, parceria fixa e monogamia, dão às mulheres a sensação de estarem praticando sexo seguro, levando-as a realizarem relações sexuais sem camisinha. Para as jovens a fidelidade as livraria das relações múltiplas. A fidelidade é algo que sedimenta a auto-estima feminina, as jovens esperam que junto com o amor sejam correspondidas com exclusividade sexual. Como a infidelidade não é admitida, elas acreditam estarem vivendo uma relação monogâmica, então não é preciso usar camisinha. Nesse contexto, torna-se difícil solicitar o uso da camisinha, pois poderá ser interpretada como a declaração de ter “pulado a cerca”, ser ativa fora da relação ou acusar o outro de ter realizado tal ação. Estas afirmações são corroboradas em estudo realizado por GELUDA et alli, (2006, p.1675).

Essas dificuldades estão possibilitadas principalmente pelas relações desiguais de gênero presentes entre o casal, apontando a submissão como posicionamento para as mulheres à medida que os homens se posicionam como detentores de poder nas relações. Como exemplo das dificuldades causadas pelas relações desiguais de gênero que apontam para uma submissão na relação com o parceiro é o caso de Helena que ao sugerir o uso da camisinha nas relações sexuais, tem sua vontade desaprovada por ele, pois com apenas o argumento de que diminui o prazer dele, consegue que façam relações sexuais desprotegidas, "no domingo eu fui no motel, aí foi quando eu falei e camisinha...ele não mas é ruim, não sei o quê, se você quiser me chupar mas é ruim, aí terminou me convencendo"(Helena, 24 anos).

Algumas pesquisas (GELUDA et alli, 2006) apontam dificuldades na relação entre relações de gênero e prevenção principalmente para pedir a camisinha durante as relações sexuais. Tal assunto será abordado no capítulo seguinte.

Algumas ações vêm sendo tomadas pela jovem e/ou família, principalmente na figura da mãe, que refletem uma preocupação com a vida sexual e reprodutiva. Algumas jovens da classe média são levadas pelas mães as clínicas de ginecologias para receberem informações sobre prevenção e contracepção (Brandão e Heilborn, 2006). Esse fenômeno também é encontrado nessa pesquisa quando a mãe descobre que a filha perdeu a virgindade e quando ela já cria um neto/a da filha.

Mas ainda encontram-se jovens que precisam burlar a moral e valores da comunidade e família para buscar informações sobre saúde sexual e reprodutiva. É o caso de Luana, desejosa de ter a primeira relação sexual com seu namorado, marcou a primeira consulta com a profissional de saúde, no intuito de encontrar a melhor forma de contracepção, no nome de sua irmã mais velha e mãe de uma criança, portanto, moralmente em posição de permissão, pelos padrões da comunidade, para tal ida ao profissional de saúde. A jovem foi à consulta na companhia de sua irmã e somente na sala, já na presença da profissional, revelou que era ela e não a irmã seria a pessoa a ser consultada.

Dessa forma, a jovem buscou informações sobre saúde reprodutiva e saúde sexual. É possível que a busca pela dupla proteção possa estar presente na vida dessa jovem. Mesmo que ela não conheça o conceito de dupla proteção, em minhas visitas à jovem, ela relatava sua preocupação no que tange a prevenção da gravidez e das ISTs. A jovem afirmava que, mesmo conhecendo o rapaz com quem ficava, ela não *‘sabia de onde ele tinha vindo’*.

Os métodos contraceptivos como fenômeno que faz parte do planejamento familiar, constituído como direito legal desde aprovação da Constituição de 1988, com a regulamentação da Lei 9.263, de 12 de janeiro de 1996 (Vieira, 2001), tem apresentado vários problemas, e um deles é a escassez da oferta dos métodos (FNUAP, 1994 in Vieira, 2001). Como exemplo disso umas das informantes revelou como chegou a tomar a injeção trimestral após sua ida a unidade de saúde da família de sua comunidade: "Não. Foi logo a injeção. Ela perguntou, disse tinha preservativo, disse que tinha injeção. Aí eu fui logo para a injeção..." (Talita, 23 anos).

É importante saber se quando há uma oferta de vários métodos, como cabe a escolha da mulher nesse contexto? Quais critérios são avaliados para que ela reflita sobre sua escolha? Uma oferta de três métodos não contempla toda uma gama de métodos existente no mercado.

Dessa forma a injeção trimestral acaba por tornar-se a melhor escolha, pois a mulher não precisa se lembrar de tomar a pílula ou lembrar-se de pedir ao seu marido, namorado, companheiro comprar na farmácia ou pegar no posto.

Muitas das jovens entrevistadas não têm conhecimento ampliado sobre prevenção e contracepção. As informações geralmente vêm da televisão ou de palestras realizadas em escolas ou na ONG situada na comunidade.

A prevenção não deve a princípio ser apresentada ao/a jovem como um discurso técnico (PAIVA, 1999; SCOTT, QUADROS e LONGUI, 2009). É preciso conhecer o cotidiano dos/das jovens nas comunidades, pois as pessoas estão envolvidas pelos padrões de masculinidade e feminilidade que vão se alicerçando diferentemente em cada grupo social, família, comunidade. A informação é necessária, mas não é suficiente enquanto a sexualidade for gerenciada por relações desiguais de gênero.

Apesar das dificuldades no caminho da dupla proteção e resistências de algumas jovens em relação ao uso da camisinha, as jovens vêm tomando cada vez mais consciência da necessidade de se proteger numa relação sexual.

Os entraves geralmente se dão por causa da moral cultural, social e familiar que são internalizados por elas. Contudo uma mudança está acontecendo quando mulheres jovens buscam seus direitos e conseguem impor suas vontades.

Há muito tempo as mulheres vem reivindicando espaços e oportunidades de serem sujeitos na política. O feminismo é um movimento político que sabe da necessidade de falar enquanto mulher e pelas mulheres.

Butler (1998) reflete sobre a categoria mulheres, como um lugar sem especificidades, pois toda tentativa de unificar as especificidades acabava por construir uma divisão. Como exemplo de como falar das mulheres temos as mães, as que não são mães, as negras, as pobres, as deficientes, as lésbicas, somente para citar algumas delas.

A autora também critica o esforço de se criar o universal às categorias das mulheres, pois todo esforço de se criar identidades acaba em segregação e tal idéia não sustenta uma base sólida de um movimento político feminista (Butler, id).

Para compreender melhor seu ponto de vista, vemos que Butler (1998) afirma que as categorias de identidade são sempre normativas e exclusivistas. Isso não significa que o termo mulheres não deve ser usado, por anunciar a morte da categoria. Mas o oposto, no qual o feminismo conjectura que “mulheres” assinala um lugar de diferenças, sem poder ser reduzido a uma categoria de identidade descritiva. Então o próprio nome é um lugar de abertura e resignificação.

Com base nessa afirmação de Butler (1998) poderei traçar alguns questionamentos sobre os diferentes posicionamentos das mulheres jovens da comunidade pesquisada em relação às estratégias utilizadas nas relações com seus parceiros afetivo-sexuais que levem a uma prática de dupla proteção, como foi mencionado no início do capítulo. Ou seja, pretendo alocar os posicionamentos das jovens sem entretanto, buscar universalizar suas práticas.

Em resumo, observei quatro tipos de posicionamentos quanto às estratégias utilizadas pelas jovens que as levassem a uma prática de dupla proteção. O primeiro é que as jovens escolhem seus métodos sem a participação dos parceiros. Tomando a iniciativa sozinha de escolher a camisinha, coito interrompido ou simplesmente nenhum método, como também a ida a Unidade de Saúde da Família e aderir à contracepção e prevenção disponível no posto.

O segundo posicionamento se refere ao uso da camisinha entre casais que estão casados e cujo interesse é não ter filhos. Isto é, quando o casal não quer mais procriar e há falta da oferta de métodos contraceptivos na Unidade de Saúde da Família, a opção pelo uso da camisinha, é apresentada pela mulher jovem, que relata a falta do seu método no posto e que a única oferta é a camisinha. Então a decisão da escolha fica a critério do casal. Isto é, elas afirmam que quando apresentam o fato ao companheiro e dizem que no posto só há o preservativo, em diálogo decidem que seu uso será temporário até que seu método seja ofertado novamente. O consenso entre o casal acontece principalmente pelo interesse de não ter mais filhos.

O terceiro posicionamento diz respeito às jovens solteiras que vivenciam uma maior liberdade para solicitar o uso do preservativo, principalmente quando a relação é entre ficantes. Pois quando a relação é entre namorados as questões desiguais de gênero estão mais presentes do que entre ficantes. Pois a relação de ficar exige uma maior flexibilidade entre o casal, e como há interesse de ambos que a relação sexual aconteça, a solicitação pelo uso da

camisinha pela mulher não é um fato que venha causar constrangimentos, discussões e reações de violência. Situação na qual o pedido dela é aceito sem questionamentos.

Em relação ao quarto e último posicionamento, este diz respeito ao fato de que as estratégias utilizadas pelas mulheres jovens da comunidade servem aos seus próprios sentimentos e idéias de como estão se protegendo em relação a gravidez e IST/AIDS e não é fruto de conversas com o parceiro sobre dupla proteção.

Portanto questões relacionadas a saúde reprodutiva e sexo seguro ajudam a entender o posicionamento de Butler (1998) quando ela refere sobre a inteligibilidade de uma categoria identitária, ou seja, que ao categorizar acabamos por encerrar em uma única identidade as mulheres, por exemplo. Ao fazermos isto, afirma a autora, estamos deixando de lado a possibilidade do que não é dito e do que não está necessariamente na norma. Faço uma analogia desta questão trazida pela Butler (1998) com as mulheres jovens, minha interlocutoras nessa pesquisa, isto é, quando observo as estratégias utilizadas pelas mulheres jovens da comunidade pesquisada para se proteger de doenças e de uma gravidez não desejada vejo que as mesmas apresentam formas particulares de se proteger que estão para além de um enquadramento. Algumas delas buscam alternativas às normas da comunidade para poderem usufruir do acesso ao posto de saúde, por exemplo; outras deixam de transar com seus parceiros se não gostam ou não desejam realizar algo que eles desejam. Estas são pequenas brechas à uma norma que não permite que os prazeres se deixem “dizer”, parafraseando Jurandir Freire Costa (1998).

Com isto, outra grande questão se coloca e se faz necessária de ser explorada e analisada: o debate em torno das desigualdade de gênero e sua relação com as questões apontadas neste capítulo. Dessa forma, passarei ao próximo capítulo, com a intenção de averiguar como a categoria gênero auxilia na análise dos objetivos por mim propostos nesse trabalho. Passemos a elas.

2 GÊNERO EM PERSPECTIVA

Para este capítulo, procuro identificar se as mulheres jovens participantes da pesquisa percebem os discursos que apontam para uma desigualdade de gênero nos seus envolvimento afetivos sexuais, estejam estes relacionados à autoprevenção e a uma prática de dupla proteção ou não. Assim como se elas relatam tentativas de práticas de prevenção com seus parceiros e quando estas tentativas não levam a nenhuma forma de dupla proteção, se apresentam sentimentos de submissão.

Os dados analisados neste capítulo fazem parte do mesmo quadro que foi citado no capítulo anterior. Porém nenhuma outra categoria foi criada para ser analisada neste capítulo. Os dados aqui analisados fazem parte do repertório de resposta pertencente ao correspondente quadro.

O sentido do título deste capítulo está relacionado a minha busca de encontrar nos discursos das jovens alguma discussão sobre desigualdade de gênero nas suas relações afetivas. Para isso, inicialmente trarei o debate sobre o conceito de gênero que utilizo, sua

importância para esta dissertação, e um breve histórico sobre seu surgimento e importância, a relação entre gênero e feminismo, a relação entre gênero, direitos sexuais e direitos reprodutivos. Em seguida, apresentarei meus dados para, após isto, realizar a análise sob a lente feminista.

2.1 A Performatividade do Gênero

Neste tópico pretendo falar inicialmente qual conceito de gênero que utilizo e porque, qual a importância dele no desenvolvimento da pesquisa, para depois falar sobre como surgiu o conceito de gênero nas ciências sociais e qual a relação entre gênero e as mulheres jovens pesquisadas.

O conceito de gênero que utilizo nasce de uma perspectiva pós-estruturalista, baseada em Butler (2003) e Haraway (1998), que definem gênero como relações de poder entre sujeitos socialmente constituídos, em contextos específicos, sendo estes marcados por uma transitoriedade, isto é, uma fluidez das relações.

A importância deste conceito para a dissertação acontece do fato de inicialmente advir de uma abordagem pós-estruturalista que pensa a linguagem como lugar de constituição de experiências, que constituem os próprios sujeitos. Sendo a linguagem passível de transformações ela causa mudanças na forma dos sujeitos lidarem com o mundo. Dessa forma, acredito em posições transitórias dos sujeitos diante das pessoas e do lugar em que vivem. Essas posições são chamadas por Butler (2003) de ações performáticas. A performatividade vem justamente do fato dos sujeitos assumirem novos posicionamentos em função dos desejos e inquietações, isto é assumindo outros lugares, e permitindo-se afastarem-se da norma.

É importante trabalhar este conceito nesta dissertação pelo fato de que mesmo que a subjetividade seja marcada pela transitoriedade, ela acontece acompanhada de posições de desigualdades de gênero. Sendo estas vivências de desigualdes também impulsionam a assunção de novos posicionamentos. Como exemplo trago o caso de Helena que ao descobrir as traições dele e com dificuldades de usar camisinha com o marido, consegue diminuir a quantidade de relações sexuais com ele como meio de evitar o contágio pelas IST/AIDS.

A apropriação do termo gênero, não se deu apenas na academia, foi incorporado no movimento feminista e, hoje ocupa diversas áreas como também pastas do governo, provocando tensões e conflitos num cenário social marcado por:

Modificações no campo político que avançam com a inserção de feministas no governo e com as organizações não governamentais ocupando um espaço importante no interior do movimento, confundindo-se com ele, e mesmo aparecendo como a forma de sobrevivência dos antigos “grupos feministas autônomos (ADRIÃO, TONELI E MALUF, 2010).

Portanto, compreendo o trabalho com gênero na interface com o termo feminismo. Isto implica um posicionamento para o qual já referi a/ao leitora/o na introdução deste trabalho e que agora retomo mais uma vez. Para acompanhar melhor essa relação entre gênero e feminismo é importante saber como ela começou, e a este tópico me remeto agora.

2.2 Feminismo(s), Gênero e Psicologia

O feminismo é um movimento social cujo propósito é a busca da mudança em direção à igualdade de direitos cívicos e políticos entre os sujeitos. Busca a promoção dos indivíduos independente de suas práticas, hábitos, atitudes e orientação sexual.

Este movimento de acordo com algumas teóricas (SCOTT, 1989, PEDRO, 2005, dentre outras) passou por três momentos. O primeiro se passou no meio do século XIX, e seu objetivo era a busca pela igualdade de direitos entre homens e mulheres. Conhecido como movimento sufragista, sua principal reivindicação foi o direito ao voto, almejando o acesso ao estatuto de “sujeito jurídico” pelas mulheres. Esse primeiro momento também é marcado pelas duas grandes guerras que trazem opiniões divergentes sobre a influência desse momento histórico na vida da mulher. Nogueira (2001d) baseada em Powell (1993) afirma que a entrada da mulher em atividades masculinas serviu para a emancipação delas, como também foi pela situação de emergência que elas foram requisitadas para depois, com a volta dos homens da guerra, elas reingressassem as suas funções na vida familiar.

O segundo momento aconteceu entre as décadas de 60 e 80 do século XX. Uma de suas expressões principais foi a ideia de opressão feminina. A inquietação das feministas centrava-se na percepção das mulheres como seres dependentes, subvalorizados e

frequentemente isolados, essencialmente aquelas que se dedicavam à família o tempo inteiro. Nessa época ocorreram profundas transformações. Com a explosão econômica do pós-guerra as mulheres foram convidadas a participar do mercado de trabalho. No campo científico também ocorreram mudanças pela entrada das mulheres nas universidades, enquanto pesquisadoras, tendo como objeto e sujeito de estudo temas de suas próprias experiências. É nesse movimento que a categoria “gênero” foi criada, a partir das lutas do feminismo e do movimento de mulheres. Segundo Joan Scott, (1989), muitos livros e artigos com o tema da história das mulheres substituíam em seus títulos o termo mulheres pelo termo gênero. Tal fato aconteceu na busca de uma aceitabilidade política desse campo de pesquisa. Dessa forma, o uso do termo buscava a seriedade de um trabalho, pois gênero traz um sentido mais objetivo do que mulheres¹⁶.

O termo gênero surgiu como meio de explicar as relações entre homens e mulheres sem a pretensão de tomar uma posição política no movimento feminista. Esse contexto gerou conflitos entre as feministas da academia e as feministas da militância, que acusavam aquelas de não estarem envolvidas na luta das questões referentes à mulher. (ADRIÃO, 2008; PEDRO, 2005)

A palavra gênero apareceu inicialmente entre as feministas americanas, elas queriam demonstrar o aspecto social das diferenças baseadas no sexo, indicando uma rejeição ao determinismo biológico implícito tanto nos termos “sexo” ou “diferença sexual” (SCOTT, 1989). O termo gênero era proposto pelas feministas que defendiam que a pesquisa sobre mulheres poderia transformar os paradigmas de cada disciplina. Desde cedo foi ressaltado que os estudos sobre as mulheres poderiam adicionar tanto novos temas como impor uma reavaliação crítica das premissas e critérios do trabalho científico existente. Além disso, ao não dissociar-se da política do feminismo, o termo gênero implica-se na tomada de posição sobre a desigualdade e o poder.

Os anos 60 foram anos efervescentes na academia, na qual iniciaram novas perspectivas na pesquisa sobre os estudos da mulher, a psicologia da mulher, baseando-se em pressupostos teóricos, metodológicos e da concepção de ciência diferentes do início do século XX. A entrada de questões feministas na academia desafiou de forma radical a produção do

¹⁶ Mas há divergências quanto a isto, tendo em vista que, até hoje muitas feministas afirmam que o termo gênero, quando dissociado de seu significado de desigualdade de poder nas relações, despolitiza as ações e as teorias que a utilizam, retirando a figura da mulher oprimida do centro do debate (ADRIÃO, 2008).

conhecimento nas Universidades. Dessa forma, os resultados trazidos pela influência do feminismo se deram nos campos políticos e sociais.

Nos anos 70, continuou o crescimento de pesquisas de inspiração feminista que questionavam a existência de muitas inclinações masculinistas na prática da ciência. Esse momento é marcado pelo surgimento da crítica feminista da ciência, seu objetivo é mostrar a existência de invisibilidade da mulher e lutar por uma existência social e política. As pesquisadoras que trabalhavam com abordagem da crítica feminista apontaram o uso abusivo do saber que tinham como universal o masculino (NOGUEIRA, SAAVEDRA e COSTA, 2008). Esse abuso do saber provocou desigualdades entre homens e mulheres, dando privilégios ao homem sob a marca da neutralidade sexual e que por isso não há desigualdades. Somente no fim do século XX que o termo gênero apareceu como categoria de análise. Estava ausente em grande parte das teorias sociais formuladas desde o século XVIII. Muitas teorias desenvolveram sua lógica sob analogias com a oposição masculino/feminino, algumas reconheceram uma “questão feminina”, outras ainda preocuparam-se com a formação da identidade sexual subjetiva. Esta falta pode explicar as dificuldades que as feministas contemporâneas tem tido de unir o termo gênero em teorias preexistentes e em convencer os partidários a fazer uso do termo gênero em seu vocabulário (SCOTT, 1989).

É no espaço aberto para debate, do lado da crítica da ciência desenvolvida pelas ciências humanas e da crítica do empiricismo e do humanismo, que as feministas iniciaram o encontro com uma via teórica própria, como também encontraram aliados cientistas e políticos. É nesse espaço que Scott, (1989), sinaliza que se deve articular o gênero como uma categoria de análise.

Para Scott ainda (1989), a conceito gênero possui a conexão entre duas proposições. O gênero como um elemento que constitui as relações sociais alicerçado nas diferenças percebidas entre os sexos, e gênero como uma forma essencial de significar as relações de poder.

Como meio de constituir as relações sociais formadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, o gênero implica quatro elementos relacionados entre si. Primeiro, os símbolos disponíveis na cultura levam a múltiplas representações, por exemplo, Maria, como símbolo de mulher, luz, purificação, inocência. Segundo, conceitos normativos evidenciam

interpretações do significado dos símbolos tentando limitar outras possibilidades. Outro exemplo são as normas expressas pela religião, educação e o direito evocam uma oposição do sentido masculino e feminino. O terceiro elemento implica a inclusão de uma noção política e uma referência às instituições e organizações sociais. O quarto elemento do gênero é da constituição de uma subjetividade (SCOTT, 1989, p.16). Esses quatro elementos propõem a definição de gênero, mas nenhum deles opera sozinho há uma relação entre eles, e o objetivo é compreender a necessidade de pensar o efeito do gênero nas relações sociais e institucionais.

Em meados da década de 80 o feminismo começou a ficar “fora de moda”, e esta informação foi sistematicamente veiculada pelos meios de comunicação social, que referiam que as populações mais jovens estavam completamente indiferentes ao feminismo e às lutas que tiveram de ser travadas no passado. Entretanto o que percebo em concordância com outras autoras (ALBERNAZ, 2006; ALBERNAZ e ADRIÃO, 2010) e com meus diálogos com as interlocutoras dessa pesquisa de dissertação, é que há uma necessidade contínua de utilizarmos as teorias de gênero e feministas, pois as desigualdades permanecem constituindo-se e reiterando-se.

Na psicologia desde o início do século passado assiste-se à afirmação das diferenças sexuais para sustentar a inferioridade feminina, limitando a sua esfera de ação, restringindo a sua autonomia e liberdade de movimento. Como exemplo, no início do século, Terman e Miles in Nogueira *et alli* (2001d) afirmavam que,

Baseando-se na premissa de que a ausência de diferenças na medida de inteligência devia indicar que estas (diferenças) se situavam a outros níveis, como sentimentos, interesses, atitudes e comportamentos, acabam por oferecer uma descrição da imagem de uma mulher típica através de uma série de oposições ao homem típico (NOGUEIRA *et alli*, 2001d, p.10).

Estes trabalhos favorecem condições para o aparecimento de teorias sobre temperamentos masculinos e femininos como também o início de um vasto programa de pesquisa sobre as diferenças sexuais (NOGUEIRA *et alli*, 2001d).

Posteriormente nos anos 50, Parsons desenvolve a teoria sobre a estrutura da família e a socialização dos papéis sexuais, no qual a divisão das tarefas na família é a componente sociológica desta teoria. As esferas privada e pública dividem os papéis sexuais, derivando daí

os temperamentos masculinos e femininos, fruto da interiorização desses papéis (LORENZI – CIOLDI, 1994 *in* NOGUEIRA, 2001d).

A psicologia cujo nascimento aconteceu em épocas reinantes do positivismo, apresentava resistências a outros paradigmas teóricos, que fossem contrários a busca da objetividade e neutralidade. Ela teve que esperar o segundo momento do movimento feminista, pós década de 60, para sofrer abalos provenientes da crítica feminista.

A abordagem feminista na psicologia levantou novas questões como a introdução de novos conceitos, modelos e problemas, ênfase no significado do gênero em termos do seu valor como constituidor de subjetividades marcadas por desigualdades a partir de vários marcadores sociais, dentre eles o de gênero. Além disso, demarca criticamente a prescrição de “papéis” para mulheres e para homens, e traz para primeiro plano as relações de poder. (NOGUEIRA, 2001d). É possível dizer que os trabalhos na psicologia, quer teóricos quer empíricos, já são reconhecidos e apreciados. Entretanto, quanto às críticas algumas são aceitas e outras representam o início para novas perspectivas que se tornam mais marginais dentro da psicologia

Entretanto, concordo com Conceição Nogueira (2001d) quando a autora afirma que debate e os estudos na área da psicologia não acabaram com a marginalidade das mulheres, que é um objetivo do feminismo, e não provocaram o pensamento reflexivo auto-crítico necessário para compreender o sexismo e originar novos sistemas. Em muitos aspectos, continua-se a tomar o masculino como universal e a mulher continuou como o outro (NOGUEIRA, 2001d).

Por estas razões acima descritas é que busco neste capítulo lançar luzes ao debate no campo Psicologia, tomando minhas interlocutoras, as mulheres jovens da comunidade estudada, como porta-vozes de suas vivências afetivo sexuais, a partir de uma ótica de gênero e feminista.

2.3 Novas Possibilidades entre Prevenção e Gênero

Percebe-se o quanto as jovens da comunidade vivenciam relações de desigualdade, nas quais parece que o debate sai do campo das relações de gênero e se cristaliza nas diferenças

sexuais como marcadoras de “papéis” pré-determinados para as mulheres. Neste sentido, não haveria a fluidez e o trânsito de que nos fala a Butler (2003), entre masculinos e femininos, em corpos de homens e de mulheres. As desigualdades então, aparecem como “naturalizadas” dificultando para as jovens a visibilidade desse fenômeno, principalmente nas relações afetivas. Como exemplo desse fato trago a fala de Talita, quando referimos sobre brincadeiras de meninas em que os meninos poderiam participar.

Eu acho que ia porque eu acho que menino tem que brincar com as coisas de menino, né? Menino tem que brincar com as coisas de menino. Menina tem que brincar com as coisas de menina. Imagina: um filho da gente esta com uma boneca no colo! Eu acho feio. E mesmo assim ele nem gosta de boneca. Que as meninas lá de cima têm uma boneca, mas quando ele chega perto ele tem medo, porque ela pisca o olho.

Quando Talita apresenta seu ponto de vista sobre a possibilidade de meninos participarem de brincadeiras de meninas, seu discurso aponta para duas formas de desigualdades. Primeiro, a menina só pode participar de brincadeiras que lhe dizem respeito e que são marcadas socialmente pela comunidade; segundo que o menino também está marcado por esta norma, não devendo sair de um dito universo masculino e colocando uma boneca no colo, pois isso iria sugerir uma feminilidade que deve ser afastada da criação dele. A possibilidade desse menino se aproximar de uma boneca e ser pensado em termos de exercício de uma futura boa paternidade não é cogitada.

Vê-se como o padrão continua sendo reiterado e como, apesar de muitas pesquisas apontarem as mudanças nos padrões de sexo/gênero entre jovens de ambos os sexos, ainda permanece esta norma. Isto é, primeiramente quando as disciplinas como medicina e psicologia entre outras tratavam das relações entre os sexos estas se davam pelas diferenças biológicas e comportamentais, separando o que era do homem, como agressividade, objetividade e racionalidade de um lado e para as mulheres características como passividade, neutralidade, emotividade de outro. Essa forma de pensar gera uma dicotomia que separa grupos de pessoas baseadas na biologia sem considerar a interferência da subjetividade sobre a biologia dos corpos. As teorias de gênero vão muito mais além disso trazendo uma discussão sobre a fluidez nas relações causada pela performatividade dos corpos (BUTLER, 2003)

As invisibilidades das desigualdades de gênero para as mulheres jovens as levam a reproduzir ações nos seus relacionamentos afetivos sexuais que são reflexos do modo como elas respondem à comunidade e à família. Isto pode ser percebido na fala a seguir.

Como eu conheci ele. Eu tinha deixado esses três, aí tava me sentindo sozinha. Aí o namorado da minha irmã me apresentou ele. aí a gente se conheceu, depois que a gente se conheceu, eu passava lá por cima de onde ele morava, ele ficava me paquerando. Aí eu comecei... toda vez que eu passava ele ficava me paquerando, paquerando, paquerando e eu gostando dele, gostando, gostando, terminou a gente namorando. Não. começou a gente ficando escondido nos matos, atrás dos muros das coisas... aí depois em casa, pediu pra namorar em casa e começou a namorar em casa"(Vanessa, 22 anos, união estável).

Na fala de Vanessa percebo após a fase de conhecimento no relacionamento junto com o surgimento de maior afinidade entre o casal, que ambos decidem dar uma resposta à comunidade e à família com o pedido formal de namoro à mãe dela. Esse fato é relatado por ela com bastante orgulho, e é demonstrada em sua fala uma visão romântica na qual a mulher continua esperando que um “amor verdadeiro” (idealizado) a venha pedir em namoro.

Em alguns relatos das jovens observo atitudes que revelam um posicionamento de desigualdade relacionado ao sentimento de amor pelo companheiro. O romantismo dessas relações está engendrado de desigualdades de gênero, fazendo com que a jovem coloque-se em um lugar de “fragilidade” e “opressão” cultural e social.

Em contrapartida observei que não corresponder com as ações que devem ser dadas a comunidade não é, necessariamente, um modo de tomada de consciência das desigualdades, mas uma forma de responder à (des)ilusão amorosa vivenciada. De alguma forma, a jovem acaba por tocar e desmontar uma norma demarcada para as mulheres “certinhas”¹⁷, que abala à moral cultural e social comunitária. Isto acontece, segunda as minhas interlocutoras, quando o namoro acaba ou quando elas foram traídas. A fala de Vanessa, 22 anos, união estável, demonstra esse fato,

(depois que eu fui traída) Aí foi quando eu comecei sair de noite pra gafeira. Quando eu comecei a sair, conheci o pai do meu menino. Gafeira de novo. Aí foi quando eu conheci o pai dela, conheci ele, a gente começou a sair, a gente

¹⁷ Tal qual discutido no capítulo anterior, quando tratei das fgozas, assanhadas e arengueiras.

saia direto, aí depois ele veio pra cá, ele vinha me visitar, quando vi a gente já tava morando junto. Aí arrumei outro... Menina que inferno... Quando eu sonhava em deixar, o homem endoidava, ele pulava por telha, pulava janela, arrobava a porta.

Quando Vanessa relata suas idas à gafeira, ficar com homens e engravidar deles, em contraposição ao momento em que namorava com um rapaz e foi morar com ele depois de um ano com autorização da mãe aos 16 anos, seu discurso revela uma revolta pelo fim do relacionamento e pela traição que sofreu, provocando uma mudança de ação em relação ao papel que desempenhava anteriormente.

Mesmo que essa mudança de atitude não esteja ligada a tomada de consciência das desigualdades de gênero, ela revela uma nova forma de posicionamento com mais independência típico de uma postura dita como masculina. O importante aqui é a reiteração de um certo desmonte dessas posições, embora saiba que estas ações da jovem sejam colocadas como não moralmente aceitas entre as próprias jovens, e entre a comunidade que as nomeia desfavoravelmente., tal qual já discutido no capítulo anterior

No momento em que surgem mulheres que por alguma razão quebram a norma vigente, conseguindo escapar da moral cultural e social, exercendo novas práticas levando-as para um caminho de diminuição das desigualdades de gênero, percebo que essas experiências geram um sentimento de autonomia e poder em relação ao próprio corpo, que antes era dominado, embora esta dominação termine por ganhar outros nomes.

De acordo com Butler (2003, p.31), em sua leitura do Segundo Sexo de Simone de Beauvoir assim como o homem é fundido com o universal, faz uma crítica a “descorporificação do sujeito epistemológico masculino abstrato”, onde o corpo masculino é negado e renegado, e ela questiona se o corpo feminino seria construído dessa renegação. A proposta de Beauvoir é que o corpo feminino seja instrumento de liberdade da mulher e não sua prisão. O corpo feminino não deveria ser marcado em nenhum discurso, já que o corpo masculino e universal não é.

Dessa forma o corpo das mulheres jovens não é constituído de liberdade, estando marcado pelas desigualdades, quando se trata da relação com seus parceiros e das questões de contracepção e prevenção. Acredito que uma maior autonomia pode ser ainda conquistada,

quando o corpo masculino deixar de ser universal e o corpo feminino deixar de ser marcado e dominado pela marca da universalidade masculina.

Essas experiências em relação ao corpo não são compartilhadas por todas as mulheres da comunidade. Butler (2003) e Scott (1989) levantam a questão da existência de não apenas uma categoria de mulher compartilhando as mesmas experiências, mas sim mulheres compartilhando diferentes experiências construindo uma categoria heterogênea, onde não existiria a especificidade do feminino. Para fortalecer esse argumento, concordo com o que as autoras apontam¹⁸ sobre a existência de outros marcadores como os de classe, raça/etnia, geração, dentre outros; que vem contribuir para as desigualdades de gênero.

Destaco aqui a relação entre os marcadores gênero e juventude, pensando que as mulheres com as quais dialoguei são jovens e vivenciam desigualdades de gênero específicas dessa etapa da vida. A mais contundente diz respeito ao exercício do direito de decidir e vivenciar a sexualidade nessa etapa da vida pelas mulheres jovens. Quadros et alli (2011) comenta que ao pesquisar jovens de distintas comunidades de Recife e Caruaru, entre os anos de 2008 e 2010, encontrou dados que se confirmam nessa pesquisa, quais sejam, de que as mulheres jovens são cerceadas em sua vivência da sexualidade.

Haja visto que elas não são atendidas no posto de saúde, como exemplo o caso de Luana, 17 anos, solteira que usou a estratégia de se passar pela irmã para ter informações junto ao serviço de planejamento familiar da USF da sua comunidade, também que algumas das mães, ao saberem que na pesquisa as suas filhas iriam falar sobre sexo, não quiseram que elas participassem ou dificultaram seu acesso. Isto corrobora o que Haraway fala sobre os circuitos integrados comunitários e como estes podem excluir as mulheres de uma forma geral e as mulheres jovens em particular, por atuarem de acordo com uma dupla moralidade para a qual "finge-se que não se sabe que a menina transa, até que ela apareça de barriga, já grávida" (fala de interlocutora, diário de campo da pesquisa, 2009).

As experiências podem ser facilitadas quando as mulheres participam de grupos que promovam a tomada de consciência das desigualdades de gênero como é o caso de Luana que

¹⁸ Outras autoras dos campos de estudos sobre feminismo e direitos sexuais e direitos reprodutivos também tratam dessa imbricação de categorias (MAYORGA, 2008; ADRIÃO, 2008; NOGUEIRA, 2008; TONELLI, 2004)

participou de encontros na comunidade de protagonismo juvenil em que discutiam várias temáticas, como gênero e políticas públicas.

Vim perceber agora, né? há pouco tempo, porque entendendo que era a diferença, não existe a diferença, que a sociedade que impôs. Tem gente que aceita ou não aceita ou não o que ela impôs. E é até difícil lutar contra isso, por que às vezes a gente até concorda com o que ela diz. Eu vim aceitar isso agora, mas tinha mesmo. Às vezes meu irmão ia trabalhar na cozinha eu já ouvi meu pai falar: Lugar da mulher é na cozinha, saia daí!. Mandava ele sair e ele saia, ele foi aprendendo isso. Meu pai aprendeu com a mãe e com o pai dele, minha mãe aprendeu a mesma coisa e vão passando isso pra meu irmão. Mas eu vejo isso de uma forma diferente por que eu participo de políticas públicas e aí eu fui vendo, fui fazendo. E aí fui vendo, participando de políticas públicas, coisas que meu pai fazia. E porque eu também não posso fazer? Aí isso foi despertando em minha cabeça, aí surgiram algumas confusões dentro de casa, por que eu tava lutando por uma coisa que eu queria que tivesse a mesma condição. Existe muita diferença, eu percebi"(Luana, 17 anos, solteira).

A fala da jovem supracitada revela a experiência do cotidiano da mulher com o olhar de quem teve informação sobre relações de gênero e consegue ver com mais clareza as desigualdades de gênero. O conhecimento adquirido a levou a tentativas de mudar sua realidade. Mesmo sendo difícil mudá-la com certeza ela não é a mesma jovem depois de discutir sobre sua condição de mulher.

Discussões como esta mencionada acima entre as jovens e seus parceiros não foram relatadas durante a pesquisa de campo e entrevista. As falas delas, quando se investigava sobre desigualdade de gênero no envolvimento afetivo, dirigiam-se especificamente em relação ao uso da camisinha, se para seu uso era necessário ela pedir, se havia fácil aceitação do parceiro, se era negada ou sugerida por ele.

Jovens como Vanessa relatou o uso da camisinha com parceiros que não tinha envolvimento afetivo, como foi mostrado no capítulo anterior dentro da categoria dupla proteção – prevenção e contracepção. Ela não referiu nenhum episódio de resistência dos parceiros sexuais. E como ela própria preferia não usar com seus companheiros e namorados, por estar envolvida afetivamente, ela não apresentou nenhuma fala que a levasse a refletir sobre sofrimento por desigualdade de gênero.

No entanto percebo que Vanessa vivencia momentos demarcados por desigualdade de gênero, quando ela escolhe não usar camisinha com seus companheiros e namorados. De acordo com a literatura referente a uso de camisinha e relacionamento afetivo (GELUDA et alli, 2006), esses estudos revelam que conceitos como fidelidade, estabilidade, relacionamento fixo e monogamia, conferem às jovens que assim se comportam o sentimento de vivenciarem sexo seguro, e acabem por decidir abandonar o uso do preservativo, mesmo quando sabem da infidelidade do parceiro. Percebo aqui que, mais uma vez, há um retorno a um lugar pré-determinado às mulheres em geral, que é ainda o de cuidar do lar e do relacionamento conjugal. Mesmo com as mudanças contemporâneas, estes padrões continuam orientando as ações e os sentimentos das mulheres jovens. E, neste caso, esta não parece ser uma questão marcada também pela classe e pela geração, tendo em vista que Fernanda Ferrari Pizzato (2010) encontra dados semelhantes entre mulheres de camadas médias, com idade em torno de 30 anos, independentes financeiramente e solteiras.

Essa forma das mulheres jovens agirem seus relacionamentos afetivos acaba por demonstrar que numa relação afetiva estável a desigualdade de gênero existe quando os conceitos acima referidos trazem dificuldades para a mulher de negociar sexo seguro. No entanto questiono, porque numa relação afetiva com tais conceitos presentes não se poderia negociar a prevenção de ambas as partes?

A própria literatura responde quando a presença de negociação com relação a dupla proteção por parte da mulher, pode trazer consequências negativas para ela. Pois uma cultura sexual tradicional vem, carregada de uma visão machista, onde para o homem são delegada as características de ação, dominação e racionalidade e para a mulher características de passividade, submissão e emoção. Diante dessa polarização, a prática do uso da camisinha muitas vezes não pode ser negociada pela mulher, pois ela precisa da aceitação do parceiro, que imbuídos de valores machistas, acaba por produzir constrangimento à mulher, isto quando não sofrem coerção e agressão. De acordo com Maria Vieira *et alli* (2004) muitas vezes quando a mulher tenta negociar um método de prevenção, elas são denominadas como experientes demais para o sexo, desconfiadas da infidelidade do parceiro, infiéis, ou que estão infectadas pelo HIV. A dificuldade da mulher de negociar nas práticas sexuais ações de prevenção ocorre justamente pela existência das desigualdades de gênero presentes na sociedade, sem esquecer que estas vêm entremeadas de outras desigualdades de raça/etnia,

geração, classe. E que as jovens em questão aqui vivenciam, pelo menos três destas, qual sejam: de gênero, de classe, de geração e de raça.

No caso de Taíza, ela relata a percepção da existência de desigualdades de gênero na sua relação familiar, mas não traz experiências da vivência da desigualdade nas suas relações afetivo-sexuais com relação a tentativas de prevenção como mostra a fala abaixo,

Sim. Acho que é da parte mais do meu pai, por que o meu irmão por parte de pai, eu acho assim... que, por ele ser mais velho que meu irmão mais novo...acho que tem um...não sei por que... ele não podia tocar numa vassoura...acho que ele ia virar o que? Uma mulher? Em relação essa parte meu pai..., assim, é muito ignorante. (Taíza, 18 anos, solteira)

Taíza é uma jovem que percebe a diferença da educação recebida pelo pai em relação ao irmão, quando se trata da divisão sexual do trabalho doméstico. Ela percebe que sofre desigualdade de gênero, mesmo sem nomear. No modo como ela descreve o fato percebo que em sua família, na figura do pai, há uma desqualificação da mulher quando ela reflete: homem que tocar na vassoura vira uma mulher. Observo que implicitamente o fato descrito revela o pensamento do pai no sentido de que a mulher executa um trabalho desqualificado e feminino que não pode ser exercido por um homem. Este é mais um fato discutido na literatura de gênero e feminista, ao discutir sobre a constituição de subjetividades dos sujeitos e de como há uma marca que impinge o que pode e o que não pode, normatizando e estigmatizando as pessoas que queiram sair da norma. Particularmente, a literatura *queer*, que estuda as desigualdades heteronormativas, desloca e questiona estas posições (BUTLER, 2003).

Na contramão desses fatos Taíza traz nos seus envolvimento sexuais um posicionamento em relação ao exercício de sua vontade de usar camisinha que não revela a vivência de desigualdades de gênero, quando ela comenta que fez uma solicitação ao parceiro para que este utilizasse a camisinha durante a relação sexual e o mesmo, sem questionar, atendeu ao seu pedido. Como mostra o relato abaixo,

Entrevistadora: nem um pouquinho acanhada né? Aí você pensou nessa relação sexual em evitar ter filhos? Taíza: sim. Entrevistadora: aí o que foi que você fez? Taíza: foi mais a parte da camisinha que sempre foi... é... da segunda vez ele tinha até esquecido... aí eu fui logo lembrando a ele... ele pegou foi lá na pochete..., mas em relação a isso...não assim...

Diante desse contexto não posso afirmar que ela vivenciou desigualdade de gênero pelo fato dele ter se esquecido de pegar a camisinha e isso significar que ele queria manter com ela relações desprotegidas pelo fato dela ser virgem e não representar nenhuma ameaça a saúde dele. Uma vez que acredito que diante de um posicionamento da mulher, suas ações podem levá-la a uma maior independência, e com isso resultar numa diminuição das diferenças de relações de poder

Os fatos acima relatados não revelam a percepção das jovens quanto às desigualdades de gênero vividas nas relações afetivas, diretamente, embora eu tenha podido dialogar com alguns discursos. Entretanto, é relações familiares, nas histórias de socialização familiar que aparecem os relatos mais contundentes. Nesse sentido posso dizer que até o momento da pesquisa as reflexões das jovens acerca das experiências quanto às desigualdades de gênero se revelam mais especificamente no âmbito familiar. Porém acredito que mesmo não sendo descritos enfaticamente por elas fatos de desigualdades vivenciadas nas relações afetivas, isso não quer dizer que não existam.

As tentativas de alguma forma de prevenção por parte das jovens nos seus relacionamentos afetivos sexuais, nem sempre levam à dupla proteção como também nem sempre elas relatam sentimentos de submissão quando não tem sucesso na negociação com seus parceiros. No entanto, é importante colocar que as relações sexuais com penetração relatadas só aconteceram com o consentimento das jovens. A experiência da primeira relação sexual vivida pelos homens jovens é citada na literatura como “uma luz no fim do túnel, uma tábua de salvação. Os jovens reconhecem a atividade da mulher e declaram que se as mulheres jovens só quisessem relações com camisinha teriam que aceitar (GELUDA et alli, 2006, P.1676)”. Entretanto não posso corroborar estas afirmações em minha pesquisa. O que era relatado pela jovens não trazia informações sobre uma percepção de que estas teriam algum poder na relação, pelo fato dos garotos estarem muito desejosos de estarem com elas. De alguma maneira, este dado me leva de volta aos questionamentos que venho fazendo nos parágrafos anteriores. Ou seja, o que encontrei nas jovens não foi uma confiança e um sentimento de “empoderamento” nas vivências afetivo sexuais relatadas. Em geral, elas terminavam por sentirem-se apaixonadas e, a partir deste momento, retornavam a um lugar de certa passividade na relação, deixando aos homens a decisão final, ou a última fala.

Na pesquisa realizada por Geluda op. cit, ela utiliza o conceito “transição de gênero”, que refere uma atualização ideológica da relação de gênero. No qual, ao mesmo tempo em que foram acontecendo às mudanças e conquistas na vida da mulher que promoveram sua libertação, aconteceu com os homens um processo de fragilização mesmo em uma parcela pequena de homens que reivindicavam participação na reprodução, na vida doméstica, na educação dos filhos, na afetividade, no desejo de mudanças nos estereótipos da masculinidade hegemônica¹⁹. A autora utiliza esse conceito para ajudar a compreender em sua pesquisa posições mais igualitárias provocando grandes transformações nas relações de gênero.

Atualmente, através das discussões sobre posições subjetivas, a mulher tem se fortalecido e as jovens não se sentem tão impedidas de negociar o pedido do uso do preservativo. No entanto, em pesquisa realizada (GELUDA et alli, 2006) a autora encontrou que os jovens dificilmente querem usá-lo, mas não se negam quando solicitados. Transmitem essa responsabilidade para as meninas, porém as jovens raramente pedem, pois estão também interessadas na relação. Por outro lado as jovens também podem não pedir porque não querem ou não gostam.

Geluda *et alli* (2006) cita a existência de pesquisas que demonstram alguns jovens praticando sexo mesmo que não tenham na hora das relações sexuais os preservativos. Mas na contramão também encontraram jovens tentando uma negociação, mesmo que ainda haja dificuldades em debater sobre o uso do preservativo.

De acordo com a revisão da literatura, as pesquisas demonstram uma situação desfavorável às jovens, no qual vivendo num contexto marcado pelo machismo, relações de poder, contexto sócioeconômico desfavorável (GELUDA et alli, 2006; TAQUETTE, VILLENA e PAULA 2004, dentre outras), vulnerabilidade social, desejo de um envolvimento repleto de amor e confiança mútua, a jovem encontra-se inserida em situação de risco para IST/AIDS e gravidez não planejada. Por outro lado, outras pesquisas vem apontando para a presença dos risco para as jovens, mas demonstrando mudanças e aberturas para negociação entre os envolvidos na relação afetiva (GELUDA et alli, 2006; QUADROS et all, 2010). Acredita-se que, com a presença de mais informações, autoconfiança, e práticas autônomas, as jovens poderão se tornar mais assertivas nos seus posicionamentos frente ao parceiro,

¹⁹ Modelo pautado para o homem branco, classe média que deve ser bem sucedido, ele precisa demonstrar ser objetivo, racional, agressivo. Deve-se afastar de ações que demonstrem passividade, emoção, docilidade (FREITAS, 1997).

contribuindo para uma relação sexual mais segura, e podendo contar quando ambos quiserem, de práticas contraceptivas, que pensem em prevenção.

Na pesquisa foi observada algumas das jovens solicitavam o uso do preservativo no caso de Taíza, ou não solicitando, no caso de Vanessa e Luana. Enquanto a primeira não usou a camisinha por estar envolvida afetivamente com o parceiro preferia e confiar na fidelidade, a segunda não pediu ao parceiro para usar a camisinha porque se tratava de sua primeira relação sexual, justificando que não queria a sua primeira vez com camisinha, como também pelo parceiro ser mais velho, fato que a deixou intimidada a solicitar o preservativo, assim como também pelo fato de estar tomando a pílula anticoncepcional.

As jovens entrevistadas podem ser incluídas como participantes do que Geluda et alli (2006) denomina de transição de gênero, pelo fato de solicitarem o uso do preservativo, o que pode indicar uma saída de uma posição passiva. Nesse estudo não foi levado em consideração a aceitação ou não do parceiro em participar de uma ação preventiva, mas como as jovens vem tentando dialogar com seus parceiros sobre sexo seguro.

A fala abaixo demonstra a solicitação do uso da camisinha pela jovem com a posterior negativa do companheiro, "no domingo eu fui ao motel, aí foi quando eu falei e camisinha... ele não mas é ruim, não sei o quê, se você quiser me chupar mas é ruim, aí terminou me convencendo"(Helena, 24 anos, casada).

Porém, esta mesma jovem relata em outro momento da sua história afetiva sexual com este mesmo parceiro, que é seu marido e que ainda não aceita o uso do preservativo na relação sexual, começou a diminuir o número das relações afetivas como resposta a recusa do marido em usar a camisinha e como uma atitude de prevenção. Esse exemplo já foi usado no capítulo anterior.

Essa ação da jovem revela uma postura de se manifestar em relação ao fato de não ter dado certo sua tentativa de introduzir a camisinha na relação. Contudo ela não menciona nenhum sentimento de submissão pelo fato do marido recusar a usar camisinha e ela manter relações com ele de forma desprotegida, uma vez que diante desse contexto ela fala de outras estratégias de sair da situação. A primeira estratégia comentada por ela é a diminuição do número de relações sexuais, já referido anteriormente. E a segunda estratégia é a separação do

marido. Mostrando que mesmo diante do fato descrito acima ela não o toma como um fim em si mesmo, mas uma situação que pode mudar.

Geluda et alli (2006) afirma que a transição de gênero ocorre em ambos, de um lado uma jovem que busca novas possibilidades frente a realização de sexo seguro, de outro um jovem tentando experienciar situações e sentimentos que lhe foram negados pela tradição machista.

Porém as jovens pesquisadas vêm tentando novas possibilidades frente à realização do sexo seguro, contudo ela não acontece de forma igualitária com todas. Mas mesmo diante das dificuldades elas não se sentem passivas diante de uma situação heteronormativa, mas dispostas a continuar enfrentando as dificuldades e assim, mudar sua realidade nas relações afetivo sexuais.

Pode-se pensar que uma das explicações para a disposição de continuar enfrentando as dificuldades, seja pelo fato das mudanças ocorridas em relação ao sexo e a sexualidade das mulheres durante o período do século XIX e XX. Segundo Conceição Nogueira et alli (2008) essas mudanças são descritas de duas formas. Primeiro como um processo evolutivo onde através de um pensamento progressista e liberal, o controle da sexualidade foi sendo substituído e a sexualidade começava a ser baseada numa escolha individual e mais autônoma.

Em segundo lugar como consequência de um processo revolucionário, que envolvia feministas e revolucionários sexuais, que derrubou o Estado e o controle da sexualidade. Tal situação ajudou a criar uma sociedade onde a liberdade sexual é permitida crescer e desenvolver-se.

Esses dois discursos, da evolução e da revolução admitem que a mulheres venham sendo vistas nas sociedades ocidentais contemporâneas como tendo sido “libertadas e liberadas” (NOGUEIRA, *et alli*, 2008) e como consequência são agora capazes de usufruir de mais liberdade sexual do que antes.

Apesar do avanço, houve por outro lado uma contrapartida para as mulheres. Um exemplo é o fato que o advento da pílula anticoncepcional trouxe a liberdade de engravidar quando houvesse desejo, mas veio junto reforçar a dificuldade de algumas mulheres em dizer

não quando não desejasse ter as relações sexuais, pelo fato de estando protegidas de engravidar deveriam estar mais dispostas para o sexo. E como referem Stainton Rogers e Stainton Rogers (2001) em Nogueira (2008) quando as mulheres diziam não, eram tachadas de frígidas, reduzindo a liberdade de dizer não ao sexo, a relacionamentos sexuais e atividades sexuais não desejadas. Acredito que as mulheres que referem na pesquisa pertencem a primeira geração de mulheres que iniciaram o uso da pílula anticoncepcional, por estarem tratando do surgimento desta e o impacto na vida da mulher.

Percebo que as jovens mulheres da comunidade, assim como outras que fazem parte das sociedades ocidentais contemporâneas, dividem-se entre a convivência com uma maior liberdade sexual e com o controle exercido pelas normas culturais e sociais. Convivendo com um duplo padrão sexual ²⁰onde ainda não podem gozar da mesma liberdade sexual da qual os homens usufruem livremente. Isto se dá por estarem vivendo um momento em que ainda há uma maior permissividade da sexualidade masculina e uma desvalorização da liberdade sexual para as mulheres, o que Nogueira (2008) vai chamar de duplo padrão sexual, servindo para controlar a liberdade e o desejo da mulher.

Neste trabalho muitas vezes caí na dicotomia, que leva as cristalizações desiguais marcadas pelo sexo, tenho consciência de que o debate sobre desigualdades de gênero é muito mais complexo, pois trata de algo mais profundo, que é a conjunção das relações sociais, institucionais, subjetivas. ²¹

²⁰ Citado por NOGUEIRA, SAAVEDRA e COSTA, 2008.

²¹ As quatro dimensões que Scott (1989) cita e que trago no segundo capítulo “gênero em perspectiva”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar o fenômeno da dupla proteção remete a um lugar que não é comum e que compreende uma experiência que faz parte tanto do universo das mulheres como do dos homens, às vezes um tanto dividido, no qual a contracepção continua (apesar de algumas brechas, QUADROS, 2004) sendo de maior responsabilidade das mulheres. Nesse contexto imagina-se um mundo dividido, onde cada um cumpre seu “papel”. Entretanto, este trabalho, assim como outros que utilizam uma perspectiva feminista (ADRIÃO, 2008; TONELI, 2004; NOGUEIRA, 2001a e outras) mostra que esta divisão não é tão estruturada, assim, e que há rupturas nelas.

O capítulo de análise “passeando pelo universo das meninas” mostra a heterogeneidade com relação às jovens e a dupla proteção e suas formas de praticá-las, que dentro de um contexto que inclui família e sociabilidade vão se entrelaçar na trama dos roteiros sexuais.

A lógica da família revela uma divisão de tarefas, responsabilidades e “papéis” que se expressam no cotidiano. As mulheres, mesmo as trabalhadoras, precisam da figura masculina

para manter o respeito na comunidade (SARTI, 2003). Nesse sentido se partir do olhar da ocupação das jovens pode-se perceber o quanto estão ligadas aos afazeres da casa, mesmo tendo as mães que trabalham são as mulheres jovens que assumem essa tarefa doméstica. Observo que aqui há um marcador de desigualdade de gênero.

A família das jovens se caracteriza pela sua heterogeneidade no que tange a sua organização, pois algumas mulheres moram com os pais, outra com a sogra e familiares, outra só com a mãe e outras com o marido e filho/a. Esses arranjos familiares demarcam os lugares das jovens e seus discursos, isto é, dizem um pouco do que elas são, o que acreditam, falam e praticam, principalmente quando se fala de saúde sexual e reprodutiva. Ou seja, que as mulheres jovens estão regidas por uma lógica familiar e comunitária, que, assim como aponta Donna Haraway (2009), restringem o livre exercício da sexualidade dessas jovens.

As relações das jovens no tocante às amizades e ao contato com a comunidade estão intrinsecamente ligadas a esse contexto em que vivem e ao modo como elas refletem sobre o lugar e as pessoas. De um modo geral elas gostam da comunidade. Ao referirem sobre as amizades as interlocutoras dividem as outras jovens da comunidade entre “certinhas” e “fogosas”, apontando para uma divisão que moraliza as ações, e dicotomiza as vivências sexuais das jovens. Além disso, quando se referem aos rapazes, dizem que “eles não querem nada com a vida”, que só querem ouvir música e beber, apontando aqui uma divisão moral.

Os roteiros sexuais das jovens são marcados por paqueras, ficadas, namoros, relações sexuais sem envolvimento afetivo, uniões estáveis e casamentos. Neles estão engendrados as relações de gênero e poder que vão influenciar suas práticas de dupla proteção. Com relação a dupla proteção a heterogeneidade se faz presente tanto em relação ao que elas entendem por dupla proteção, quanto às formas existentes de prevenção e contracepção. Como o que se pratica na realidade, como exemplo o caso de Camila que pede ao companheiro que use preservativo, caso tenha relações sexuais extraconjugais, mais ela não usa com ele.

Foi possível perceber que as mulheres jovens se preocupam com a prevenção às IST/AIDS e que cada uma delas acredita que exerce a prevenção de acordo com sua realidade, em seus relacionamentos afetivos sexuais. O discurso sobre os métodos de contracepção está mais presente nas falas das jovens pelo fato de ser a gravidez um fenômeno mais próximo da realidade na comunidade do que casos de IST/AIDS. Refletindo sobre as especificidades da

comunidade estudada, Há a presença de um desconhecimento de casos de doenças como a AIDS na comunidade e no círculo de amigas e parentes das mulheres jovens pesquisadas. Esta situação foi corroborada através das informações tidas na entrevista com as enfermeiras no posto de saúde, quando foi perguntado se acompanhavam pacientes soropositivos na comunidade, ao que responderam que só sabiam de um caso, e que não acompanhavam por ele se tratar em outra unidade de referência.

Além disso, concordo com o que é apontado em outras pesquisas sobre a relação da contracepção na vida das mulheres em geral. Esta é marcada em seus corpos através dos cuidados da família quando a jovem tem sua primeira menstruação no qual há uma proteção para que ela controle sua sexualidade e com isso é tentado o controle da gravidez. Um padrão normatizador e dicotômico que diz que as mulheres estão para a reprodução, assim como os homens estão para a sexualidade (CABRAL, 2003; QUADROS, 2004; TONELI, 2004).

Por meio dessas análises e discussões, não se pode pressupor que as mulheres jovens não estejam se prevenindo das IST/AIDS, uma vez que não esteja seguindo à risca as formas de prevenção, já que devem ser levados sempre em consideração os contextos em que vivem. Os discursos das interlocutoras, em relação às práticas de dupla proteção, expressam a convivência permanente entre as práticas sexuais delas e alguma preocupação com a prevenção. Mesmo na co-existência das relações de gênero e poder. Mesmo que elas tentem em suas práticas sexuais fazerem alguma reflexão sobre como se proteger das IST/AIDS como exemplo o caso de Helena que por não conseguir fazer uso da camisinha com o marido, ela diminui a quantidade de relações sexuais com ele.

No segundo capítulo analítico procurei identificar se as mulheres jovens percebem os discursos que apontem para uma desigualdade de gênero nos seus envolvimento afetivos, praticando ou não a dupla proteção. E, em seguida, se elas relatam tentativas de práticas de prevenção com seus parceiros e quando estas tentativas não levam a nenhuma forma de prevenção, se apresentam sentimentos de submissão, pensando as quatro dimensões de Scott (1989), principalmente a dimensão subjetiva no qual as relações desiguais de gênero e poder acabam por oprimir as mulheres causar-lhes sentimentos de submissão.

Para a análise travei um diálogo com o conceito de gênero das abordagens pós-estruturalistas baseado em Butler (2003) e Haraway (1998) que definem gênero como

relações de poder entre sujeitos socialmente constituídos, em contextos específicos, havendo uma transitoriedade dessas relações. Isto é, que o poder não está cem por cento na mão de alguém, ele transita e, portanto os sujeitos vão ocupar posições que, segundo Butler (2003) são performáticas.

A partir desse diálogo trago a discussão sobre a prevenção e gênero, especificamente se as mulheres jovens relatam sentimento de submissão quando suas tentativas de práticas de prevenção não levam a nenhuma forma de dupla proteção.

Nesse momento desse trabalho declaro minha percepção que as mulheres jovens não percebem a opressão e as desigualdades de gênero que sofrem. E acabam por reproduzir os mesmos discursos de desigualdades muito em função das respostas que tem que dar à família e à comunidade.

Outra justificativa pela permanência das desigualdades de gênero nasce do fato de os relacionamentos estarem engendrados por sentimentos de fidelidade, romantismo, estabilidade, relacionamento fixo e monogamia que acabam por dificultar a solicitação da mulher a uma atitude de dupla proteção uma vez que estes sentimentos vêm lado a lado com valores machistas tradicionais onde infligem a mulher comportamentos passivos e de submissão. (GELUDA et alli, 2006; AQUINO et alli, 2009).

Contudo as mulheres jovens pesquisadas vêm tentando escapar das desigualdades de gênero no que diz respeito a sexualidade e a reprodução quando solicitam o uso do preservativo durante a relação sexual. Essa atitude pode ser vista nas ações de Vanessa quando afirma que só tem relações com camisinha com homens no qual o motivo das relações não é o envolvimento afetivo. Já Taíza pediu que o parceiro usasse camisinha levando em consideração a dupla proteção. Luana antes de ter sua primeira relação lançou mão de estratégias para ter informações junto ao serviço de planejamento familiar e começou a usar a pílula, mas não usou a camisinha na relação por opção. No caso de Helena ela solicitou a camisinha ao marido, mas não foi atendida e durante o relacionamento sua estratégia foi diminuir o número de relações sexuais como forma de se proteger. Camila é uma jovem que também se protegia nas suas relações sem compromisso usando camisinha e no seu envolvimento afetivo atual não a usa por causa da utilização do DIU, porém solicita ao companheiro que se proteja em relações extraconjugais para que não passe nada para ela.

Talita é uma jovem que se protege das IST/AIDS utilizando o discurso da fidelidade, monogamia, estabilidade no relacionamento como forma de proteção.

No que diz respeito a se proteger de uma gravidez ela faz uso da injeção trimestral. Concordo com o que Geluda et alli (2006) em sua pesquisa, afirma sobre esses sentimentos acima relacionados. Os mesmos contribuem para permanecer vivenciando as experiências de desigualdades de gênero, por elas abandonarem o preservativo mesmo quando desconfiam da infidelidade do companheiro.

Essas jovens mesmo sofrendo as desigualdades de gênero e não tomando consciência disso vem assumindo novos posicionamentos na intenção de cuidar da sua saúde sexual, essas ações levam a um sentimento de autonomia e poder sobre o próprio corpo, embora continue havendo uma relação de dominação, em pelo menos uma das dimensões de gênero, citadas por Scott (1989).

As experiências em relação ao próprio corpo não são compartilhadas igualmente por todas as mulheres, pois elas vivenciam diferentemente umas das outras. Butler (2003) e Scott (1989) trazem à tona a questão de que as mulheres constituem uma categoria heterogênea compartilhando experiências diferentes e por isso não existe uma especificidade do feminino. Afirmando ainda que as mulheres jovens apresentam estratégias aos sentimentos de submissão, nas relações com os parceiros afetivos, mesmo quando não exercerem a dupla proteção. Nesta questão coloco que uma das explicações é a “transição de gênero” (GELUDA et alli, 2006) em que há mulheres jovens solicitando o uso do preservativo aos rapazes, e que estes, como estão dispostos a ter a relação sexual, terminam por aceitar usá-lo. Porém muitas jovens não tomam essa atitude e acabam tendo relações desprotegidas. E é nesse sentido que considero as jovens como vivenciando a transição de gênero por ousarem mais autonomia durante a relação sexual e pedirem o uso do preservativo. Quando suas solicitações não são atendidas os sentimentos de submissão não estão presentes pelo fato de buscarem outras possibilidades de realização do sexo seguro e criarem estratégias diante de uma situação heteronormativa²².

A justificativa para isso pode ser a explicação trazida por Nogueira et alli (2008) em relação a dois processos: o evolutivo e o revolucionário. O primeiro sofreu influência do

²² Apesar de não relatarem a presença de sentimentos de submissão, as mulheres continuam engendradas nas teias das desigualdades impostas nas dimensões sociais e institucionais de gênero.

pensamento progressista e liberal no qual a sexualidade começou a ser vivenciada de forma mais autônoma e o processo revolucionário no qual envolvendo feministas e revolucionários sexuais conseguiram derrubar o Estado e o controle sexual. Esses dois discursos acabaram por influenciar as mulheres em relação à própria autonomia e o modo como usufruíam da liberdade sexual.

Mesmo assim essa liberdade sexual não é total e, o que percebi entre as jovens da pesquisa, foi que elas tem que lidar também com o controle social sobre a sua sexualidade, fato este que Nogueira, Saavedra e Costa (2008) vai chamar de duplo padrão sexual. É possível afirmar que as jovens da comunidade convivem de alguma maneira (seja através da TV, ou de outros mecanismos sociais como redes de comunicação) com padrões de liberdade sexual que são apontados para as mulheres atualmente. Entretanto, nas questões ligadas a negociação da prevenção, as jovens não gozam da mesma liberdade que os homens jovens da comunidade. Seja nas formas de educação de meninas e meninos, seja nas vivências da sexualidade. Talvez por isso, as mulheres jovens continuem a buscar estratégias para a realização da dupla proteção, tentando em suas vivências se libertarem das relações desiguais de poder, de forma a viverem mais plenamente seus direitos sexuais e direitos reprodutivos.

A questão importante que trago para ser refletida nessa dissertação, é a relação entre os temas da saúde sexual e reprodutiva, na interface com as questões de gênero e feministas, dentro do campo da psicologia. Para isso explorei a relação entre feminismo e gênero e como se deu essa influência na Psicologia. Iniciei o diálogo descrevendo os três momentos do feminismo e suas lutas em cada uma das três etapas. Assim como marquei a segunda etapa do feminismo como momento do surgimento da categoria gênero, que aconteceu na academia numa época em que se travaram conflitos entre as feministas da militância e as feministas da academia.

Também foi nessa época que se deram muitas críticas em relação às posições masculinistas na prática da ciência. A crítica feminista da ciência quis mostrar a invisibilidade da mulher e lutar por uma existência social e política. Uma das explicações para isso é o fato apontado pelas pesquisadoras da universalidade masculina na ciência.

É também durante a segunda onda do feminismo que suas críticas chegam à Psicologia, principalmente por fazer parte das ciências humanas que conservava o sexismo e o androcentrismo. Segundo Nogueira (2001d) a Psicologia sustentava as diferenças sexuais

baseada nas oposições entre os sexos exaltando características já privilegiadas masculinas e inferiorizando as femininas.

As críticas que a Psicologia sofreu foram do tipo empiricista, porém a sua lógica não eliminou a marginalidade das mulheres e nem provocou uma reflexão auto-crítica para compreender o sexismo e originar novos sistemas. A ciência feminista empiricista continuou com a tradição convencional da universalização masculina.

É de fundamental importância salientar que estas considerações finais não são conclusivas. A partir de algumas reflexões suscitadas por esta dissertação, faz-se necessário mais aprofundamento por esse ser um campo em constante construção. As categorias como raça e classe não foram consideradas neste trabalho, uma vez que trabalhos como o de Pizzato (2010) demonstram que mulheres de classe média independentes financeiramente também encontram-se engendradas pelas relações desiguais de gênero e poder.

Essa dissertação tem a intenção de mostrar a importância do conhecimento sobre como os preconceitos sociais e morais interferem na relação da mulher jovem e a Unidade de Saúde da Família, dificultando o acesso às informações sobre saúde sexual e reprodutiva. Também é de interesse demonstrar o interesse social e comunitário pelo apagamento da sexualidade das mulheres jovens, continuando a negar o direito da vivência da sexualidade assim como do seu próprio desejo.

Os dados e informações deste trabalho podem contribuir para o campo das políticas públicas, no sentido de melhorar o acesso das mulheres jovens às políticas de direitos sexuais e direitos reprodutivos.

REFERÊNCIAS

ADRIÃO, Karla G. Encontros do Feminismo. *Uma análise do campo feminista brasileiro a partir das esferas do movimento, do governo e da academia*. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-graduação em Interdisciplinar em Ciências Humanas. UFSC. 2008.

ADRIÃO, Karla, TONELI, Juracy & MALUF, Sonia. *Feminismos na academia: entre políticas e teorias*. LAGO, Mara et alli (orgs) Livro DICH, 2010, prelo.

ALBERNAZ, Lady Selma Ferreira. Algumas dimensões de gênero no bumba meu boi maranhense: reafirmação da “mulata brasileira”? Anais Eletrônicos Fazendo Gênero 7. 2006.

ALMEIDA, Maria da Conceição Chagas de et al. Uso de contracepção por adolescentes de escolas públicas na Bahia. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 37, n. 5, out. 2003. Acessos em 28 maio 2009.

AMÂNCIO, Ligia. *O gênero na psicologia: uma história de desencontros e rupturas*. Psicologia, XV (1), 2001.

AQUINO, Estela M. L. et al. Adolescência e reprodução no Brasil: a heterogeneidade dos perfis sociais. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 2009.

BASTOS, Ana C. S.; ALCÂNTARA, Miriã. A. R.; FERREIRA-SANTOS, José. E. Novas famílias urbanas. In: LORDELO, Eulina. R.; CARVALHO, Ana. M. A. e KOLLER, Sílvia. H. (ORG.) *Infância brasileira e contextos de desenvolvimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo/Salvador: Ed. UFBA. 2002.

BERER, Marge. *Dupla proteção: mais necessária do que praticada ou compreendida*. Reproductive Health Matters (RHM), Vol. 14, no. 28, 2006.

BORGES, Ana Luiza Vilela; SCHOR, Néia. Início da vida sexual na adolescência e relações de gênero: um estudo transversal em São Paulo, Brasil, 2002. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, abr. 2005.

BRANDÃO, Elaine Reis; HEILBORN, Maria Luiza. Sexualidade e gravidez na adolescência entre jovens de camadas médias do Rio de Janeiro, Brasil. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 22(7): 1421-1430, jul. 2006.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira L. (org) *O corpo educado: pedagogia da sexualidade*. Belo Horizonte, Autêntica, 2001.

_____. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do “pos-modernismo”. *Cadernos Pagu*.1998.

_____. Problemas de gênero feminismo e subversão da identidade. *Série Sujeito e História*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2003.

CABRAL, M. M. C., França, L. S. R. F. Adolescência e sexualidade: um estudo sobre jovens de Recife e região metropolitana. In: IV Congresso Brasileiro de Psicologia Do Desenvolvimento: Contextos de desenvolvimento, educação e cultura, 2003, João Pessoa.

CAMARGO, Brígido V; BOTELHO, Lúcio J. Aids, sexualidade e atitudes de adolescentes sobre proteção contra o HIV. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 41, n. 1, fev. 2007.

CASTILHO, Silvia D.; BARRAS FILHO, Antonio A.. Crescimento pós-menarca. *Arq Bras Endocrinol Metab*, São Paulo, v. 44, n. 3, June 2000. em 13 junho 2009.

COSTA, Jurandir F. *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro. Rocco. 1998.

CURSINO, Rafaella B. *Relações de gênero em famílias heterossexuais de classe média da cidade de Recife*: sobre discursos e posicionamentos. Dissertação de Mestrado. CFCH/UFPE. Recife.2010.

DA MATTA, Roberto. O ofício do etnólogo ou como ter ‘antropological blues’. In Publicações do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional. Rio de Janeiro: UERJ, 1974.

DAYRELL, Juarez; REIS, Juliana Batista. Juventude e Escola: Reflexões sobre o Ensino da Sociologia no Ensino Médio. *Anais do XIII Congresso Brasileiro de Sociologia*. Recife. 2007.

DENZIN, Norman e LINCOLIN, Yvonna. Introdução. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In DENZIN, Norman e LINCOLIN, Yvonna (OGR). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FERNANDES, Arlete Maria dos Santos; ANTÔNIO, Daniel de Gaspar; BAHAMONDES, Luis Guillermo; CUPERTINO, Caren Vanessa. Conhecimento, atitudes e práticas de

mulheres brasileiras atendidas pela rede básica de saúde com relação às doenças de transmissão sexual. *Cadernos de saúde pública*. Rio de Janeiro.2000.

FLAX, Jane. Pós-modernismo e relações de gênero na teoria feminista. In: HOLANDA, Heloísa Buarque de. (org.). *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

FREITAS, Eliane Tânia Martins de. Senhores de si. *Uma interpretação antropológica da masculinidade*. Rio de Janeiro: Mana, v. 3, n. 1, Apr. 1997.

GELUDA, Kátia et al. "Quando um não quer, dois não brigam": um estudo sobre o não uso constante de preservativo masculino por adolescentes do Município do Rio de Janeiro, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 8, ago. 2006.

GIRALDO, Paulo César et al . Influência da frequência de coitos vaginais e da prática de duchas higiênicas sobre o equilíbrio da microbiota vaginal. *Rev. Bras. Ginecol. Obstet.*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 5, maio 2005

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue. Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, Thomas (org). *Antropologia do Ciborgue*. As vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

_____. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu* (5). 1995.

LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. *A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 1997.

MAYORGA, Claudia ; MAGALHÃES, M.S. . Feminismo e as lutas pelo aborto legal ou por que a autonomia das mulheres incomoda tanto. In: Mônica Bara Mais. (Org.). *Direito de decidir - múltiplos olhares sobre o aborto*. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MANDÚ, Edir Nei Teixeira. Trajetória assistencial no âmbito da saúde reprodutiva e sexual – Brasil, século XX. *Rev Latino-am Enfermagem*. 2002.

MATOS, Marlize. Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um campo novo para as ciências. *Rev. Estud. Fem.* v.16 n.2. Florianópolis, maio/ago 2008.

NADER, Gislene, Ajustando o foco das lentes: um novo olhar sobre a organização das famílias no Brasil. In: KALOUSTIAN, Sílvia M. (org). *Família brasileira, a base de tudo*. São Paulo: Cortez; Brasília. DF: UNICEF. 2004.

NARVAZ, Martha G. e KOLLER, Sílvia H. (2006) Metodologias Feministas e Estudos de Gênero: Articulando Pesquisa, Clínica e Política. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 3, p. 647-654, set./dez. 2006.

NASCIMENTO, Ana Maria Guedes do; BARBOSA, Constança Simões; MEDRADO, Benedito. Mulheres de Camaragibe: representação social sobre a vulnerabilidade feminina em tempos de AIDS. *Rev. Bras. Saude Mater. Infant.*, Recife, v. 5, n. 1, mar. 2005 .

NEVES, Sofia e NOGUEIRA, Conceição. Metodologias feministas: reflexividade a serviço da investigação em Ciências Sociais. *Psicologia – Reflexão e Crítica*, 18 (3), 408-412. 2005.

NOGUEIRA, Conceição. *Um novo olhar sobre as relações sociais de gênero*. Feminismo e perspectivas críticas na Psicologia Social. Minho: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001a.

_____. *A análise do Discurso. Métodos e técnicas de avaliação*: novos contributos para a prática e investigação. Braga: CEEP, 2001b.

_____. *Construcionismo social, discurso e gênero*. Minho, Psicologia, v. XV, n.1, 2001c.

_____. Feminismo e discurso do gênero na psicologia social. *Psicologia & Sociedade*: revista da Associação Brasileira de Psicologia Social. Minho, p.107-128, 2001d.

_____. Análise(s) do Discurso: Diferentes Concepções na Prática de Pesquisa em Psicologia Social. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Brasília, v. 24, n. 2, p. 235-242, Abr/jun 2008.

NOGUEIRA, C.; NEVES, S.; BARBOSA, C. Fundamentos construcionistas sociais e críticos para o estudo do gênero. *Psicologia: teoria, investigação e prática*. Minho, v.2 p.1-15, 2005.

NOGUEIRA, Conceição; SAAVEDRA, Luisa; COSTA, Cecília. (In) Visibilidade do gênero na sexualidade juvenil: propostas para uma nova concepção sobre a educação sexual e a prevenção de comportamentos sexuais de risco. *Pro-Posições*, Campinas, v. 19, n. 2, ago. 2008.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O trabalho do Antropólogo: ver, ouvir escrever. In: O trabalho do Antropólogo. São Paulo: Unesp. 1998.

PAIVA, Vera. Cenas sexuais, roteiros de gênero e sujeito sexual. In PARKER, Richard; BARBOSA, Regina M. *Sexualidades pelo avesso*: direitos, identidades e poder. Rio de Janeiro: IMS/UERJ. São Paulo: Ed. 34.1999.

PARKER, Richard; BARBOSA, Regina M. *Sexualidades pelo avesso: direitos, identidades e poder*. Rio de Janeiro: IMS/UERJ. São Paulo: Ed. 34.1999.

PEDRO, Joana. *Feminismo e gênero na universidade: trajetórias e tensões da militância*. Revista história UNISINOS 9 (3), 2005.

PERUCCHI, Juliana. Uma contextualização histórica das diferentes perspectivas de Análise do Discurso: configurações teórico-metodológicas pertinentes à Psicologia Social. *Mnemosine*. Belo Horizonte, v.4, n.2, 2008.

PIZZATO, FERNANDA F. Do namoro à amizade: as matizes das parcerias sexuais de mulheres heterossexuais de camadas médias. Dissertação de Mestrado. CFCH/UFPE. Recife. 2010.

QUADROS, Marion. T. *Homens a e contracepção: práticas, idéias e valores masculinos na periferia do Recife*. Tese (Doutorado em Sociologia), Departamento de Ciências Sociais. Recife: Universidade Federal de Pernambuco. 2004.

_____. Projeto. *Mulheres e dupla proteção em diferentes circuitos de sociabilidade: um estudo comparativo entre Recife e Caruaru – PE*. Recife. UFPE. 2008.

_____. Projeto. *Mulheres e dupla proteção em diferentes circuitos de sociabilidade: um estudo comparativo entre Recife e Caruaru – PE*. Recife. UFPE. 2011. Relatório final.

RABINOVICH, E. Estudo das famílias de uma comunidade quilombola do Carmo. In PETRINI, J. C. & CAVALCANTI, V. R. S. (Orgs.) *Família, sociedade e subjetividades*. Petrópolis: Editora Vozes. 2005.

ROMERO, K.T. et al. O conhecimento das adolescentes sobre questões relacionadas ao sexo. *Rev Assoc Med Bras* 53(1): 14-9, 2007.

SAAVEDRA, Luísa; NOGUEIRA, Conceição; MAGALHAES, Sara. Discursos de jovens adolescentes portugueses sobre sexualidade e amor: implicações para a educação sexual. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 31, n. 110, mar. 2010.

SARTI, C. Famílias enredadas. In ACOSTA, A. R, VITALE, M. A. F (Orgs.). *Família: redes, laços e políticas públicas*. São Paulo: Editora Cortez. 2003.

SANTOS, Boaventura S. *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Edições Afrontamento. 1995.

SCOTT, Joan. Experiência. In: SILVA, A.; LAGO, M. & RAMOS, T. (orgs) *Falas de Gênero*. Florianópolis: Mulheres, 1999.

_____. *Gênero: uma categoria útil para uma análise histórica*. Recife. S.O.S. Corpo.1989.

SCOTT, Russell Parry; QUADROS, Marion Teodósio; LONGUI, Márcia. Jovens populares urbanos e gênero na identificação de demandas de saúde reprodutiva. In SCOTT, Russell Parry; QUADROS, Marion Teodósio; LONGUI, Márcia. *A diversidade no Ibura: gênero, geração e saúde num bairro popular do Recife*. Recife. Ed. Universitária da UFPE.2009.

TAQUETTE, Stella R.; VILHENA, Marília Mello de; PAULA, Mariana Campos de. Doenças sexualmente transmissíveis e gênero: um estudo transversal com adolescentes no Rio de Janeiro. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, fev. 2004. Acessos em 28 maio 2009.

TONELI, Maria Juracy Filgueiras. *Direitos sexuais e reprodutivos*: algumas considerações para auxiliar a pensar o lugar da psicologia e sua produção teórica sobre a adolescência. Psicologia & Sociedade. 2004.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: *Individualismo e cultura*: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Jorge Zahar Editor Ltda. Rio de Janeiro.1994.

VIEIRA, Maria A. S. et al. Fatores associados ao uso do preservativo em adolescentes do gênero feminino no Município de Goiânia. *DST- j bras doenças sex transmissíveis*16(3):77-87,2004.

VIEIRA, Neiva FC, PAIVA, Tereza CH, SHERLOCK, Maria SM. *Sexualidade, DST/Aids e Adolescência*: Não quero falar, tenho vergonha. *DST-J bras doenças sex transm* 13(4): 46-51, 2001.

ANEXOS

Protocolo de Entrevista

1. Identificação da entrevista			
1. N.o. da Entrevista		2. Categoria populacional	
3. Entrevistadora			
4. Código do entrevistado			
5. Local e Data			
6. Horário do Início e Término da entrevista			

2. Preencher os dados de identificação da entrevistada

Nome			
Idade			
Escolaridade			
Ocupação			
Estado civil			
Raça etnia (atribuição do entrevistador)			
Religião			
Contato			

3. Breve relato da situação de entrevista e outras informações relevantes



ROTEIRO DE ENTREVISTA

1ª PARTE: Contexto familiar e de moradia no bairro/comunidade

OPINIÕES SOBRE A COMUNIDADE

Você pode **descrever** esta **comunidade** em que você mora para mim? O que você **gosta** na sua comunidade? O que você **não gosta**? Por quê?

Tem lugares onde pode ter **lazer**? Tem que **lugares** para se **encontrar** com outras pessoas jovens?

AMIZADES E CARACTERÍSTICAS DE JOVENS

Como são **as jovens** do bairro?

Você tem **amigas** aqui? Se encontra com elas? Quando? Onde?

Como são **os rapazes** ? o que você gosta e o que você não gosta neles? Por quê?

Você tem **amigos** aqui? Se encontra com eles? Quando? Onde?

GRUPO DE ATIVIDADE CULTURAL

(Se a entrevistada faz parte de algum grupo na comunidade)

Como foi que você **conheceu o grupo**? Como se interessou em **fazer parte do grupo**?

Qual a sua forma de **participação**? Há quanto **tempo** está no grupo?

Como é sua **relação com as outras jovens** do grupo? E com os **rapazes**?

Possui **amigas/amigos** no grupo? Se encontram em **outros locais**? Fazem **outras atividades** juntos?

HISTÓRIA FAMILIAR

Onde foi que você **nasceu**?

E **quantas pessoas** são na família? Quantos irmãos? Quantas irmãs? Pode dizer os **nomes e idades** deles?

Fale um pouco das **brincadeiras de meninos e meninas**: você brincava de quê? E seus irmãos? Havia **brincadeiras separadas** para meninos e meninas? Quais? Por que? Havia **brincadeiras** em que meninos e meninas brincavam **juntos**? Quais? Por que?

EDUCAÇÃO FAMILIAR

Dentro de casa, como era a **educação que teus pais te deram**?

Fale um pouco sobre a **educação dos irmãos e das irmãs na adolescência**: quais as diferenças e semelhanças?

2ª PARTE: Carreira sexual

Sugestão para entrada em relação a carreira sexual propriamente dita:

“Eu gostaria de tentar recuperar contigo a tua história de vida focando mais nos amores, conquistas, sedução, digamos, a tua história sexual, desde o primeiro momento em que você se sentiu atraído por alguém até hoje...”

PRIMEIRA ATRAÇÃO

Você se lembra da **1ª vez que se sentiu atraída por alguém** (se ela não lembra a 1ª vez, pergunta sobre uma experiência em que ela se sentiu atraída por alguém, e que marcou para ela um momento especial)? **O que sentiu?**

O que chamou atenção no outro? Você acha que foi correspondida?

Se sim, o que acha que em **você chamou atenção desta pessoa?**

O que acontecia no lugar?

Como ele estava vestido e/ou o que usava?

Como você estava vestida e/ou o que usava?

Houve **paquera**? Se sim, **como se deu** a paquera?

Houve **aproximação**? Se sim, **como se deu** o processo de aproximação (falas, gestuais; etc.)?

O que rolou? *(se não rolou nada, segue em frente. Se houve um beijo, segue para beijo; Se foi namoro, segue para beijo e, depois, para namoro. Explora as práticas sexuais mesmo que não tenha tido relação sexual).*

PRIMEIRO BEIJO

Você se lembra do seu **1º beijo** (se ela não lembra do 1º, pergunta sobre um beijo que marcou para ela um momento especial)? **O que sentiu?**

O que chamou atenção no outro? Você acha que foi correspondida?

Se sim, o que acha que em **você chamou atenção desta pessoa?**

O que acontecia no lugar?

Como ele estava vestido e/ou o que usava?

Como você estava vestida e/ou o que usava?

Houve **paquera**? Se sim, **como se deu** a paquera?

Houve **aproximação**? Se sim, **como se deu** o processo de aproximação (falas, gestuais; etc.)?

Como se deu a sugestão para o beijo? (**quem sugeriu** e houve algum tipo de **negociação?**);

Qual foi o **tempo** desde o encontro até a decisão do beijo?

O que você sentiu no beijo?

Vocês se **reencontraram**? Se **beijaram novamente**? **Como foi**? **O que você sentiu** desta vez?

Continuaram se encontrando? **Namoraram**?

PRIMEIRO NAMORADO

Você se lembra do seu 1º **namorado**?

Como aconteceu o encontro de vocês?

Onde se encontraram? **Como era o local**?

O que acontecia no lugar?

O que foi que chamou tua atenção nele?

O que tu acha que **chamou a atenção dele em você**?

Houve **paquera**? Se sim, **como se deu** a paquera?

Houve **aproximação**? Se sim, **como se deu** o processo de aproximação (falas, gestuais; etc.)?

Como se deu a sugestão para o namoro? (**quem sugeriu** e ouviu algum tipo de **negociação**?);

Qual foi o **tempo** desde o encontro **até a decisão do namoro**? **Como se deu** este processo?

Quanto **tempo** vocês passaram **namorando**?

De quanto em quanto **tempo** **vocês se viam**?

Vocês **ficavam juntos** geralmente em que **locais**?

Havia outras **pessoas por perto**? **Quem** eram estas pessoas?

Vocês conseguiam **ficar sozinhos**, sem ter outras pessoas por perto? Em que **ocasiões**?

O que vocês faziam no namoro (conversavam, beijavam, sarravam, transavam, tinham práticas sexuais com outras pessoas...)?

Que idade você tinha? E ele?

O que lhe **marcou mais neste namoro**: beijo, sarro, transa? (*Se foi um beijo, segue para as perguntas do primeiro beijo; Se foi sarro ou transa, segue para as perguntas correspondentes a 1º sarro e 1ª relação sexual. Explora as práticas sexuais mesmo que não tenha tido relação sexual. Em seguida, passa para os namoros seguintes*).

Quem sugeriu que houvesse esta **prática sexual**?

Durante esse tempo você **pensou em ter alguma relação sexual** com ele?

Como acabou o namoro? **Por que**?

NAMOROS SEGUINTES

Você se lembra de seu segundo (terceiro, quanto, quinto...) namorado?

Para cada namorado, faz as mesmas perguntas que fez para o primeiro namorado (exceto a primeira pergunta, que deve sempre se referir ao namorado seguinte).

Tente conservar uma perspectiva temporal.

Tentar apreender a lógica dos relacionamentos.

Para facilitar, anote os nomes dos namorados. Lembre que a memória é seletiva, pode ser que ela lembre algum dos primeiros namorados, quando estiver falando do penúltimo. Tente anotar dando a ordem cronológica, encaixando os nomes quando aparecerem. Pode interromper, confirmando: “há, então o João foi depois do Jair e antes do José?”

PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL

Se não for com um namorado:

Você já transou com alguém?

Que idade você tinha? Que idade ele tinha?

Como tomou a decisão de transar?

Onde se encontraram? Como era o local?

O que acontecia no lugar?

Como se deu o encontro?

Como era a pessoa?

Como ele estava vestido e/ou o que usava?

Como você estava vestida e/ou o que usava?

O que chamou atenção no outro?

O que acha que em você chamou atenção no outro?

Como se deu a “paquera”?

Como se deu o processo de aproximação (falas, gestuais; etc.)?

O que rolou?

Quem sugeriu que houvesse a prática sexual?

Qual foi a razão para iniciar tua vida sexual nesse momento?

Quanto tempo foi desde o encontro até a decisão da transa?

Onde vocês transaram e por que a escolha do local?

O que aconteceu nesta transa? (se beijaram, ele fez sexo oral em você, você fez sexo oral nele, ficaram sarrando, houve penetração vaginal, você teve orgasmo...)

Quem sugeriu cada uma das práticas que aconteceram? Houve algum tipo de negociação?

Quanto tempo durou a transa?

Houve outro tipo de compensações além do prazer obtido (dinheiro, presentes, etc.)?

Se reencontraram?

Pensou em evitar filhos nesta transa? Pq?

Pensou em se proteger de IST? PQ?

Fez algo para evitar filhos nesta transa? PQ?

Fez algo para se proteger de IST? Pq?

Usou método(s) para evitar filhos? Pq? Se usou, explica qual (is) e como usou (em que momento da transa se preocupou, como o parceiro reagiu, etc)?

Usou método(s) para se proteger de IST? Pq? Se usou, explica qual (is) e como usou (em que momento da transa se preocupou, como o parceiro reagiu, etc)?

Se houve re-encontro, como foi, por iniciativa de quem, se encontraram aonde, o que fizeram, foram para onde para transar (caso tenha havido transa); quantas vezes mais foram se re-encontrando, como, onde, quando, como, por que. Geralmente, a transa se dava por iniciativa de quem?

Havia a tentativa de novas práticas sexuais? Quais? Quais as que você gostou mais? Quais as que você não gostou? Para cada prática mencionada: quem sugeriu? Houve algum tipo de negociação sobre tal prática (algo sobre como fazer – mais rápido ou devagar, p. exemplo)? Se encontraram aonde? Foram para onde para transar?

Deve explorar nesta retomada, os momentos em que usou ou não métodos para evitar a gravidez e se proteger de IST. Deve retomar o roteiro da primeira transa

*para saber mais sobre a(s) transa(s) que mais marcou(aram), a partir da pergunta:
Onde se encontraram? Como era o local?*

Se for com um namorado:

Qual foi a razão para iniciar tua vida sexual nesse momento?

Quanto tempo foi desde o encontro até a decisão da transa?

Onde vocês transaram e por que a escolha do local?

O que acontecia no lugar?

Como se deu o encontro?

Como ele estava vestido e/ou o que usava?

Como você estava vestida e/ou o que usava?

Você estava sozinha com ele? Tinha outras pessoas próximas?

Vocês ficaram nus? O que você sentiu?

O que você sabia sobre práticas sexuais?

O que aconteceu nesta transa? (se beijaram, ele fez sexo oral em você, você fez sexo oral nele, ficaram sarrando, houve penetração vaginal, você teve orgasmo...)

Quem sugeriu cada uma das práticas que aconteceram? Houve algum tipo de negociação?

Quanto tempo durou a transa?

Houve outro tipo de compensações além do prazer obtido (presentes, etc.)?

Pensou em evitar filhos nesta transa? Pq?

Pensou em se proteger de IST? PQ?

Fez algo para evitar filhos nesta transa? PQ?

Fez algo para se proteger de IST? Pq?

Usou método(s) para evitar filhos? Pq? Se usou, explica qual (is) e como usou (em que momento da transa se preocupou, como o parceiro reagiu, etc)?

Usou método(s) para se proteger de IST? Pq? Se usou, explica qual (is) e como usou (em que momento da transa se preocupou, como o parceiro reagiu, etc)?

Se transou novamente com este namorado: quantas vezes mais foram se re-encontrando. Havia facilidade ou dificuldade para encontrar um tempo e um lugar para transar? Quais?

Geralmente, a transa se dava por iniciativa de quem?

Havia a tentativa de novas práticas sexuais? Quais? Quais as que você gostou mais? Quais as que você não gostou? *Para cada prática mencionada: quem sugeriu? Houve algum tipo de negociação sobre tal prática (algo sobre como fazer – mais rápido ou devagar, p. exemplo)? Se encontraram aonde? Foram para onde para transar?*

Deve explorar nesta retomada, os momentos em que usou ou não métodos para evitar a gravidez e se proteger de IST. Deve retomar o roteiro da primeira transa para saber mais sobre a(s) transa(s) que mais marcou(aram).

RELAÇÃO(ÕES) SEXUAL(AIS) QUE MAIS MARCOU(ARAM) COM CADA NAMORADO

Toda vez que ela tiver mencionado que transou com um namorado, deve perguntar sobre a 1ª relação sexual com este namorado, retomando as perguntas da 1ª relação sexual colocadas acima. *Deve explorar os momentos em que usou ou não métodos para evitar a gravidez e se proteger de IST.* Também deve tentar saber sobre uma transa que foi marcante neste namoro, retomando o roteiro da 1ª relação sexual, *a partir da pergunta: Onde se encontraram? Como era o local? Deve explorar nesta transa mais marcante, os momentos em que usou ou não métodos para evitar a gravidez e se proteger de IST.*

ENVOLVIMENTO SEXUAL COM PESSOAS QUE NÃO NAMOROU

Você já teve outras experiências sexuais, fora do namoro?

Quais? Como se deram?

Houve transa? Em quais?

O que levou ao envolvimento (para cada pessoa citada)?

O que lhe chamou a atenção nele?

O que você acha que chamou a atenção dele, em relação a você?

Se reencontraram?

*Tentar saber o máximo possível sobre **a relação sexual que mais marcou**, para cada uma das pessoas citadas, utilizando o roteiro da 1ª relação sexual que não se deu com o namorado, **a partir da pergunta: Que idade você tinha? Que idade ele tinha? Deve explorar nesta transa mais marcante, os momentos em que usou ou não métodos para evitar a gravidez e se proteger de IST.***

Se não citar relação sexual, procurar explorar outras práticas citadas, perguntando:

Quais? Quais as que você gostou mais? Quais as que você não gostou? Para cada prática mencionada: quem sugeriu? Houve algum tipo de negociação sobre tal prática (algo sobre como fazer – mais rápido ou devagar, p. exemplo)? Se encontraram aonde? Onde fizeram tal prática?

ÚLTIMA RELAÇÃO SEXUAL

Quando foi sua última relação sexual?

Com quem (namorado, paquera...)?

Aplicar o roteiro da 1ª relação sexual:

Se não for com um namorado, a partir da pergunta: *Como tomou a decisão de transar?*

Se for com um namorado, a partir da pergunta: *Onde vocês transaram e por que a escolha do local?*

Deve explorar nesta última transa, os momentos em que usou ou não métodos para evitar a gravidez e se proteger de IST.

AO FINAL, SE O ASSUNTO NÃO TIVER SIDO MENCIONADO ANTES:

- Se usou um ou mais métodos para evitar gravidez e se proteger de doenças:

Pq vc acha que usando este(s) método(s), você evita a gravidez e se protege de doenças?

Você conhece outros métodos que façam isso? Quais? Como eles atuam? Vc tem alguma dificuldade para usar este(s) método(s)? Qual (is)? Ele(s) está(ão) sempre acessível (eis) a vc?

Você já usou outros métodos? Quais? Em que situações? Quais as dificuldades que encontrou? Quando usou este(s) método(s) tinha a intenção de evitar filhos e se proteger de IST? Pq não continuou usando este(s) método(s)?

Fora estes métodos que vc já mencionou, vc conhece outros? Qual(is)? Sabe como usá-lo(s)? Conhece os efeitos colaterais que possui(m)? Sabe se é um método seguro? Pq não experimentou este(s) método(s)?

- Se não mencionou nenhum método:

Você usou algum método para evitar gravidez? Porque? Quais?

Você usou algum método para se proteger de doenças? Porque? Quais?

O que você faria para evitar gravidez e se proteger de doenças?

Você conhece métodos para evitar gravidez? Qual(is)? Sabe como usá-lo(s)? Conhece os efeitos colaterais que possui(m)? Sabe se é um método seguro? Pq não experimentou este(s) método(s)?

Você conhece métodos para se proteger de doenças sexualmente transmissíveis? Qual(is)? Sabe como usá-lo(s)? Conhece os efeitos colaterais que possui(m)? Sabe se é um método seguro? Pq não experimentou este(s) método(s)?